

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**JULIANA LAZZAROTTO FREITAS**

**OPÇÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISAS NA ÁREA DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES A UMA ANÁLISE DE DOMÍNIO**

**CURITIBA**

**2012**

**JULIANA LAZZAROTTO FREITAS**

**OPÇÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISAS NA ÁREA DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES A UMA ANÁLISE DE DOMÍNIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leilah Santiago  
Bufrem

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria Breda.

**CURITIBA**

**2012**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

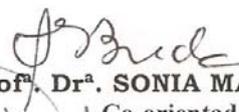
**JULIANA LAZZAROTTO FREITAS**

**“OPÇÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISA NA ÁREA DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES A UMA ANÁLISE DE DOMÍNIO”**

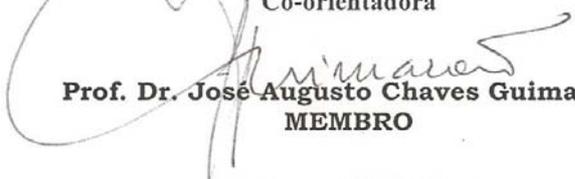
**DISSERTAÇÃO APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CIÊNCIA, GESTÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, PELA SEGUINTE BANCA  
EXAMINADORA.**



**Profª. Drª. Leilah Santiago Bufrem**  
**Presidente**



**Profª. Drª. SONIA MARIA BREDA**  
**Co-orientadora**



**Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães**  
**MEMBRO**



**Prof. Dr. Egon Walter Wildaeur**  
**MEMBRO**

29 de fevereiro de 2012

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial, à Professora Dra. Leilah Santiago Bufrem pela orientação, compreensão, confiança e amizade, com quem tenho o constante privilégio de aprender e crescer pessoal e intelectualmente e por quem tenho uma grande admiração.

À Professora Dra. Sônia Maria Breda, pelo seu olhar atento e minucioso necessário ao fazer pesquisa, com suas observações e sugestões consideradas determinantes para o delineamento do estudo.

Ao Professor Dr. José Augusto Chaves Guimarães, pelas ricas contribuições dadas no momento da qualificação.

Ao colega Rene Faustino Gabriel Júnior, que apoiou e colaborou para que esse trabalho fosse concretizado.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e Perfil Profissional.

À Capes pela concessão da bolsa que viabilizou o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todas as pessoas que participaram diretamente da minha caminhada de formação pessoal e profissional: meus queridos pais, amigos e “parceiros” bolsistas.

## RESUMO

Estudo sobre modos de organização de pesquisas por opções metodológicas na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Objetiva evidenciar como a organização da produção científica por opções metodológicas na área pode contribuir para a identificação de características dessa produção bem como para a realização de análises de domínio. Elabora categorias baseadas nos fundamentos teóricos e tentativas anteriores de classificação de pesquisas por suas opções metodológicas. Apresenta como proposta uma classificação por cinco categorias gerais, a saber: a pesquisa quanto aos seus fins, quanto aos seus meios, quanto aos seus enfoques, quanto às técnicas utilizadas e quanto às análises realizadas. Discute a aceitação da proposta, sua ampliação e aperfeiçoamento pelos produtores de conhecimento na área. Aplica empiricamente a proposta em um *corpus* representativo de uma realidade concreta do domínio da CI, representado por 689 artigos, ou seja, 10% da produção de artigos indexados na Brapci de 1972 a 2010. Adota o questionário, como técnica de coleta de informações com especialistas e produtores de conhecimento sobre o tema. Utiliza a modalidade de análise de conteúdo para interpretar as respostas do questionário, assim como, para identificar as opções metodológicas dos autores no corpus selecionado. Apresenta um referencial teórico sobre: produção científica; bases de dados como instrumento de divulgação científica; organização do conhecimento; o método, suas origens e concepções; as concepções e correntes epistemológicas; as relações de complementaridade entre metodologia e epistemologia; os pólos da pesquisa; as relações desse objeto com a área de CI e as tentativas anteriores de organização de pesquisas por opções metodológicas na CI. Analisa as características da produção científica da CI. Dessa análise conclui que na pesquisa quanto aos fins, relativa ao seu grau de profundidade, há a predominância dos estudos exploratórios seguidos dos estudos descritivos em detrimento dos estudos metodológicos, avaliativos e especialmente aos explicativos. Destaca que essa predominância reforça a característica de ciência social da CI. Na categoria de pesquisa quanto aos meios, a pesquisa bibliográfica bem como a pesquisa documental apresentam maior grau de incidência, seguidas dos estudos de caso em terceira colocação. As técnicas de observação sistemática, questionário e entrevista são preferencialmente utilizadas nos artigos do *corpus*. Em relação aos tipos de análise, a análise documental e de conteúdo são as mais recorrentes nas pesquisas analisadas. Os enfoques de pesquisa que se sobressaem são o teórico, o histórico e o bibliométrico. Observa que o enfoque dialético incide em estudos sobre questões educacionais. Percebe que, por meio da conjunção do uso de opções metodológicas, correntes epistemológicas são explicitadas nos artigos em períodos determinados, com destaque aos estudos característicos do positivismo no período de 1972 a 1981 e à influência da corrente fenomenológica no período de 1982 a 1991, a qual ampliou o uso de métodos nas pesquisas qualitativas.

**Palavras-chave:** Metodologia científica. Ciência da Informação. Categorização de opções metodológicas. Opções metodológicas. Base Brapci.

## **ABSTRACT**

*It is a study on ways of organizing researches by their methodological options in Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). It highlights how the organization of scientific production by its methodological options in Information Science (IC) contributes to identification of its production features as well as the domain analysis. It establishes categories based on theoretical foundations and previous attempts at classification of methodological options. It proposes a classification constituted of five categories, namely: the research and their purposes, their means of searching, their approaches, their techniques used and the type of analysis performed. It discusses its acceptance as well as the possibilities of expansion and improvement of the categorization by the knowledge producers in the area. It empirically applies the proposal in a representative corpus of IC reality, represented by 689 articles, 10% of the production indexed in Brapci from 1972 to 2010. It adopts the questionnaire, a technique for gathering information about the subject with specialists and knowledge producers. It uses content analysis to interpret the questionnaire answers and to identify the author's methodological options in the selected corpus. It presents a theoretical basement about: scientific production, databases as tools for scientific communication, knowledge organization, the method and its origins and conceptions, epistemological currents, the relation between methodology and epistemology, the poles of the scientific research, the research in IC and the previous attempts to organize researches by methodological options in the area. This analysis concludes that the research about its purposes, in relation to the depth of the research, identifies the predominance of exploratory followed by descriptive studies, rather than methodological, evaluative and explanatory studies. It emphasizes the character of the social science as predominant in the area. Realizes that the bibliography, the documentary research and the case studies, respectively in first, second and third positions as a mean of research are more incident in this scientific periodic production. The systematic observation technique, the questionnaire and the interview are preferably used in the analyzed articles. It identifies that document analysis and content analysis are the most used types of analysis in the corpus. The predominant approaches are the theoretical, historical and bibliometric approaches. It is observed that the dialectic approach turns to the studies about educational issues. It realizes, through the conjunction of methodological options used, that epistemological currents are explained in the articles, according to specific periods, with emphasis on studies with characteristics of positivism in the period between 1972 and 1981 and on the influence of phenomenological current from 1982 to 1991, which expanded the use of methods in qualitative research.*

**Keywords:** *Scientific Methodology. Information Science. Categorization of Methodological Options. Brapci Database.*

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Brapci	Base de dados Referenciais de artigos de periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
ISKO	<i>International Society for Knowledge Organization</i>
LIS	<i>Library and Information Science</i>
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
RI	Recuperação da Informação
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
2.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA .....	12
2.2 BASES DE DADOS COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA ..	14
2.3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	16
2.4 CONCEPÇÕES SOBRE O MÉTODO .....	22
2.5 O ENSINO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: REPERCUSSÕES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA .....	31
2.6 CONCEPÇÕES SOBRE EPISTEMOLOGIA .....	33
2.7 A EPISTEMOLOGIA E O DOMÍNIO DA CI .....	37
2.8 COMPLEMENTARIDADE ENTRE METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA .....	39
2.9 CLASSIFICAÇÃO DE PESQUISAS NAS CIÊNCIAS .....	44
2.10 OPÇÕES METODOLÓGICAS DE PESQUISAS EM CI .....	47
<b>3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b> .....	52
<b>4 RESULTADOS</b> .....	56
4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS .....	57
4.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	64
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE CATEGORIZAÇÃO DE OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	94
<b>APÊNDICE B – RESPOSTAS RECEBIDAS</b> .....	96
<b>APÊNDICE C – QUADRO PARA SISTEMATIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS PESQUISADORES</b> .....	101
<b>APÊNDICE D – REFERÊNCIA DO CORPUS DE ARTIGOS ANALISADOS SEGUIDA DE SEU RESPECTIVO NÚMERO ALEATÓRIO</b> .....	103
<b>APÊNDICE E – OPÇÕES METODOLÓGICAS IDENTIFICADAS NA BRAPCI PARA AS CATEGORIAS PROPOSTAS</b> .....	143
<b>ANEXO A – PRODUTIVIDADE ANUAL DE PESQUISAS DA BRAPCI</b> .....	145

## 1 INTRODUÇÃO

As trajetórias metodológicas ou estruturas para realização de trabalhos científicos revelam correntes de pensamento que fundamentam sua construção científica. Toda prática científica está contextualizada em uma realidade concreta, ou seja, num domínio teórico de pesquisa como estrutura para o desenvolvimento das trajetórias metodológicas.

As práticas de investigação científica são estruturadas pelo uso integrado e convergente de quatro pólos da pesquisa, os quais constituem o modelo topológico da prática metodológica de Bruyne *et al.* (1977). O pólo teórico, segundo os autores, é relativo ao desenvolvimento do referencial teórico que fundamenta a pesquisa, o morfológico refere-se à estruturação formal do objeto científico, enquanto o pólo técnico relaciona-se aos procedimentos e técnicas utilizados pelos pesquisadores e o epistemológico refere-se à construção e delimitação do problema e objeto da pesquisa.

Considerando a tentativa de contribuição científica em relação às opções metodológicas, busca-se possibilitar a realização de análises da produção periódica da CI bem como de seus fundamentos epistemológicos “para que se reconheça um domínio de pesquisa científica coerente com os métodos construídos pelos estudiosos em suas práticas de pesquisa” (BUFREM, 2009). Em relação a essa questão, Sánchez-Gamboa afirma que: “se pretendemos o aprimoramento da pesquisa, é preciso encarar a reflexão sobre os métodos e suas relações com as técnicas no contexto das epistemologias que os fundam” (1997, p. 67).

A investigação das possibilidades de se elaborarem categorias para tipos metodológicos de pesquisas não tem a pretensão de se estabelecer como um modelo consolidado de modo a engessar formatos de pesquisa. Procura-se, sim, uma estrutura flexível e não reducionista das opções de investigação, isto é, não fechada às novas possibilidades de adequação de métodos que se ampliam segundo as condições contextuais, visto que as categorias tendem a representar estruturas dinâmicas e exoráveis de organização do conhecimento.

Parte-se então da seguinte questão de investigação: que possibilidades a organização do conhecimento por opções metodológicas no campo da CI traz para a identificação e análise de domínio da produção periódica científica da área?

O estudo e o resgate histórico da produção científica de uma área, considerando suas estruturas teórico-metodológicas, são relevantes porque permitem uma maior compreensão do domínio científico em questão. Lloyd (1995, p. 38) justifica essa necessidade quando diz que “a análise de uma construção científica permite melhor compreender as explicações e o emprego de arcabouços que incluem pressupostos metodológicos e filosóficos”.

Se enfocada a CI no contexto brasileiro, deve-se considerar sua breve existência em relação a outras formações científicas que tampouco se notabilizam pela sua historicidade. De acordo com Paviani (2005) em prefácio da obra de Köche (2005), a pesquisa no Brasil chegou tarde, e conseqüentemente, mais tarde ainda, chegou a reflexão epistemológica. E é também com esse desígnio que se busca organizar o conhecimento por meio de opções metodológicas.

Com a categorização de opções metodológicas proposta e colocada em discussão nesse estudo, pretende-se identificar e analisar os desdobramentos metodológicos das pesquisas em CI no Brasil. Destaca-se, de modo especial, a posição de González de Gómez (2000, p. 1) sobre a definição das estratégias metodológicas em relação ao domínio epistemológico:

os métodos, quantitativos, qualitativos, comparativos, assim como as técnicas de coleta e análise da informação, definem a direção e modalidade das ações de pesquisa de modo secundário, estando já ancorados num domínio epistemológico e político que acolhe e legitima as condições de produção do objeto da pesquisa. Uma metodologia de pesquisa teria, para nós, e como primeira tarefa, a tematização dessas condições de produção do objeto de conhecimento.

Essa instância legitimadora também é destacada por Rendon-Rojas (2008, p. 5), quando afirma que a metodologia é essencial na construção do conhecimento científico, porém ao mesmo tempo deve-se reconhecer que toda metodologia integra-se a uma epistemologia. Desse modo, o rigor e as exigências da prática metodológica decorrem dos pressupostos epistemológicos que fundamentam as pesquisas.

Considerando-se a importância de integração dos pólos da pesquisa na atividade de investigação, busca-se salientar a relação de dependência entre teoria e prática, pela qual se integram os modos de se fazer pesquisa. Evidencia-se dessa

forma a importância de estudos teóricos que retratem a realidade de um campo científico, a fim de revelar o caminho seguido por seus pesquisadores e as correntes de pensamento que os influenciam e os sustentam. Adota-se aqui a conceituação de Bourdieu (1983, p. 136) ao afirmar que o campo científico é um espaço simbólico, estruturado, onde os agentes produzem, reproduzem e difundem o conhecimento científico, onde se estabelecem relações de força e dominação, e os seus agentes desigualmente dotados de capital científico estão em permanente luta por sua aquisição.

A análise de uma construção científica, portanto, permite verificar não somente a incidência de estudos sobre um tema, mas também as contribuições metodológicas mais significativas para o desenvolvimento dos saberes específicos. Pressupõe-se que esses conjuntos de ideias e crenças a respeito do mundo e do modo como é percebido pertencem aos domínios do conhecimento, produtos da história, da teoria e das descobertas científicas ao longo dos séculos. Os procedimentos científicos são os meios para se chegar às análises e produzir conhecimento em todos os campos. Conforme lembram Bruyne *et al.* (1977, p. 16) “na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é ao mesmo tempo aquisição de saber, aperfeiçoamento de metodologia e elaboração de norma”.

Procura-se, a partir dessas premissas, verificar como se concretizam e o que revelam esses modos de realização de pesquisa na CI. Esses modos podem representar tendências teóricas e ideológicas predominantes em um campo, já que os métodos científicos usados nas pesquisas refletem os fundamentos epistemológicos em que se baseiam os autores da área. Destaca-se então, a importância de desconstruir e construir a estrutura da literatura, em especial, neste caso, dos rumos metodológicos adotados pelos autores da área.

Para isso, primeiro faz-se necessário um estudo metodológico a fim de suprir a dificuldade constatada na literatura em relação à questão da definição, não apenas do que seja pesquisa, mas também de uma tipologia relacionada às suas categorias, métodos, estratégias, técnicas ou instrumentos, considerando a variedade e diversidade de classificações, a necessidade de organizar critérios para estudos e análises de conteúdo e a dificuldade operacional que vêm enfrentando os pesquisadores, devido à inadequação ou inconsistências de sistemas de classificação existentes.

A motivação pessoal da autora para a pesquisa vem da preocupação em identificar as possibilidades de organização do conhecimento cientificamente construído por opções metodológicas no campo da CI, como contribuição ao estudo dos fundamentos epistemológicos das pesquisas na área, a partir da análise de resultados da categorização. Essa contribuição apresentou-se desde que, nas pesquisas que vêm sendo realizadas pelo Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e perfil Profissional com a Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), aventou-se a possibilidade de incorporar à representação dos artigos científicos, as modalidades e opções de pesquisa realizadas pelos autores.

As considerações aqui realizadas indicam ser possível apontar bases teóricas e metodológicas para uma epistemologia da CI, fundamentadas nos pressupostos e paradigmas de Bachelard (1996) e Ginzburg (1991). O primeiro, com sua epistemologia histórica e com o conceito de ciência formativa, por meio dos três estados de espírito científico e o segundo com o conceito de paradigma indiciário, cuja proposta parte da intuição empírica e racional como base metodológica para “o fazer científico”.

Enfim, concorda-se com a hipótese de Bufrem (2009, p. 5) de que “a produção científica, seja qualquer o seu grau de desenvolvimento ou a sua formalização metodológica, sempre pressupõe formas de consciência, pelas quais os pesquisadores dão sentido e significado às suas práticas”.

Tem-se como objetivo geral evidenciar como uma organização do conhecimento por opções metodológicas na área de CI pode contribuir para a identificação de características da produção e com a análise de domínio. Para tanto, propõe-se uma categorização das opções metodológicas aplicadas em uma realidade da área. A concretização do objetivo geral desdobra-se nos objetivos específicos:

- a) identificar e relacionar na literatura os conceitos relativos às opções metodológicas de pesquisa;
- b) elaborar proposta de categorização das opções metodológicas baseada nos fundamentos teóricos e tentativas anteriores, assim como na apreciação dos produtores de conhecimento da área;
- c) aplicar empiricamente a proposta em um corpus representativo de uma realidade concreta do domínio da CI;

- d) analisar as características da produção científica da CI a partir da aplicação da categorização de opções metodológicas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico desenvolvido permite clarificar conceitos relativos às opções metodológicas de pesquisa e à epistemologia, relacionando-os à área da CI, assim como as concepções de método científico por distintas correntes que tratam da natureza e da construção do método. Reforça-se a importância da produção científica como meio para divulgação de pesquisas e para a realização de análises de domínio. Também são buscadas concepções de organização do conhecimento como meio para fundamentar a proposta de categorização das opções metodológicas.

### **2.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Deve-se ter em conta que a literatura científica é o meio de divulgação de pesquisas e troca de conhecimentos entre pesquisadores de uma área e busca estimular seu desenvolvimento e o processo natural de sua consolidação.

De acordo com Bufrem, pode-se dizer que a “produção individual e coletiva da literatura periódica científica, elemento substantivo dessas práticas, é um processo dinâmico, socialmente construído” que, em grande parte, mantém e “reproduz estruturas científicas e, às vezes, as transforma” (BUFREM, 2009, p. 4). Segundo a autora, “os periódicos científicos permitem aos pesquisadores olhares voltados à compreensão da história da produção intelectual de áreas específicas” e, de modo especial, de como se desenvolveram os encaminhamentos metodológicos das pesquisas, razão pela qual foram aqui escolhidos como objeto de estudo.

Esse olhar é favorecido pela conjuntura dinâmica em que se encontra esse tipo de publicação, que tem sido objeto de pesquisas na área de CI, como a de Mueller (2008, p. 9), sobre as mudanças ocorridas com o surgimento dos periódicos eletrônicos. Segundo a autora, “suas vantagens e desvantagens foram temas

bastante explorados no final da década de 1990”. Recentemente tem havido estudos que descrevem periódicos eletrônicos ou versões eletrônicas de periódicos impressos, avaliando também sua aceitação ou discorrendo sobre a transição dos suportes impresso para eletrônico. Entretanto, ainda segundo a autora, embora a história dos periódicos seja um assunto conhecido, isso não ocorre em relação à dos periódicos brasileiros, cuja origem reporta-se ao surgimento das revistas literárias do século XIX.

Nota-se a relevância do periódico como canal de comunicação científica também no estudo de Stumpf (1996) que, motivada pelo mesmo contexto, realiza um resgate da história marcada pela evolução e pelas alterações sofridas pelas revistas científicas, por três séculos, até o momento de desempenharem importante papel no processo de comunicação da ciência. Segundo a autora (STUMPF, 1996, p. 2), o periódico científico que caracterizou uma forma de comunicação, no século XVII, era constituído de alguns artigos mais breves e específicos que as cartas e as atas anteriormente utilizadas. Além disso, segundo ela, eliminava qualquer conotação pessoal na forma de expressão. Os artigos de periódicos são importantes canais de comunicação da ciência, fortalecendo-a como prática questionadora do senso comum. Para Bufrem (2009, p. 4), essas fontes privilegiadas de produção de conhecimento apresentam virtualidades como modelos exemplares de uma prática de extrema relevância para o desenvolvimento da ciência, enquanto frutos de pesquisa e reflexão.

De acordo com Mueller (2008, p. 7), a citada frase ‘a comunicação é a essência da ciência’ se reflete no interesse pelo estudo das publicações científicas, entre as quais o artigo científico ainda é o canal principal. Ainda segundo a autora, o estudo de periódicos isolados e estudos sobre grupos de periódicos têm sido frequentes na literatura da área. “Esses estudos analisam o periódico ou grupo de periódicos sob diversos ângulos, muitas vezes, usando a bibliometria para identificar características dos artigos, como temas, autorias, citações” (MUELLER, 2008, p. 8).

A produção científica, expressa através das publicações, é um dos mais importantes indicadores de desenvolvimento da ciência. Isto significa não só quantificar e qualificar as publicações produzidas como meio de monitorar a ciência, mas também investigar aspectos desta produção, como a avaliação das publicações periódicas (STUMPF *et al.*, 2006).

Logo, considera-se que a proposta destes materiais é elucidar ou analisar cientificamente um domínio da realidade, do ponto de vista teórico ou empírico. Quanto ao domínio, de acordo com Lloyd (1995, p. 25), é um recurso para constituir teoricamente objetos de investigação, assim como “para incorporar e fazer justiça à história da ciência em sua acumulação de conhecimento”.

Alicerçada nas idéias de Lloyd, Bufrem (2009, p. 5) afirma que a produção científica desenvolvida em determinados contextos sociais e momentos históricos reflete as mudanças e contradições desse contexto, tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações. A mesma autora, baseada no pressuposto de que a conjuntura política e os fatores relacionados a tal conjuntura influenciam as formas de produção do conhecimento científico e também do conhecimento técnico, considera que esse conhecimento produzido, além de mero produto final da ciência, adquire papel ideológico, tornando-se instrumento de legitimação do poder. Portanto, faz-se necessário desvendar as formas de legitimação e reforço desse poder também nas expressões formais e modelos que o reproduzem.

## 2.2 BASES DE DADOS COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Consideram-se as atividades de categorização e padronização inevitáveis à organização do conhecimento em bases de dados, especialmente quando especializadas, haja vista a importância de tal processo para promover a recuperação de documentos e facilitar suas análises.

Embora a categorização muitas vezes seja percebida como uma tentativa de engessamento de estruturas dinâmicas de informação e conhecimento, no contexto das bases de dados tem sido entendida como um modo de sistematizar informações em prol da recuperação de conteúdos inseridos em documentos, uma vez que a área de pesquisa da Recuperação da Informação (RI) volta-se à obtenção da informação, seja oriunda de pessoas, instituições, seja de sistemas computacionais, que, neste último caso, alicerçam as bases de dados.

Pasquarelli *et al.*, com a preocupação em organizar e estruturar dados com fins de recuperação, em 1989, já relatam a metodologia utilizada para o controle da produção técnico-científica e artística gerada na Universidade de São Paulo, por

meio da organização de módulo específico no Banco de dados bibliográficos. Os autores indicam algumas dificuldades, tanto para a caracterização adequada dos vários tipos de documentos, como para os procedimentos de automação.

Sobre o processo de RI, afirma Marchionini (1989, p. 58) que o mesmo “inclui reconhecer e interpretar a informação requerida, estabelecer uma estratégia de busca, conduzir uma busca, analisar e avaliar os resultados e, caso necessário, interagir através de todo o processo novamente”. Mediante a complexidade na realização dessas tarefas, se vê expressiva a preocupação dos profissionais da informação em desenvolver técnicas de organização da informação e do próprio conhecimento inserido em documentos, assim como métodos de busca a fim de atender com maior agilidade e precisão às necessidades dos usuários dos sistemas de recuperação e também dos pesquisadores que desenvolvem estudos por meio da produção científica de um domínio.

À medida que se popularizou o uso do computador, apareceram novos sistemas de RI, cujos diferentes métodos para ordenação e indexação da informação foram analisados por Oliveira e Medeiros (2009, p. 419). Para eles tal fenômeno determinou a importância de identificar quais sistemas eram capazes de recuperar um maior número de documentos relevantes ou, ainda, qual deles tinha melhor precisão no atendimento às necessidades da informação expressas pelo usuário. Essa recuperação em larga escala se torna mais precisa e eficiente quando feita em bases e bancos de dados, instrumentos de organização e recuperação das informações, grandemente alicerçados pela informática.

Segundo Lopes (2002, p. 65), os bancos de dados, entendidos como sistemas de RI, apresentam uma complexidade inerente às estruturas que os suportam, no processo de armazenamento e busca de informação, envolvendo uma série de aspectos interdependentes. Um destes aspectos, de acordo com a autora, é o planejamento de estratégias de busca específicas, a fim de se obter qualidade na informação recuperada. Esta qualidade exige cuidados e atenção a indicadores, conforme alerta Bufrem (2008, p. 2). A análise sobre indicadores de qualidade é parte das atividades de um processo em que se clarificam e distinguem a provisão da base e o seu monitoramento. Entretanto, considerar que os indicadores não são um fim em si mesmo, mas instrumentos práticos para a administração de bases de dados e tomadas de decisão, implica o encaminhamento dado ao seu processo de

assunção, que, esse sim, volta-se aos propósitos ou fins para os quais se construiu o objeto. Assim, destacam-se os indicadores, conforme a consistência interna da base de dados, por um lado e, por outro, em relação ao usuário e ao contexto em que se situam as relações de busca e recuperação.

Esse processo de recuperação, análise e interpretação da produção científica em CI vem sendo constantemente realizado na base Brapci, devido às possibilidades e condições de efetivação de pesquisas que esta oferece. O desenvolvimento do seu modelo é marcado pelo contínuo aperfeiçoamento na sistematização e organização da literatura periódica da área. Tal preocupação faz da Brapci o mais completo repositório da produção científica periódica em CI no Brasil, com 34 publicações indexadas, dentre estas, 26 revistas científicas vigentes e oito descontinuadas. A Brapci totalizava, quando da retirada da amostra para este estudo<sup>1</sup>, aproximadamente 6.720 artigos disponibilizados. Deve-se destacar que a atividade de categorização é abarcada neste processo de desenvolvimento e manutenção da base.

### 2.3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Em vista da historicidade dos processos de categorização como forma de organizar as informações e os conhecimentos, que neste caso estão inseridos em base de dados e visam possibilitar a comunicação e divulgação científica, dedicam-se aqui reflexões voltadas à busca da origem das aplicações de tais processos até as concepções recentes sobre a prática de Organização do Conhecimento (OC). Apesar de a expressão ser conhecida desde a década de 1930, foi em 1989 com a criação da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) que se incitaram estudos e reflexões mais aprofundados sobre o tema pelos pesquisadores da área da CI. (PANDO; GUIMARÃES, 2006).

Com a evolução tecnológica e o conseqüente aumento das possibilidades de disponibilização e disseminação da informação, os suportes e ferramentas de OC não mais se adéquam ao formato tradicional de documento. Essa realidade parece

---

<sup>1</sup> Amostra retirada da Brapci em 15 de abril de 2011.

escapar às tentativas de estruturação de informações e de conhecimento em forma de categorias, cujos fundamentos criteriosos revestem-nas de uma aparente rigidez.

Partindo-se de concepções sobre OC, observa-se que a atividade de categorização do ponto de vista crítico pósmoderno remete às estruturas rígidas, consolidadas, incapazes de considerar a evolução de domínios com seus respectivos termos, e no caso deste estudo específico, à evolução de técnicas e opções metodológicas.

Entretanto, o desenvolvimento da atividade de categorização foi marcante para os estudos de organização da informação (OI) e de OC, embora hoje, se reforcem as tentativas de OI, considerando a diversidade de suportes e a dinamicidade da informação que os caracteriza.

Para clarificar a distinção entre OI e OC, a primeira, de acordo com Brandt e Medeiros (2010, p. 112), é relativa aos registros físicos do conhecimento, e a segunda refere-se à organização de um conjunto de conceitos (unidades do conhecimento) presentes em certa área temática.

Os autores, (2010, p. 117) afirmam que “esta distinção é essencial para a teoria da OC”, e que não está relacionada apenas à “organização das ciências, mas do conhecimento de forma geral”. A OC relaciona-se à dinâmica de um campo de atuação concreta, que apresenta um forte ritmo de crescimento em um contexto pragmático, a fim de facilitar a representação e utilização do conhecimento adquirido e organizado.

Há autores que definem a OC como um processo que, para outros, refere-se à OI. Para Broughton *et al.* (2005 *apud* BRANDT; MEDEIROS 2010, p. 112), a OC é relativa aos sistemas de organização como tesouros, sistemas de classificação, redes semânticas, entre outros.

Para Chernyi (1997 *apud* GOMES, 2009, p. 61), a OC pode ser entendida, como “representação ordenada do conhecimento para alcançar propósitos específicos”, sendo o propósito “o fator dominante para a escolha de um método de descrição, formalização e representação do conhecimento”.

Hjørland (2007) diferencia a OC em dois tipos, a organização social do conhecimento e a organização intelectual do conhecimento. A primeira se refere à categorização de disciplinas, feita de acordo com interesses institucionais e

acadêmicos, já a segunda refere-se à organização do conhecimento com bases inerentes ao próprio conhecimento de um domínio em questão.

Embora a OI seja pautada por atividades de organização que implicam a categorização, entende-se que a OC requer um aprofundamento conceitual e minuciosidade na descrição de atributos e características específicas dos objetos analisados e também no estabelecimento de relações entre estes.

Portanto, concorda-se com Dahlberg (1978, p. 102) que entende por categoria “o conceito na sua mais ampla extensão”, pois abarca o maior número de características ou atributos.

Um conceito segundo a autora é uma compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto (1978). A representação de uma categorização é feita por uma linguagem, a qual, quando representativa de um contexto científico deve buscar a máxima precisão, atuando como um instrumento para fixar conceitos sobre determinado objeto.

Em relação à apropriação do conceito na CI, Bufrem e Gabriel Junior (2011, p. 53) afirmam que:

se aceita a concepção de “conceito” como aquilo que a mente concebe ou entende, ou seja, uma noção ou representação geral de uma realidade concreta, tem-se o “termo” como a representação da representação, associada a um objeto do universo de discurso ou a uma unidade semântica.

Segundo os autores, os conceitos carregam significados e são universais por se aplicarem igualmente a todas as coisas em sua extensão. As representações expressas a partir de conceitos são determinadas pela realidade, mas também “são determinantes em relação aos termos definidos, devido às relações necessárias e obrigatórias entre a natureza, o conhecimento e os elementos representativos da realidade” (2011, p. 53).

Sobre a noção de categoria, evidenciada acima, Dahlberg (1978) a utiliza como um recurso para o entendimento da natureza do conceito e também para a formação de estruturas conceituais, não considerando estes dois aspectos de forma excludente, e sim, complementares.

A atividade de categorizar, segundo Binwal (2001 *apud* CAMPOS; GOMES, 2006, p. 355) significa um processo cognitivo de dividir o mundo da experiência humana em grupos gerais ou categorias amplas compreendendo certos

componentes que compartilham similaridade imediata em termos de atributos num dado contexto. Para ampliar tal entendimento, complementa-se com a definição de categorização por Campos e Gomes (2008), um processo que requer pensar o domínio de forma dedutiva, a partir da determinação de classes de maior abrangência dentro da temática escolhida. Segundo as autoras (CAMPOS; GOMES, 2006, p. 356), “aplicar a categorização é analisar o domínio a partir de recortes conceituais que permitem determinar a identidade dos conceitos (categorias) que fazem parte deste domínio”.

“O uso das categorias para a organização de conceitos em uma determinada área de interesse foi introduzido por Ranganathan (1967) no âmbito da documentação, a partir de sua teoria da classificação facetada” (CAMPOS; GOMES, 2006, p. 355). Ranganathan usa a noção de categoria para a análise dos assuntos contidos nos documentos e para a organização dos componentes desses assuntos (isolados) em um esquema de classificação em que cada faceta de qualquer tema, assim como o foco sob o qual é analisada é uma manifestação das cinco categorias fundamentais por ele determinadas: tempo, espaço, energia, matéria e personalidade (RANGANATHAN, 1969, p. 1-25).

A classificação em facetas, também denominada Classificação de Dois Pontos, foi, segundo Straioto e Guimarães (2004, p. 111), um resgate e aperfeiçoamento da concepção de indexação sistemática de Julius Kaiser, na obra *Systematic Indexing* de 1911 que, por sua vez, desenvolveu estudos a partir de Cutter, sobre a catalogação alfabética de assunto.

A categorização como forma de sistematizar e organizar informação e conhecimento é o princípio não só para uniformizar sistemas de informação, bases de dados e bibliotecas como um fim em si mesmo, mas para facilitar o desenvolvimento da produção científica de uma área com análises de domínio, abrangendo estudos métricos, bem como a recuperação de informações pelo usuário.

Importante ressaltar aqui as concepções de Hjørland (2008) sobre a OC. Para o autor (p. 1), a OC constitui-se em atividades como a descrição de documentos, a indexação e a classificação realizadas em bibliotecas, bases de dados ou arquivos e representa um campo de estudo que diz respeito “à natureza e à qualidade dos processos de organização do conhecimento” assim como dos

sistemas de organização do conhecimento usados para organizar “documentos, representações de documentos e conceitos” (2008, p. 1). O trabalho relativo a esse campo deve, segundo ele, voltar-se às novas tecnologias e às possibilidades de novas linguagens de padronização e sistematização, mas sem se esquecer do trabalho de interpretação e análise de significado.

Esta última atividade, de interpretação e análise, exige uma rendição ao pensamento filosófico, em especial à hermenêutica, que nos ajuda a repensar a objetividade científica e sua noção tradicional de verdade, grandemente amparada por uma objetividade positivista, que para a OC no âmbito da CI não é suficiente.

Desse ponto de vista, e considerando o objetivo deste estudo, a organização do conhecimento metodológico construído tem o papel de sistematizar conhecimentos para a realização de análises de domínio.

Logo, ponderando as abordagens da análise de domínio concebidas por Hjørland (2002), tem-se que a OC em bases de dados no contexto aqui aprofundado, de opções metodológicas, vão ao encontro das abordagens relativas a estudos bibliométricos e estudos epistemológicos e críticos concebidas pelo autor dentre as onze bases que ele propõe para analisar um domínio. Para a análise de domínio é necessário, segundo Hjørland (2002), romper a ideia do domínio como uma disciplina, ou um ramo do conhecimento, mas compreender que o domínio é o reflexo de uma comunidade discursiva que considera o contexto e a coletividade.

Relacionando-se o campo da metodologia com a prática de OC, revela-se que estudos realizados na área podem contribuir para melhorar as práticas informacionais, integrar métodos, técnicas de pesquisa assim como facilitar atividades como a bibliometria, a recuperação da informação e proporcionar a realização de análises do domínio da produção periódica científica da CI.

Tennis (2003, p. 5) facilita o uso das abordagens de Hjørland (2002) para a análise de domínio ao definir dois eixos precedentes ao uso destas abordagens, a saber: área de modulação, a qual define as fronteiras dentro da área que o objeto está sendo analisado, e o segundo eixo refere-se à definição do grau de especialização, ou seja, serve para qualificar o objeto de análise, atribuir-lhe características particulares quando houver a necessidade de repartir o domínio e analisar o objeto com qualificações específicas.

A realização de estudos de domínio da perspectiva da OC deve ser estimulada, visto que, contribui grandemente à uma potencial solidificação da CI como ciência reconhecida por fornecer bases teóricas sólidas aos instrumentais destinados à organização e análise de informação e conhecimento produzido em outras áreas.

De acordo com Guimarães e Sales (2010), a área de organização referente à CI é responsável pela mediação entre os contextos de produção e uso da informação, em especial naquilo que tange à dimensão dos conteúdos, “no mais das vezes denominada como Tratamento Temático da Informação”.

Segundo Barité (1997, p. 124), o tratamento temático da informação centra-se nas questões relativas

[...] à análise, descrição e representação do conteúdo dos documentos, bem como suas inevitáveis interfaces com as teorias e sistemas de armazenamento e recuperação da informação em cujo âmbito desenvolvem-se processos, valendo-se de instrumentos para a geração de produtos.

Do mesmo modo, a concepção de Esteban Navarro (1996) sobre a OC direcionada ao tratamento temático da informação, abarca as dimensões da representação, organização e comunicação documental. O autor define a OC como uma disciplina específica da CI documental que se volta aos estudos dos

[...] fundamentos teóricos do tratamento e da recuperação da informação e a construção, manutenção, uso e avaliação dos instrumentos lógico-linguísticos mais adequados para controlar os processos de representação, classificação, ordenação e armazenamento do conteúdo informativo dos documentos com o fim de permitir sua recuperação e comunicação. (ESTEBAN NAVARRO, 1996, p. 97-98).

Para Barité, a OC, disciplina de formação recente (2000, p. 1), “é uma disciplina de convergência teórico-metodológica, pois se sustenta de elementos da lingüística, da documentação, da informática e da comunicação” além de manter vínculos com os contextos que se ocupam da “produção do pensamento científico como a ciência da ciência, a filosofia da ciência, a sociologia da ciência”.

Ao tomarem o exemplo de Hjørland<sup>2</sup> (2009) para explicitar as influências epistemológicas como determinantes dos pontos de vista que serão lançados sobre os conceitos, Kobashi e Francelin (2011, p. 19) expõem a importância dessas influências nos modos de assumir posições teóricas e metodológicas. Assim, a bibliometria seria empírica enquanto buscasse a frequência de conceitos, racionalista ao criar categorias conceituais e identificar semelhanças entre as características dos conceitos, historicista ao realizar a genealogia dos conceitos e pragmática ao buscar compreender fatores ou valores presentes no uso dos conceitos. Esse exemplo ilustra bem o que se quer analisar em relação às influências epistemológicas nos modos de investigar e produzir cientificamente.

Nesta pesquisa realizam-se atividades para que se organizem conceitos relativos às opções metodológicas adotadas na CI. Logo, a OC é trabalhada da perspectiva de organização de conhecimento metodológico construído e vale-se de instrumento tecnológico para tal concretização. Além de facilitar a realização de estudos métricos relativos aos métodos, enfoques e técnicas, aventa-se a possibilidade a realização de estudos epistemológicos da CI por essas opções metodológicas que compõem a produção periódica científica da área.

## 2.4 CONCEPÇÕES SOBRE O MÉTODO

O método pode ser entendido como garantia do conhecimento científico. Entretanto, nota-se que não há uma concordância entre os filósofos da ciência sobre suas características (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 3). Este fato confirma-se no estudo das distintas concepções do método pelas ciências.

As considerações, tanto de Bacon, quanto de Descartes, o tratavam como o que normalmente se entende por uma regra de comportamento que pudesse levar infalivelmente a mais conhecimentos ou ao aprofundamento deles, ou seja, um método para construir a ciência.

Ao evidenciar as correntes empiristas e racionalistas, Omnès situa-se em contexto menos determinista na metodologia, defendendo o procedimento que não

---

<sup>2</sup> HJØRLAND, B. Concept theory. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.

marginaliza os princípios filosóficos. Ele defende antes de tudo um método para julgar a ciência, uma vez que, ela já esteja construída, sem estabelecer previamente a forma que essa ciência deve assumir. (OMNÈS, 1996, p. 272).

Nesse mesmo direcionamento, Chalmers (2000, p. 188) afirma não ser considerável aceitar que uma metodologia determine em uma dada situação, que se deva adotar ou preferir uma teoria à outra ou “adotar teorias que tenham maior apoio indutivo pelos seus feitos aceitos”. O fato de algumas teorias serem incompatíveis com os “feitos geralmente aceitos e com os episódios da ciência comumente considerados como constitutivos de suas fases mais progressivas” corrobora com a condição dominante do ensino e da aplicação da metodologia hoje. Sendo vista como “provedora de regra para guias científicos”, a metodologia reafirma o desuso de outras teorias e métodos assim como dá seguimento à reprodução de modelos teóricos e instrumentais. (2000, p. 188).

Considera-se então, como princípio direcionador desse estudo, a definição aqui concebida sobre o entendimento da metodologia como domínio que dá suporte teórico, estrutural, técnico e epistemológico à apreensão, análise, compreensão e/ou explicação de objetos suscetíveis à investigação, buscando primeiramente auxiliar o pesquisador na definição do tema e em como torná-lo relevante ao desenvolvimento de um campo científico, a fim de contribuir com o processo de conscientização e crítica.

Ao definir o objeto de estudo da metodologia, Oliveira (1998, p. 18) afirma que são as “possibilidades explicativas dos diferentes métodos, situando as peculiaridades de cada qual, as diferenças, as divergências, bem como os aspectos em comum”. Já segundo Kaplan (1969) a característica que distingue o método é a de auxiliar a compreensão, não dos resultados da investigação científica, mas do próprio processo de investigação.

Isso porque, de acordo com Bufrem (2008), esse processo desenvolve-se numa situação empírica estruturada, mas de certo modo flexível, que permite ao investigador ir descobrindo as variáveis e a problemática, que ele mesmo vai colocando em foco, na raiz de cada uma das tarefas propostas. Esse descobrir e reinventar supõe uma interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento sob a forma de uma situação a ser resolvida, de acordo com a autora. Desenvolve-se um diálogo entre pesquisador e outras vozes, entre o próprio texto que vai sendo

construído e os referenciais que a ele se relacionam, tanto situações de interpretação do teórico quanto do empírico. Logo, esse processo de construção estudado pela metodologia é “como um vir a ser em que são reconhecidas contradições cuja superação requer a imaginação criadora”. (BUFREM, 2008).

De acordo com Mills (1965), a pesquisa não se limita à observância de regras, mesmo porque na maioria das vezes experimentam-se situações que os manuais não poderiam antecipar.

Pesquisar não se restringe a absorver técnicas e pô-las em prática. O cultivo da capacidade imaginadora separa o técnico do pesquisador, somente a engenhosidade saberá promover a associação de coisas, que não poderíamos sequer intentar pudessem um dia se compor [...] (OLIVEIRA, 1998, p. 19).

Os processos de investigação, em especial os seus modos de formalização, passam por transformações históricas que determinam novas posturas e condutas científicas nas diferentes áreas do conhecimento. A partir disso, pode-se ressaltar que os critérios de cientificidade para a aplicação de técnicas de pesquisas em diferentes campos do saber divergem em relação aos seus princípios e aos seus modos de aplicação.

Segundo Oliveira (1998, p. 21), conceituar método como um conjunto de técnicas significa reduzir enormemente o alcance daquilo que ele pode representar, visto que o método para o autor envolve, sim, técnicas que precisam ser sintonizadas com o que se propõe em uma pesquisa, contudo, além disso, é concernente a “fundamentos e processos, nos quais se apóia a reflexão”.

Vergara (1998, p. 12) parte da ideia de que os métodos hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético são os três grandes métodos. Logo, outros como a etnografia, a *grounded theory*, a análise de conteúdo, a técnica Delphi, o método comparativo, o sistêmico e os que usam de técnicas estatísticas descritivas são considerados mais específicos. Entretanto, essa visão não coincide com o que se propõe neste estudo, visto que aqui se compreende o método como “um conceito mais amplo e abrangente, como modo para chegar ao conhecimento, ou seja, dedutivo, indutivo, redutivo, hipotético-dedutivo” (BUFREM, 2011).

Ainda sobre os métodos que Vergara (1998) identifica, aqui se consideram a fenomenologia e a dialética mais precisamente como enfoques pelos quais se

observa o objeto de estudo do que uma modalidade de pesquisa quanto aos fins ou quanto aos meios. E sobre o trajeto hipotético-dedutivo, como forma de construção do objeto partindo de uma hipótese geral para chegar a hipóteses e conhecimentos específicos, tem sido usado tanto nas pesquisas de caráter positivista quanto naquelas que têm como objeto o próprio sujeito e as variáveis que o envolvem. Em relação à análise de conteúdo e à técnica Delphi, consideram-se nesta pesquisa, técnicas de coleta e análise de informações. Quanto aos procedimentos comparativos e sistêmicos, aos quais Vergara (1998) se refere como métodos, nas categorias aqui propostas são considerados modos de pesquisa em relação aos meios utilizados e podem servir a estudos com finalidades diferenciadas, como: exploratório, descritivo, metodológico ou avaliativo.

Segundo a autora, o método hipotético-dedutivo foi herdado da corrente epistemológica denominada de positivismo, cuja visão é o mundo existindo independentemente da apreciação de sujeitos. Esta concepção traz ênfase às técnicas de quantificação. A autora, ao relacionar as técnicas de pesquisa com os três grandes métodos que descreve (1998, p. 13) considera que esta corrente utiliza como principais instrumentos de coleta de dados os procedimentos estatísticos, questionários estruturados, escalas, testes, que tem sua representação em categorias numéricas, gráficos e tabelas.

O viés positivista, que enfatiza a causalidade como explicação científica, de acordo com Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2004), fundamenta especialmente as ciências naturais. Esses autores, referindo-se ao método científico nas ciências naturais, salientam que as hipóteses científicas devem ser passíveis de testes, e de serem refutadas, como já enfatizava Popper. “Para que o conhecimento progrida por meio das refutações é necessário que as leis e teorias estejam abertas à refutação, somente assim elas podem ser testadas” (POPPER<sup>3</sup>, 1982 *apud* ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 16).

Ainda em relação à corrente positivista, uma das concepções sobre o método científico é que a lógica e a matemática são válidas devido ao fato de estabelecerem regras de linguagem, constituintes de um conhecimento apriorístico, independentemente da experiência. Vale mencionar que o positivismo deu origem a

---

<sup>3</sup> POPPER, K.R. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Ed. UNB, 1982.

outras vertentes de pensamento como o positivismo lógico ou empirismo lógico, que busca o conhecimento pela observação e pela experiência.

Entretanto, foram enunciadas críticas por Kuhn, Lakatos e Feyerabend às idéias de racionalistas como as de Popper, as quais se sustentam nas questões de que os enunciados dos resultados dos testes estão impregnados de teorias, e a segunda questão é que usualmente são testados sistemas teóricos complexos e não hipóteses isoladas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 21).

Tal crítica às ideias popperianas é também feita por Duhem<sup>4</sup>, quando afirma que: “um experimento em física não pode nunca condenar uma hipótese isolada, mas apenas todo um conjunto teórico” (DUHEM, 1954 *apud* ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 22).

Já o segundo grande método apontado por Vergara (1998, p. 13), o fenomenológico, criado por Husserl, opõe-se à corrente positivista, visto que considera, de acordo com a autora, que o homem carrega sua história de vida, crenças, suposições, valores no momento de investigar e buscar a compreensão científica para determinados fenômenos. Em vista disso, o método fenomenológico faz uso do olhar hermenêutico para a compreensão de significados.

De acordo com Bufrem, (1996, p. 19),

a fenomenologia de Husserl (1859-1938) viria a desempenhar um importante papel na evolução da pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, por ter sido considerada uma linha de pensamento cuja principal contribuição para a epistemologia consistiu na ampliação das opções metodológicas, diante do domínio positivista sobre as ciências sociais.

Husserl, segundo ela, apresenta o método fenomenológico como um modo seguro e liberto de pressuposições para todas as ciências. A fonte de conhecimento seria a consciência e, desse modo, o autor “toma como ponto de partida de sua filosofia e da metodologia dela decorrente os fenômenos da consciência, por entender que somente eles poderão revelar o que as coisas realmente são” (BUFREM, 1996, p. 19).

Em relação à hermenêutica, pode ser apreendida como um método por alguns autores, mas também como um olhar praticado pela fenomenologia, como

---

<sup>4</sup> DUHEM, P. **The aim and structure of physical theory**. Princeton: University Press, 1954.

anteriormente mencionado. A hermenêutica de acordo com Francisconi (2008, p. 49), estuda a interpretação e o entendimento dos produtos da mente humana que caracterizam o mundo social e cultural. Como método, influencia a corrente interpretativista, a qual “tem seus fundamentos no trabalho de Kant e reflete a filosofia social” (FRANCISCONI, 2008, p. 50).

O método dialético, assim como o fenomenológico, opõe-se à corrente positivista, visto que observa o processo, “as coisas em constante fluxo e transformação” (VERGARA, 1998, p. 13). Nesse pensamento dialético, considera-se que “a sociedade constrói o homem e, ao mesmo tempo, é por ele construída” e que a relação de forças que se atraem ou se repelem, ou seja, a contradição permite a superação de determinada situação, provocando mudanças.

De acordo com a mesma autora, o método fenomenológico e o dialético fazem uso de técnicas como observação, entrevistas, questionários não estruturados, histórias de vida, conteúdos documentais para a coleta de dados sobre seu objeto de estudo, ou seja, de todo material que permite a reflexão sobre processos e interações.

O ato de pesquisar, compreendido por Oliveira (1998, p. 19) como modo de “aprimorar a percepção, refinar a sensibilidade, ampliar horizontes de compreensão, comover-se diante práticas, pequenas nas suas formas, calorosas e desprendidas no seu íntimo” remete ao valor da observação científica como técnica, aquela que difere do olhar curioso e contemplativo do homem para com o mundo.

“A ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros” (TARGINO, 2000, p. 2). No entanto, segundo Targino (2000), face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios, tendo caráter permanente de explicação. Logo, para a autora, a característica de ininterrupção da investigação é o que faz da ciência uma “instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa”.

Sem pretensões históricas da autora, entende-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, “criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento” (TARGINO, 2000, p. 2).

Em relação à prática de observação adotada nas ciências, deve-se considerar que a observação científica, desde a Grécia Antiga, em que o método e a

lógica permitiam a construção do conhecimento e a evolução das ciências, diferia do olhar curioso e contemplativo do homem para o mundo. Devido a esse fato, inicia-se, aqui, a discussão sobre a técnica de observação, que permite a máxima obtenção de informação e aprendizado sobre um objeto em estudo, quando aplicada em campos científicos distintos, diferencia-se devido aos critérios de cientificidade que podem ser aplicados e que limitam o estudo do objeto em questão.

Para Chalmers (2000), a ciência inicia com a observação, forma de apreensão da realidade que possibilita a consolidação objetiva e mais próxima do real de um determinado contexto, sem desconsiderar as condições de apreensão do observador dadas por sua cultura e experiências anteriores e os objetivos da observação. Contudo, a objetividade propiciada pela observação sem intermediação, em que há uma relação de proximidade entre pesquisador e objeto, não apresenta critérios absolutos de cientificidade ou parâmetros de avaliação nas ciências humanas e sociais. Vale dizer que a observação científica, assim como outras técnicas, pode ser utilizada em conjunto, a fim de apreender o máximo de informações da forma mais adequada ao objeto de estudo. De acordo com Perseu Abramo (1979), a pesquisa se constitui em dois momentos fundamentais: a observação e a interpretação do que foi observado. Contudo, no “proceder cotidiano da pesquisa há estágios que precedem e sucedem esses dois momentos básicos, assim como fases, subfases, passos em que cada um deles pode ser subdividido” (ABRAMO, 1979, p. 44).

Pondera-se a observação tanto como técnica específica de pesquisa, quanto como um dos seus momentos básicos. Pode-se afirmar que embora muito utilizada em todos os domínios científicos, quando se retoma a distinção da aplicação de métodos no domínio das ciências humanas e nas ciências naturais verifica-se que a observação é uma técnica que, mesmo com finalidades e denominações distintas ou critérios de cientificidade absolutos ou não, é intrínseca à atividade de investigação e deve ser reconhecida como tal.

Para Abramo (1979, p. 25), nas ciências humanas e especialmente na Sociologia, “a característica metodológica fundamental é dada pelo fato de que o sujeito e o objeto do conhecimento se confundem”. Já, nas denominadas ciências exatas ou naturais, “a possibilidade e a conveniência da experimentação de hipóteses criam normas metodológicas particulares para tais ciências”. Ainda de

acordo com o autor, a possibilidade de se fazer uma ciência objetiva e sistemática dos fatos sociais nem sempre é universalmente aceita. Para Goode e Hatt (1977), há quatro aspectos em torno dos quais subsiste a polêmica entre os que aceitam ou não aceitam a pesquisa científica em sociologia, a saber: o comportamento humano muda muito e por isso não é possível fazer previsões científicas exatas, esse comportamento também é enganoso, sutil e complexo para permitir o uso de caracterizações rígidas e de instrumentos científicos, o terceiro ponto é que só pode ser investigado por observadores que também são humanos e são passíveis de interpretações diferenciadas, em alguns casos acabam por distorcer fatos, não possibilitando um olhar objetivo, e por último, porque os seres humanos a respeito dos quais se fazem previsões, apresentam a característica de deliberadamente, alterar as previsões feitas.

Parece notório o fato de que se as colocações desses autores são absolutamente aceitas, conclui-se que não há como fazer pesquisa científica nas ciências humanas, entretanto, segundo Abramo (1979, p. 26), os resultados já obtidos nas ciências sociais revelaram que esses juízos se constituem em falsas afirmações.

Nesse contexto, sobre a metodologia das ciências humanas, Oliveira (1998, p. 17) afirma que o método não representa um caminho qualquer entre outros, “mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num estudo”.

A chamada crise das ciências sociais, de acordo com Bufrem (1996, p. 21) levou pensadores à discussão sobre a necessidade do método e chegou-se a afirmar que “a metodologia perde a sua dignidade de orientadora científica geral e universal, para se revelar como um verdadeiro formulário de receitas de senso-comum”.

Ponderando a preocupação acima enunciada da metodologia não ser apenas um formulário de receitas, em que se considera somente seu aspecto formal, Francisconi (2008) realiza um estudo com a preocupação de resgatar as correntes epistemológicas fundamentadoras dos estudos organizacionais. Embora o campo seja o da Administração, o exemplo é relevante de igual maneira, visto que a autora busca estudar as formas de pensamento advindas das correntes:

funcionalista, interpretativista, estruturalista, hermenêutica, de estudos críticos e da teoria crítica.

Vale sintetizar aqui os conceitos dos autores retomados por Francisconi (2008) sobre tais correntes. Os funcionalistas explicam as regularidades de comportamento não a partir do que os indivíduos fazem ou têm a intenção de fazer, mas mostrando que estas regularidades servem para manter o grupo coeso e contribuem para que suas finalidades se cumpram.

Sobre o estruturalismo, combinam-se duas articulações essenciais do método estrutural: a operação estruturante – própria dos modelos formais de inteligibilidade – e o inventário estruturado que define o corpo codificado dos signos.

Segundo Faria (2007), em relação aos estudos críticos e à teoria crítica, há uma nítida diferença entre estas correntes.

Estudos críticos são aqueles que rompem com a tradição gerencialista, afirmando novos modos de interpretação da realidade, incluindo novos elementos nas análises, recusando o pragmatismo como finalidade e os métodos quantitativos como os únicos com caráter científico (FARIA, 2007, p. 2).

Os estudos críticos, ao contrário da teoria crítica, é teoria pósmoderna (FARIA, 2007).

A teoria crítica está ligada a um interesse emancipador, porque procura transcender todos os outros tipos de interesse considerados separadamente, ao tentar libertar os homens da dominação: não apenas da dominação de outros, mas de sua dominação por forças que eles não entendem nem controlam - incluindo as forças que, na verdade, foram criadas pelos próprios homens (GIDDENS, 1978, p. 64).

É nesse sentido que se busca retratar que o ensino e a prática da metodologia sob a luz do pólo técnico e formal de estruturação do objeto não é suficiente para a realização da investigação científica em nenhum campo. Frente a esta condição, defende-se que a teoria e a prática da pesquisa devem estar aliadas na investigação do objeto, assim como na complementaridade dos pólos de Bruyne *et al.* (1977) a fim de que os métodos sejam compatíveis com os objetos de estudo nas diferentes áreas do conhecimento.

## 2.5 O ENSINO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA: REPERCUSSÕES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Considera-se o modelo da prática metodológica por Bruyne *et al.* (1977) constituído por quatro pólos: teórico, epistemológico, técnico e morfológico para tratar da investigação científica.

Pode-se dizer que os quatro pólos são trabalhados claramente na definição da proposta desse estudo, ainda que o epistemológico seja o mais empreendido. O morfológico é explorado na proposta para categorização das pesquisas indexadas na base Brapci a fim de organizá-las por opções metodológicas em uma das interfaces da base. O pólo técnico é representado pelas práticas de coleta e análise de informações utilizadas para a concretização do seu objetivo, são elas: a análise documental e de conteúdo e o questionário. Já, o teórico, além de ser visualizado na construção do referencial que suporta essa pesquisa, pode ser facilitado por meio da categorização aqui realizada, visto que, com o conteúdo da Brapci organizado por metodologias, estimula-se e fomenta-se o desenvolvimento de estudos na área.

Para um aprofundamento relativo aos processos de investigação científica, é importante destacar que a metodologia da ciência, de acordo com Köche (2005, p. 14), juntamente com seus conceitos relacionados, como o de hipóteses, leis, experimentos, confirmação, objetividade, vem sendo ensinada a partir de uma perspectiva positivista, assumindo muitas vezes um caráter prescritivo, enfatizado no ensino do fazer pesquisa, processo que acaba por se concretizar em normas metodológicas. Estas, do ponto de vista da organização de pesquisas, são componentes constituintes do pólo que se volta à estruturação formal do objeto científico, com a construção de modelos de interpretação da pesquisa, o qual é denominado por Bruyne *et al.* (1977) de pólo morfológico da pesquisa.

Considera-se que é necessária uma sustentação epistemológica ao ensino da metodologia científica para que este não se torne integralmente prescritivo e normativo.

De acordo com Köche (2005, p. 14), as questões aferentes à natureza, ao objeto das teorias científicas e os critérios de cientificidade de uma investigação “são

dificuldades concretas presentes tanto na discussão epistemológica quanto, por decorrência na metodológica”.

Ainda quanto aos critérios de cientificidade, Lloyd (1995, p. 150) argumenta que “a ciência não é um discurso que pretenda ou atinja a objetividade absoluta, mas um conjunto de práticas socialmente construídas na tentativa de descobrir progressivamente as estruturas causais da realidade”.

Há que ponderar que a ausência de um horizonte histórico da ciência, ou a própria negação de uma teoria de construção de conhecimento de um campo científico por seus produtores pode originar a pretensão aos valores absolutos e à desconsideração de seus fundamentos epistemológicos. Dilthey (1989), de acordo com Bufrem (1996), baseia sua filosofia na experiência interna da compreensão, uma vez que segundo ele, somente esta desvenda a realidade. Todo o conhecimento histórico, portanto, seria baseado nesse gênero de compreensão, que difere estruturalmente do método das ciências naturais (GADAMER<sup>5</sup>, 1994, p. 37 *apud* BUFREM, 1996, p. 15).

Para Köche (2005, p. 14), a discussão relativa às questões da prática científica e seus critérios “requerem uma inserção na epistemologia da qual procedem os padrões de uma suposta metodologia”. Com esse fim, a categorização de opções metodológicas de pesquisa na área de CI proposta aqui é aplicada em um corpus documental como meio empírico para a possível análise de suas aproximações com os fundamentos epistemológicos da CI.

Em relação ao ensino da metodologia da pesquisa e da epistemologia, de acordo com o mesmo autor (KÖCHE, 2005, p. 27), este objetiva desenvolver a postura dos alunos para o estudo de teorias científicas, orientando-os tanto do ponto de vista teórico como prático. Sintetizando aqui a amplitude do ensino desta disciplina, especificada pelo autor, abarca desde a diferenciação entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, o estímulo à problematização científica e ao uso de teorias para a delimitação de problemas, assim como busca tratar do alcance e das possibilidades do método, da verificabilidade de hipóteses à redação das pesquisas (KÖCHE, 2005, p. 27).

---

<sup>5</sup> GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método II**. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1994. 429 p. (Hermeneia, 34).

Reforça-se a importância da consideração dos aspectos filosóficos no ensino do fazer pesquisa também com a hermenêutica, que Gadamer (1994, p. 122) afirma se converter em uma atitude metodológica universal ao “pressupor a alienação do conteúdo e propor como tarefa sua superação mediante a compreensão”. Segundo o autor, “no lugar do conhecimento objetivo imediato se apresenta a interpretação histórico-psicológica como autêntica atitude metodológico-científica”.

Ao tratar das formas de ensino da metodologia, deve-se clarificar que as realidades dos objetos de estudo devem ser respeitadas, considerando os métodos adequados a cada objeto. Esse aspecto fundamental no ensino da metodologia remete à necessidade do conhecer metodicamente partindo das diferenças na investigação científica nas ciências naturais e nas ciências humanas, sobre as quais discorrem Laville e Dione (1999, p. 32). Segundo estes, os objetos de investigação das ciências humanas e naturais nem de longe se parecem, devido ao seu grau de complexidade e à facilidade ou não de serem identificados com precisão.

O modelo metodológico positivista e da experimentação não poderia ser aplicado com sucesso nas ciências humanas, visto que os fatores interferentes do objeto são mais complexos, e também devido a que o pesquisador no domínio das humanidades seja também ator que exerce influência no seu objeto, moldando-o pelas escolhas que faz. Além disso, o fato do objeto apresentar um comportamento voluntário, consciente, faz com que o verdadeiro nas ciências humanas não seja o mesmo verdadeiro nas ciências naturais. Logo, o positivismo mostrou-se enfraquecido quando se desejou aplicá-lo no domínio humano, segundo Laville e Dione (1999, p. 35).

A metodologia, quando compreendida sob os pólos de Bruyne *et al.* (1977) facilita a compreensão em relação ao modos de se construir, delimitar problemas de pesquisa e em especial de estabelecer os rumos metodológicos que um estudo pode assumir, fazendo com que estes sejam compatíveis com o objeto a ser investigado.

## 2.6 CONCEPÇÕES SOBRE EPISTEMOLOGIA

Segundo Köche (2005, p. 15), o conceito de epistemologia, que etimologicamente quer dizer discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*) começa a

ser utilizado somente a partir do século XIX no vocabulário filosófico, “como o discurso sobre o qual o discurso da ciência é refletido, evidenciando assim os meios do conhecimento científico”. Logo, percebe-se a estreita relação entre os métodos adotados em uma investigação e a epistemologia que fundamenta o domínio em que se realiza tal investigação.

Para se compreender o papel exercido pelas funções epistemológicas da ciência, é importante apresentar as concepções de epistemologia de diferentes pontos de vista. De acordo com Lalande (1999, p. 313) a epistemologia pode ser definida como o “estudo crítico dos princípios, hipóteses e dos resultados das ciências, destinado a determinar a sua origem lógica, o seu valor e a sua importância objetiva”. Para Japiassu (1992, p 16), por epistemologia pode-se considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais.

Este autor (1992) deixa de lado a epistemologia lógica, do empirismo lógico, devido à sua característica de descrição de métodos, de resultados e, sobretudo da linguagem racional. Refere-se à epistemologia com caráter deliberadamente não positivista, para então estabelecer a relação mantida entre o sujeito e o objeto no ato de conhecer, buscando determinar o valor e os limites do próprio conhecimento.

As funções epistemológicas da ciência, de acordo com Rendón Rojas (2008) são três: a explicação, a predição e a compreensão. Segundo Hempel<sup>6</sup> (1979, *apud* RENDÓN ROJAS, 2008, p. 4), a explicação científica consiste em deduzir um fenômeno a partir de leis gerais e condições iniciais. Já a predição se refere ao mesmo processo da explicação, diferindo pelo fato de que o fenômeno que se deduz não está presente. De acordo com o autor, esta função permite a transformação da realidade a fim de obter ou impedir os fenômenos que se prevêm pela teoria.

Para Rendón Rojas (2008), a compreensão tem um lugar especial nas áreas das ciências sociais e humanas, pois são áreas em que não é possível descobrir leis que permitam a explicação e a predição, visto que, seu objeto de estudo pode ser um sujeito, que apresenta uma complexidade de variáveis, difíceis de controlar.

---

<sup>6</sup> HEMPEL, C. G. (1979) [1965] **La explicación científica**: estudios sobre filosofía de la ciencia. Buenos Aires: Paidós.

Para Habermas (1997) a teoria do conhecimento trata do estudo da construção do conhecimento considerando-se aspectos epistemológicos e filosóficos que contribuíram ao longo do tempo para este processo de construção, além dos aspectos instrumentais e empíricos. O autor, com sua formação interdisciplinar, critica as ciências objetivistas que não consideram a auto-reflexão como elemento essencial na construção do conhecimento.

Entretanto, Medeiros e Marques (2003, p. 15) afirmam que na modernidade o conhecimento desenvolveu-se pelo caráter instrumental e com propósitos técnicos. Logo, o conhecimento científico passou a ser ancorado exclusivamente pela racionalidade. É nesse sentido que Habermas (1997) examina os confrontos da razão moderna a uma nova teoria, na qual a construção do conhecimento seja baseada em valores que permitam à sociedade alcançar o desenvolvimento e a liberdade social, usando-se da reflexão e da consideração de aspectos históricos, filosóficos e epistemológicos na elaboração de novos saberes.

Vale destacar a revisão das distintas concepções de epistemologia realizada por Francelin (2005). O autor parte da epistemologia enquanto palavra, campo de investigação e disciplina do conhecimento, chegando ao seu desdobramento em epistemologias. Argumenta que a epistemologia da complexidade comporta e é comportada por essas epistemologias. Procura reconstituir um itinerário móvel e flexível da epistemologia até sua relação com a complexidade a partir de Gaston Bachelard e Edgar Morin.

Na epistemologia histórica de Bachelard (1971), de acordo com Japiassu (1992, p. 66), há uma reflexão sobre as filosofias implícitas nas práticas dos cientistas. A epistemologia para Bachelard deve interrogar-se sobre as relações susceptíveis de existir entre a ciência e a sociedade. Ele considera fundamental descobrir a gênese, a estrutura e o funcionamento do conhecimento científico. A noção de ruptura epistemológica pelo autor afere à distinção entre o que pertence à prática científica e o que decorre das ideologias. A vigilância epistemológica para ele é o isolamento dos interesses ideológicos dos filosóficos. O obstáculo epistemológico ocorre quando uma organização do pensamento encontra alguma ameaça. Na concepção de Bachelard (1971), o conhecimento deve ser concebido como uma produção histórica, já a epistemologia visa um processo. A epistemologia

bachelardiana é marcada “pelo esforço de apreender a lógica do erro para reconstruir uma lógica da descoberta” (JAPIASSU, 1992, p. 8).

Sob a perspectiva da epistemologia bachelardiana, retoma-se a importância da compreensão da formação do espírito científico ao qual Bachelard (1996) se refere em um de seus escritos dedicados a discutir o saber científico.

Segundo Breda (2008), sua obra carrega em seu núcleo a preocupação da relação com o saber, “não como algo exterior ao indivíduo, no sentido homem e coisas, mas como a relação fundamental que é estabelecida entre o homem e seu próprio saber”. “Bachelard, movido pela firme crença no intelecto, escreve para iluminar mentes cristalizadas ao longo do avançar dos conhecimentos, a fim de retrair a luta contra alguns preconceitos”. (BACHELARD, 1996 *apud* BREDA, 2008, p. 73).

Do ponto de vista da epistemologia crítica, Karl Popper, racionalista crítico, filósofo da democracia liberal, citado por Japiassu (1992, p. 93), preocupa-se com o grau de confiança das teorias científicas em função dos dados empíricos de que se pode dispor, já que, segundo ele, a preocupação do empirismo é reduzir todo conteúdo do conhecimento às determinações observáveis. Para Popper, segundo Japiassu (1992, p. 96), as leis e teorias científicas são hipotéticas e conjecturais, ou seja, uma teoria que pode ser confirmada pela experiência não passa de uma teoria que ainda não foi infirmada.

Essa tendência epistemológica crítica “é fruto da reflexão dos próprios cientistas sobre a ciência em si mesma” (JAPIASSU, 1992, p. 138), devido à responsabilidade destes como pesquisadores em meio à sociedade, à indústria e à política, pois a ciência acadêmica pura deu lugar a uma ciência dependente do Estado e da indústria.

A epistemologia arqueológica de Michel Foucault, conforme Japiassu (1992, p. 115), propõe a descoberta dos fundamentos das ciências humanas. “O campo epistemológico ou domínio onde ela se situa, não é a ciência, mas o solo sobre o qual se constrói a ciência” (JAPIASSU, 1992, p. 127). De acordo com Foucault<sup>7</sup> (*apud* ALVARENGA, 1998, p. 4), um campo discursivo não se caracteriza somente

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. 260 p. [Edição Original publicada em 1969].

pelos objetos que estuda, pelas modalidades de enunciação, pelos conceitos ou pelas temáticas privilegiadas, mas, em especial, pela maneira pela qual se formam seus objetos.

Na epistemologia social a produção do saber apresenta um caráter coletivo, o que aponta algumas afinidades com a arqueologia do saber de Foucault. A epistemologia social, para Oddone (2007, p. 108), é entendida como o estudo das relações recíprocas entre os seres humanos e seu entorno social, cultural e tecnológico em constante transformação. Essa característica pode ser utilizada pela CI, segundo a autora, como arcabouço conceitual pertinente para as pesquisas científicas desenvolvidas na área.

O estudo desse modo de estruturação do objeto é comum às ciências, especialmente quando do processo de sua formação e, neste caso, a CI revela uma extensa literatura, que vem sendo analisada sob os aspectos diversos de sua conjuntura epistemológica.

Visualiza-se que os termos ciência e conhecimento, hoje, adquirem sentidos complementares e que epistemologia deixa de ser interpretada prioritariamente como o estudo da história e estruturação do conhecimento em geral. Por meio de Japiassu (1992), que define três tipos de epistemologia: global, particular e específica, nota-se que o objeto de estudo da epistemologia não é o conhecimento estritamente, e sim a ciência. Na CI, o estudo sobre um campo particular, suas fronteiras e estruturação, é retratado por meio da produção científica.

## 2.7 A EPISTEMOLOGIA E O DOMÍNIO DA CI

As relações entre a epistemologia e a CI evidenciam-se sempre que se pretende analisar e definir seus domínios e objetos de estudo, e os princípios metodológicos que orientam suas atividades de pesquisa.

A importância da investigação epistemológica na CI, de acordo com Rendón Rojas (2008), se dá por três razões. A primeira delas é para que ocorra um autoconhecimento da área e seja realizada uma busca pela identidade. A segunda razão é para que o corpo teórico desse domínio do conhecimento possa se fundamentar, por meio de um corpo conceitual preciso, claro e definido. E o terceiro

motivo é a interdisciplina, a interação com outras disciplinas, mas com uma identidade bem definida, a fim de não invadir outros campos do conhecimento e não deixar ser absorvida por outras áreas.

A importância de estudos sobre a construção histórica de conceitos científicos justifica-se a partir da situação já observada, que a CI emprestou conceitos de outras disciplinas, muitas vezes “sem uma reflexão epistemológica do impacto das possíveis incongruências e incompatibilidades teóricas para a delimitação de sua identidade científico-disciplinar” (RABELLO 2008, p. 30).

Essas relações entre campos tem sido preocupação de autores que tentam conciliar seus estudos históricos com as tendências que se configuram. Desse modo, Freire (2008, p. 3) propõe a perspectiva de Ginzburg para analisar os indícios da constituição de um espaço de pesquisa sobre a Epistemologia da CI nesse domínio. O paradigma indiciário é uma competência cognitiva originária do tempo em que a sobrevivência da nossa espécie dependia da observação para obter o conhecimento sobre os animais a serem caçados, seus hábitos e trilhas nas correntes migratórias.

Entretanto, autores privilegiam aspectos que, sob seu ponto de vista, contribuem mais especificamente para a constituição teórico-metodológica dessa ciência. É o caso de Barreto (2008), para quem a CI se constrói ao sabor das inovações na tecnologia. Para melhor compreender esse processo, o autor considera didático e fundamental contar a história de como se atuava no passado e como se verificou a evolução das práticas da área, de modo a contribuir também para a formação de seus profissionais.

Com essa intenção, Araújo (2006) elabora uma reflexão epistemológica sobre o “fazer científico” estruturado na ciência moderna em termos teóricos e metodológicos e nas tecnologias da informação, em termos aplicados, visto que essa configuração, segundo ela, é que possibilitou o surgimento da CI. Contudo, considera que esta ciência não garantirá seu pleno desenvolvimento como campo do conhecimento consistente e moderno e que a ciência moderna enquanto visão e prática científica encontra-se esgotada, sendo as tecnologias de informação apenas mecanismos auto-regulados que funcionam segundo princípios de automatismos.

Portanto, com a finalidade de apontar bases teóricas e metodológicas para uma epistemologia da CI, fundamentada nos pressupostos e paradigmas de

Bachelard (1996) e Ginzburg (1991) citados por Araújo (2006), propõem respectivamente, o conceito de ciência formativa, a qual parte dos três estados do espírito científico, ou seja, as etapas, do pensamento à atitude científica: o estado concreto, o concreto-abstrato e o abstrato. Apóia-se nas condições psicológicas do progresso científico e no conceito de paradigma indiciário, cuja proposta é a intuição empírica e racional como base metodológica para “o fazer científico”. É necessário que as disciplinas possuam identidade própria para poderem interatuar entre si, sem invadir ou absorver o espaço da outra.

Com essa percepção é que Rendón Rojas (2008, p. 14) defende que “a reflexão epistemológica sobre a CI é necessária para seu ulterior desenvolvimento e fortalecimento, tanto disciplinar interno como social externo”.

Os aspectos históricos e sociais que permearam a criação da CI, junto à necessidade de se ter um discurso científico que trate especificamente dos processos de produção à disseminação da informação são suficientemente relevantes para estimular o desenvolvimento de estudos teóricos com vistas à obtenção de resultados significativos nos processos de OC científico.

## 2.8 COMPLEMENTARIDADE ENTRE METODOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

As aproximações entre a epistemologia e a metodologia são determinadas por meio do processo de pesquisa, em que o pesquisador legitima e promove a construção do conhecimento científico que visa produzir.

Quando retratadas as inclinações e abordagens da literatura, reconhece-se que a prática da pesquisa está associada a uma teoria, a qual procura explicar as estruturas de uma sociedade construída histórica, social, econômica e politicamente.

Defende-se que, somente a partir do conhecimento dessas estruturas, “pode-se exercer a crítica sobre a ciência que se produz” (BUFREM, 2009, p. 5), pois, na concepção de Lloyd (1995), as estruturas incluem os sistemas políticos, as mentalidades e as culturas, tanto quanto os sistemas econômicos e sociais.

Quando se fala em estruturas da história, é fundamental abordar a conceituação de estruturismo de Lloyd (1995, p. 23), que

[...] em um sentido mais amplo também pode ser entendido como uma abordagem explicativa do social, que tem dimensões metodológicas, sociológicas e históricas, as quais reforçam-se mutuamente do ponto de vista lógico e conceitual. Esse reforço é um componente crucial para possibilitar a explicação científica da história estrutural.

Aceita essa concepção, o grande desafio imposto é que as pesquisas realizadas nos diferentes campos do conhecimento, de modo especial as pesquisas da CI, busquem a reflexão sobre como possibilitar, por meio da produção e disseminação da informação científica, a construção de uma sociedade mais justa e democrática e de uma comunicação científica transparente e fiel aos seus objetivos e intencionalidades, também no sentido de evitar as apropriações errôneas, intencionais ou não, de conceitos e métodos num domínio científico.

Ao estudar as estruturas metodológicas dos estudos da área, concorda-se com a posição de Lloyd (1995, p. 23), quando afirma que, “a autocompreensão metodológica dos praticantes de uma disciplina não constitui um guia confiável para seus verdadeiros fundamentos, práticas e resultados”, visto que, muitas vezes se intitula de história social o relato de eventos e não da estrutura que envolve tais eventos, nesse caso a história social não se refere a um tipo distinto de discurso ou domínio e quando lhe é atribuído título, diz mais das intenções dos praticantes e rotuladores do que propriamente de sua verdadeira metodologia.

Deve-se ter em conta, quando se busca a construção de uma realidade concreta fundamentada na práxis, que não pode haver confronto entre teoria e prática. No caso desta pesquisa, o que se tenta mostrar é a impossibilidade de dicotomizar os fundamentos teóricos da prática da pesquisa científica. O que pode ocorrer são contraposições e estas sempre pressupõem o diálogo.

Ainda sobre a complementaridade entre teoria e prática na pesquisa científica, destaca-se que a complexidade dada por essa relação existe desde o período de construção do capitalismo, visto que tal dicotomia foi construída historicamente pelo processo de divisão do trabalho.

A partir do processo de divisão do trabalho, na transição histórica para o capitalismo, ocorreu uma ruptura entre teoria e prática, quando a teoria passou a ser considerada trabalho “improdutivo”, que não gera a mais valia, o lucro do capitalismo. Entretanto, de acordo com Schmidt (2010) se a teoria for pensada como ciência, como conhecimento científico, ela deixa de ser trabalho improdutivo e torna-

se capital simbólico, o qual se reveste de poder de gerar bens, em especial, na sociedade do conhecimento na qual se vive. Ainda segundo Schmidt, a transformação desse capital simbólico em riquezas presume o conceito de propriedade e, ao se tornar propriedade, passa a ter o poder de distanciar ainda mais os detentores de riquezas dos que não as têm.

Logo, nota-se o poder da divisão do trabalho e da especialização do conhecimento como determinantes para o distanciamento entre o produtor de conhecimentos e a sociedade.

É nesse contexto, no qual se insere a produção do conhecimento científico, do trabalho imaterial, que o capital intelectual não é mais mensurável pelos padrões clássicos de medida, em unidades de tempo e unidades de produto. Logo, essa ilusão de um comunismo do saber, assim denominada por Gorz (2005), passa a reger a sociedade e sua cultura.

Frente ao cenário acima descrito, referente à dicotomização da teoria e da prática nesse processo histórico relatado, busca-se, com este referencial, voltar-se especificamente às preocupações relacionadas à integração entre teoria e prática no ensino do saber investigativo na universidade.

Nesse contexto, Breda (2008, p. 99), ao mencionar a imaginação sociológica sob a ótica de Mills (1965, p. 227-228), ressalta que em grande parte esta imaginação sociológica está “relacionada com a capacidade de passar de uma perspectiva a outra, nesse processo, organizando uma visão apropriada de sociedade total de seus componentes. Essa imaginação distingue o cientista social do mero técnico”. Essas considerações sobre a capacidade distintiva entre o cientista e o técnico, de acordo com Breda (2008), evocam a visualização de dois possíveis tipos de estudantes no acesso a pesquisa na graduação: “o sujeito em formação científica e o executor não-pensante” (BREDA, 2008, p. 99). Segundo a autora, sob essa perspectiva, a imaginação sociológica pode ser vista como uma síntese de atitude investigativa.

A referência a outros aspectos envolvidos com a temática do saber investigativo, como a “dedicação no trato da linguagem e a apreensão de pesquisa como uma construção artesanal” reforçam segundo a autora, no trabalho de Wright Mills a posição formadora do espírito científico (BREDA, 2008, p. 102).

Ainda relacionando a complementaridade entre teoria e prática na conjuntura dos processos de investigação científica, pode-se dizer que essa complementaridade é visualizada na construção dos rumos metodológicos de uma pesquisa, e que é respaldada na epistemologia fundamentadora do campo científico em pauta. Entretanto, o conhecimento científico gerador de teorias e o conhecimento de viés prático, utilitarista e imediatista advindo do senso comum devem ser muito bem definidos e diferenciados no ensino das disciplinas relacionadas à metodologia, para que a complementaridade mencionada acima não seja deturpada e torne-se pragmática e desprovida de bases epistemológicas coerentes com a construção histórica de um campo científico.

Frente a esta consciência, o programa de ensino das disciplinas relativas à metodologia científica para Köche (2005, p. 28) apresenta o componente epistemológico, “que analisa os ingredientes da ciência” e busca trazer o conhecimento de fundamentos epistemológicos necessários à compreensão do que é ciência, como foi construída, seus critérios de cientificidade. E o segundo componente é o metodológico, o qual estabelece os critérios de cientificidade propostos e orienta e indica procedimentos que devem ser utilizados e aplicados nesse processo de investigação, “ambos componentes são interdependentes” (KÖCHE, 2005, p. 33).

Com efeito, confirma-se tal colocação com a colocação de Bufrem (1996, p. 21):

[...] os exageros do formalismo metodológico, vigentes em contextos carentes de atitude crítica, podem encaminhar as pesquisas e os pesquisadores a uma situação de indesejável estereotipia. Em casos extremos, desaparece a criatividade e o sentido do novo em prol de categorias e fórmulas cristalizadas.

Do ponto de vista metodológico concorda-se com Ladrière (1978, p. 21) quando diz que “temos o sentimento de ser prisioneiros de certas categorias estabelecidas que nos impedem de apreender os problemas fundamentais em toda sua amplitude”. Dessa concordância é que se instaura a crítica ao processo gratuito de categorização pela categorização, que cairia na vacuidade de um formalismo inadequado. Neste estudo busca-se a compreensão do modo de produção científica como reconhecimento de um saber que se instituiu em prática alimentada pela teoria.

Para Köche (2005), a distinção entre o conhecimento do senso comum, de caráter imediatista e vivencial, preso às convicções pessoais e desenvolvido de forma espontânea, com viés utilitarista, destinado às práticas rotineiras e o conhecimento científico, é que este proporciona condições de experimentação de hipóteses de maneira sistemática, controlada e é construído e comunicado de forma objetiva, com alto poder de crítica, apresentando maior confiabilidade nos resultados e consciência dos limites de validade de suas teorias (KÖCHE, 2005, p. 30). Essa distinção, segundo ele, deixa a entrever, em especial aos estudantes, que o conhecimento científico na forma de teorias é um tipo privilegiado de conhecimento no sentido de discriminar o verdadeiro do falso. Concordando com essa percepção, buscam-se as colocações de Abramo (1979, p. 21) sobre a ausência de atitude e hábito de pesquisa no ensino superior, em que o autor observa duas posições extremas: a primeira é a de que o aluno considera a pesquisa uma prática “enfadonha” e desnecessária, visto que tudo o que necessita saber já se encontra nos livros ou pode ser obtido pela “intuição feliz”, e a segunda é que este encara a pesquisa como uma atividade “misteriosa e sagrada”, superior às suas forças e distante à realidade da maioria das pessoas.

Frente a esta situação, o que deve ser mostrado é que o método científico é somente uma forma de ver o mundo com “uma relativa objetividade, e isso está ao alcance de qualquer mortal, desde que tomados certos cuidados indispensáveis” (ABRAMO, 1979, p. 22). Outro aspecto relatado pelo autor é que aos estudantes faltam conhecimentos básicos de filosofia e psicologia que lhe proporcionem uma compreensão razoável do processo de construção do conhecimento e raciocínio.

A deturpação da metodologia de investigação vista prioritariamente sob o ponto de vista morfológico é comprovada por Abramo (1979) quando, discorrendo sobre a passividade mental que ameaça o aprendizado acadêmico, em geral, diz que “é nas aulas de pesquisa, pelo menos na área de ciências humanas, que o estudante se defronta pela primeira vez com o problema de produzir conhecimento em lugar de consumi-lo”. Portanto, para Köche (2005), se há critérios de sustentação epistemológica a esse modo de apreensão da metodologia, pode-se considerar que deles derivam preceitos e padrões metodológicos orientadores do processo de investigação. Logo, evidencia-se que por meio da identificação das opções metodológicas dos estudos é possível identificar também as abordagens

epistemológicas predominantes na literatura da área, e como essas abordagens, direta ou indiretamente se relacionam à lógica capitalista de produção, reprodução e consumo.

Desse modo, quando Cheney<sup>8</sup> (2000, *apud* FRANCISCONI, 2008) afirma que as correntes de pensamento evoluíram e integraram outras perspectivas epistemológicas em seus respectivos quadrantes, “não necessariamente em uma única posição fechada, mas também constituindo conversações entre os paradigmas”, o mesmo ocorre com os métodos e perspectivas de pesquisa oriundos destas perspectivas epistemológicas, visto que, apresentam variantes e formas híbridas, bem como seus pontos obscuros, e capacidades de esclarecimento. Outra questão que reitera a afirmação anterior é que os paradigmas não necessariamente podem ser considerados como mutuamente excludentes, e que as intersecções entre eles proporcionam novos conhecimentos.

Um exemplo pertinente nesse sentido é o estudo realizado por Francisconi (2008), já descrito no capítulo sobre concepções do método em que a autora busca resgatar os fundamentos epistemológicos que alicerçam o campo científico de estudos organizacionais. Para descrever a configuração estrutural desse campo no Brasil, retoma as correntes como o estruturalismo, o funcionalismo, o interpretativismo, a hermenêutica, os estudos críticos e a teoria crítica.

## 2.9 CLASSIFICAÇÃO DE PESQUISAS NAS CIÊNCIAS

Em todas as áreas do conhecimento há tentativas de se classificar pesquisas de acordo com seus princípios metodológicos embora em muitos casos a preocupação central seja adotar um padrão formal de apresentação de trabalhos acadêmicos e científicos.

Há formatos de categorização que visam facilitar tanto a apresentação quanto à compreensão de como deve ser construída uma pesquisa científica a partir de diferentes pólos da pesquisa, e englobando diferentes critérios de categorização.

---

<sup>8</sup> CHENEY, G. Interpreting interpretive research: toward perspectivism without relativism. In: CORMAN, S. R.; POOLE, M. S. (Orgs.). **Perspectives on organizational communication: finding common ground**. New York: Guilford Press, 2000.

Vergara no campo da administração classifica tipos de pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, segundo a autora (VERGARA, 1998, p. 45), a pesquisa pode ser exploratória, descritiva, explicativa, metodológica, aplicada, intervencionista. Quanto a seus meios, pode ser: pesquisa de campo, de laboratório, telematizada, documental, bibliográfica, experimental, *ex pos facto*, participante, pesquisa-ação e estudo de caso.

As próprias classificações universais como as que diferenciam a ciência pura, também chamada de ciência fundamental e a ciência aplicada, são temas que suscitam debates em relação à produção do conhecimento no campo das ciências humanas e sociais e das ciências naturais. Visto que, segundo Abramo (1979, p. 27), “na história do desenvolvimento do conhecimento humano, ciência e poder frequentemente aparecem ligados”, pois, segundo o autor, “a observação do conhecimento confere ao seu possuidor maior domínio efetivo sobre as coisas e sobre as pessoas”.

Em vista disso é conferida à ciência fundamental, que objetiva conhecer pelo próprio conhecimento, o status de ciência desinteressada, no sentido de que se torna grandemente desvalorizada por não ser destinada a resolver problemas concretos, sofrendo consequências diretas e indiretas da conjuntura política e econômica em relação ao incentivo ao desenvolvimento de pesquisas. Do mesmo modo, essa condição é atribuída à classificação dicotômica da pesquisa descritiva versus pesquisa experimental, a primeira em detrimento da segunda em termos de poder e de ganhos financeiros. O problema maior de tal condição é a carência de reflexão voltada à atitude crítica dos pesquisadores e profissionais que voltam suas investigações à aplicação prática da pesquisa, muitas vezes reprodutora, com fins explicitamente capitalistas.

Outra forma de categorização de pesquisa é por meio da distinção entre pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa. Entretanto, de acordo com Bufrem (2011) esta é uma discussão que deve ser considerada superada frente ao pressuposto de que toda pesquisa científica é qualitativa quando se destacam, em seu processo de desenvolvimento e consolidação as possibilidades analíticas dos resultados. Para a autora (2011), embora o tratamento estatístico e os dados quantitativos predominem no encaminhamento do estudo, este não pode ser considerado apenas quantitativo, visto que maior possibilidade apresenta de se

extraírem relações sugestivas entre os elementos qualitativos que se evidenciam ao se analisar o conteúdo a partir de um maior volume de dados, pois esses proporcionam um reforço mútuo do ponto de vista lógico e conjuntural. Além disso, a mera organização dos dados quantitativos jamais poderia ser considerada uma pesquisa científica, não fosse o tratamento qualitativo dado a esse conjunto de informações.

Outro princípio classificatório geral da pesquisa na área de ciências humanas é o esquema tipológico relativamente antigo de Perseu Abramo (1979, p. 34), o qual identifica 46 tipos de pesquisa a partir de dez perspectivas.

A fim de fornecer indicações e sugestões aos estudantes da área, ele categoriza inicialmente um conjunto de critérios classificatórios, segundo os seguintes aspectos:

1. os campos de atividade humana ou os setores do conhecimento;
2. a utilização dos resultados;
3. os processos de estudo;
4. a natureza dos dados;
5. a procedência dos dados;
6. o grau de generalização dos resultados;
7. a extensão do campo de estudo;
8. as técnicas e os instrumentos de observação;
9. os métodos de análise;
10. o nível de interpretação.

Sem entrar no mérito dos critérios de classificação utilizados por Abramo (1979, p. 28), compreende-se que toda tipologia ou classificação é sempre a subdivisão de um objeto em seus componentes, por meio da aplicação de critérios de análise “susceptíveis de compor categorias sob as quais aqueles componentes homogêneos possam ser agrupados”. Segundo o autor, ainda que com o mesmo critério classificatório, é possível construir categorias de análise diferentes.

A classificação de um estudo segundo seus processos pode ser ilustrada, com o exemplo de tipos como histórico, estrutural, comparativo, ou funcionalista. Essa categorização não permite obter categorias mutuamente exclusivas de acordo com Abramo, o que não deve ser visto como elemento limitador.

Ao contrário, não só é comum como louvável a combinação de dois ou mais processos na mesma pesquisa, assim pode-se montar uma pesquisa que contenha uma comparação entre dois estudos monográficos, ambos histórico-estrutural-funcionalistas (ABRAMO, 1979, p. 36)

O não imperativo estabelecimento de categorias mutuamente excludentes também pode ser observado na categorização de opções metodológicas de artigos na base Brapci, cujos fins são facilitar a análise documental e a recuperação pelos usuários. Haja vista que os tipos de análises empregadas em um estudo também podem ser considerados como técnicas utilizadas no processo de investigação e coleta de dados.

Para focar nas tentativas de categorizações metodológicas, na próxima seção se apresentam alguns intentos em relação à organização de pesquisas em CI a partir dos formatos metodológicos adotados pelos autores.

## 2.10 OPÇÕES METODOLÓGICAS DE PESQUISAS EM CI

Quando se realizam estudos, em qualquer área do conhecimento, para analisar opções ou trajetórias metodológicas eleitas por pesquisadores, assim como para identificação do referencial metodológico em que se apoiaram para realizar seus trabalhos e as circunstâncias que teriam favorecido suas escolhas, costuma-se deparar com princípios diferenciados para o estabelecimento de categorias, tanto na nomenclatura usada para descrever um mesmo processo metodológico bem como na dificuldade de se atribuir critérios classificatórios para uma diversidade de opções metodológicas.

Deve-se destacar que a análise de conteúdo tem sido amplamente utilizada por pesquisadores para identificação da natureza, características e tendências da pesquisa na CI. Esses estudos analíticos de conteúdo na área também permitem a análise de temáticas e de trajetórias metodológicas. Esta última possibilidade é retratada no objetivo de aplicação empírica dessa pesquisa.

Com a finalidade de explorar os estudos mais pertinentes pela relação que mantém com esta pesquisa, apresenta-se aqui uma seleção entre as manifestações

do pensamento científico da área que remetem a tentativas anteriores nesse sentido.

Em 1983, Cunha mostrou sua preocupação metodológica, fazendo um levantamento das técnicas mais utilizadas para estudos de usuários, apresentando, não só a definição de cada técnica, como também as suas vantagens e desvantagens.

O estudo de Feehan *et al.* (1987, p. 178) relata um projeto cujo objetivo foi analisar aspectos e tendências da pesquisa em Biblioteconomia e CI, publicado em 1984, para o que foram identificados todos os artigos substantivos na área e então retirada uma amostra aleatória para estudo. Classificaram os artigos por assunto e método de pesquisa, os tipos de bibliotecas estudadas e as técnicas analíticas usadas. A classificação dos métodos de pesquisa empregados incluiu *Bibliometria, Análise de Conteúdo, Método Delphi, Experimental, Pesquisa Histórica, Observação e Descrição, Pesquisa Operacional, Análise Secundária, Levantamento*, entre outras.

Järvelin e Vakkari (1993, p. 129) confirmam, por meio de análise de conteúdo, que nas últimas décadas a literatura em Biblioteconomia e CI apresentou muitas análises estatísticas sobre as pesquisas publicadas. Entretanto, segundo os autores, nenhum dos mais recentes estudos cobre todo o leque de opções temáticas e metodológicas.

De acordo com Bufrem (1996), em 1990, esses autores constataram a distribuição temática, as abordagens e as metodologias utilizadas nas pesquisas internacionais em Biblioteconomia e CI, sobre uma amostra de 833 artigos publicados em 1985, em 37 periódicos da área. Essa pesquisa revelou que as estratégias empíricas predominaram (55,9%) e, com menos frequência, se apresentaram as pesquisas com métodos conceituais (23,4%), seguidas de métodos lógicos e matemáticos, de análises de sistema e de programa e de revisão de literatura. Entre as estratégias empíricas, foram o levantamento (22,9%) e o método histórico (10,7%) as opções de maior incidência (JÄRVELIN; VAKKARI 1990, p. 408 *apud* BUFREM, 1996, p. 4).

Para Bufrem (1996), o levantamento de Järvelin e Vakkari parece ter estabelecido o sistema mais consistente de categorias, pois seus estudos têm sido utilizados como base para quase todos os outros que vieram a seguir. De acordo

com a mesma autora, exemplo são os estudos de Kumpulainen, em 1991 e Rochester, em 1998.

Ao estudar programas de doutorado em Biblioteconomia e CI, Bobinski (1986), apresenta dados relativos a variáveis como as metodologias adotadas nas dissertações na área, o número de graus concedidos, inscrições em programas de doutorado, a reputação dos programas de doutorado perceptíveis no respectivo campus, o número de títulos concedidos e condições de admissão ao programa.

Em 1996, para analisar as dissertações do Programa de Pós Graduação do Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia do Brasil, Bufrem elabora uma classificação por assuntos e delineamento metodológico com base na literatura citada e apresenta uma classificação metodológica adaptando ao seu corpus as dezesseis categorias estudadas por Järvelin e Vakkari (1990).

Powell (1985) apresentou uma revisão de vários métodos de pesquisa utilizados por pesquisadores em *Library and Information Science* (LIS) enfocando, em particular, métodos qualitativos.

Outro exemplo de categorização realizada por temática e opções metodológicas é o de Gomes (2006). Para caracterizar a produção acadêmica do curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, de acordo com as tendências temáticas da área, os tipos de pesquisa e as abordagens metodológicas predominantes, a autora analisa 63 dissertações no período de 1990 a 1999. Faz uso da tabela de classificação de assuntos por ela elaborada juntamente com Oddone, em 2003. A tabela está estruturada em dez categorias temáticas gerais, cada uma com suas respectivas subcategorias de assuntos específicos.

No que diz respeito à escolha de um instrumento para classificar e analisar as abordagens metodológicas utilizadas nas dissertações, a maior dificuldade constatada por Gomes (2006) foi a questão da definição de uma tipologia relacionada às categorias de pesquisa, de métodos e estratégias, técnicas ou instrumentos de investigação. Gomes diz que esses aspectos foram também observados e destacados por outros pesquisadores que estudaram a produção acadêmica na área, como Bufrem (1996), Oliveira (1998) entre outros.

Diante das dificuldades encontradas, a autora optou por utilizar a tipologia proposta por Bernhard e Lambert<sup>9</sup> (1993) que inclui treze métodos de pesquisa com suas definições. Ressalta-se aqui que estes métodos já foram avaliados e testados por especialistas e considerados importantes na área: Análise de conteúdo; Desenho de sistemas de informação; Enquete; Estudo bibliométrico; Estudo comparativo; Estudo de caso; Estudo etnográfico/Enquete naturalista; Estudo de avaliação/Pesquisa de avaliação; Estudo experimental; Estudo histórico/Pesquisa histórica; Estudo teórico; Método Delphi; Pesquisa operacional/Análise de sistema.

Segundo Gomes (2006), cada uma das dissertações foi classificada em apenas uma das categorias, tanto em relação ao assunto, quanto à metodologia adotada.

As tentativas que se vêm realizando no sentido de estruturar uma categorização temática e metodológica mostram, por um lado, a dificuldade do intento, mas por outro, a importância que tem sido atribuída à organização dessas opções. Daí se podem confirmar as dificuldades de se atribuir um esquema único, especialmente pelo fato de que nenhuma classificação se faz no vazio.

Se há uma dificuldade em relação às classificações temáticas, as classificações metodológicas não ficam longe disso, visto que, cada esquema verifica-se em contexto científico com características e enfoque específicos, além de representar diferentes tendências e objetivos dos seus autores. Os obstáculos encontrados por estes na tentativa de categorizar temas e delineamentos metodológicos devem-se também a fatores de ordem geral quando se ensaia um modelo classificatório. Um deles refere-se à diversidade de categorias existentes, o que torna complexa a delimitação do campo de pesquisa.

Tal fenômeno demonstra a dificuldade de serem definidas categorias mutuamente excludentes, em especial devido à fragilidade dos sistemas hierárquicos, comprometidos diante da perspectiva interdisciplinar, cada vez mais presente, tanto na construção quanto na transmissão do conhecimento científico.

Alguns autores defendem a importância de se considerar previamente as categorias e para fundamentá-las sugerem que sejam utilizados modelos já testados em pesquisas anteriores, de natureza similar (ALLEN; RESER 1990, p. 257).

---

<sup>9</sup> BERNHARD, P.; LAMBERT, L. In search of research methods uses in information science. **Canadian Journal of Information and Library Science**, v. 18, n. 3, Sept. 1993.

Em busca de uma análise das categorias de estudos, do ponto de vista metodológico, estabelecendo princípios e critérios para a proposta de um sistema classificatório de metodologias na Brapci, procurou-se identificar e levantar na literatura mais recente formas de organização de opções metodológicas por diferentes autores como alicerce para uma potencial estrutura classificatória consistente.

Com base nas categorias apresentadas por Vergara (1998) e observando categorias metodológicas propostas por outros autores aqui mencionados a fim de auxiliar e simplificar a elaboração e apresentação de trabalhos científicos, buscou-se enfatizar nesse estudo que uma pesquisa, para descrever com clareza e completude suas opções metodológicas, não só com fins de atender ao pólo morfológico, deve ser inicialmente delimitada quanto ao seu nível de profundidade, ou finalidade.

Além da possibilidade de definição de um estudo quanto aos seus fins, é possível descrevê-lo quanto aos meios utilizados primordialmente para o seu alcance. Pode-se proceder também a identificação de seus enfoques, demonstrando de modo mais explícito as vertentes de pensamento seguidas pelos autores de um domínio. A proposta sugerida prevê, ainda, a especificação das técnicas utilizadas para a coleta de informações necessárias ao estudo do objeto de pesquisa em questão e dos tipos de análise, que também podem ser considerados modos de tratamento dos dados obtidos.

Essas categorias também serviram como base para o estudo de Silva (2010), participante do Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e Perfil Profissional da UFPR para delinear o perfil metodológico da pesquisa em CI na Revista Ciência da Informação no período de 2000 a 2009.

A categorização aqui especificada, diferentemente de outras tentativas de padronizações com vistas à organização formal de estudos científicos e acadêmicos, pretende considerar os pólos da pesquisa de Bruyne *et al.* (1977), concretizando-se com a descrição de um universo representativo de opções metodológicas de artigos.

### 3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa, de natureza descritiva metodológica, fundamenta-se em análise documental, a fim de identificar as opções metodológicas retratadas na literatura periódica de CI. Usa a técnica de questionário aberto, o que demandou uma análise de conteúdo, também utilizada para a categorização das opções metodológicas encontradas nos artigos e que foi baseada nas categorias aqui propostas.

De acordo com Bardin (1991), a análise de conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações, as quais podem ser ou não quantitativas. Este conjunto de técnicas aposta no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade do objeto a ser estudado. A análise de conteúdo visa à obtenção de indicadores e conhecimentos relacionados às condições das variáveis relativas ao conteúdo analisado, por meio da aplicação de processos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Com a busca de conceitos e definições relativos às concepções sobre as categorias explicitadas para a análise do corpus, foi possível especificar as opções metodológicas dos autores. Ao se definir a análise de conteúdo como procedimento voltado à identificação das opções metodológicas adotadas nas pesquisas da área, uma das questões iniciais que se apresentou foi em relação ao processo classificatório dos tipos de pesquisa, provocada, por um lado, pela diversidade de critérios perceptíveis na literatura em geral e, por outro, à utilização desses critérios pelos autores de cada um dos trabalhos constituintes do corpus analisado. Essa diversidade de atribuições específicas resultou numa grande variedade de tipos de pesquisa.

A exploração de conceitos relativos à metodologia de pesquisa deu-se pela busca em livros e autores como Laville e Dionne (1999) sobre a construção do método científico nas ciências humanas, Vergara (2005) com as definições de tipos de pesquisa e Bruyne *et al.* (1977) sobre a complementaridade dos pólos metodológicos da pesquisa. Assim como se fundamentou em Köche sobre o ensino da metodologia científica a partir da consideração de seus critérios epistemológicos. Buscou-se também identificar para esclarecer as concepções e correntes epistemológicas concebidas no decorrer da evolução da ciência.

Com a identificação das opções metodológicas propôs-se um modo de organizá-las no contexto de bases de dados. A proposta constituiu-se em cinco categorias para a organização do conhecimento relativa às opções metodológicas: a pesquisa quanto aos seus fins, quanto aos seus meios, quanto aos seus enfoques, quanto aos tipos de técnicas utilizadas e tipos de análise.

Essa proposta foi colocada em discussão por especialistas entrevistados da área, produtores de conhecimento do campo da metodologia, vinculados aos Programas de Pós Graduação *stricto sensu* em CI no Brasil, assim como os professores que atualmente ministram disciplina(s) relacionadas aos procedimentos e métodos de pesquisa nos respectivos Programas, a fim de discutir sua relevância para os processos de organização, recuperação e análise da produção científica no campo da CI.

Identificaram-se os Programas por meio da página *web* da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)<sup>10</sup>, contatando-se a Secretaria de cada um dos cursos para levantar as disciplinas sobre a temática e seus respectivos professores, visto que, nas ementas disponíveis não havia o nome dos professores ministrantes. Porém, nem todos os Programas responderam a solicitação da pesquisadora, o que justificou a ausência de alguns docentes eventualmente não contatados.

O questionário foi enviado juntamente com a apresentação da proposta de categorização de opções metodológicas para dois sujeitos cuja produção científica abrangia o tema metodologia da pesquisa e modos de produção científica e para onze professores responsáveis pelas disciplinas relacionadas aos métodos e procedimentos de pesquisa desses Programas. A formulação do instrumento de coleta visou compreender as percepções dos sujeitos em relação à identificação dos métodos de pesquisa utilizados na área de CI e também serviu de ponto de partida para melhorias à proposta de categorização de opções metodológicas. As sugestões e críticas relatadas nas respostas serviram como material para reflexão e melhoramento do que se propôs, e também uma reavaliação das categorias expostas.

---

<sup>10</sup> Consulta realizada na página *web* <<http://www.ancib.org.br/pages/pos-graduacoes-em-ci.php>>. Acesso em 20 mai. 2011.

O critério inicial adotado para a identificação dos sujeitos componentes do universo foi a quantidade de artigos de pesquisa publicados sobre o tema por estes autores. Foram selecionados os pesquisadores professores brasileiros, com mais de cinco artigos publicados, e que tivessem ministrado nos últimos dez anos a disciplina de metodologia da pesquisa ou introdução à pesquisa nos cursos de Pós Graduação *stricto sensu* na área da CI. Entretanto, como estes critérios não foram suficientes para delimitar adequadamente tal universo, decidiu-se por definir como critério a escolha de um professor de cada um dos cursos de Pós Graduação em CI no Brasil, cuja linha de pesquisa ou áreas de interesse estivessem relacionadas à temática em questão e, ainda se considerou os poucos autores que haviam produzido sobre o tema, na área, que aqui foram representados por dois deles.

O preteste do questionário foi realizado com três professores do Departamento de Ciência e Gestão da Informação da UFPR que apresentavam envolvimento com a temática. Esta iniciativa discutiu o protocolo do questionário visando seu aperfeiçoamento. As sugestões e observações relacionadas aos enunciados provocaram modificações para a aplicação definitiva do instrumento ao universo de pesquisa.

Obteve-se quatro respostas dos treze questionários enviados ao universo final de pesquisadores, representando 30,7% de retorno. A análise das respostas foi feita tomando-se o cuidado de preservar o anonimato dos sujeitos respondentes, razão pela qual foram denominados como SA, SB, SC e SD, independentemente da consideração de gênero.

É importante destacar que um dos sujeitos respondentes do universo optou pela entrevista via telefone. A preferência por essa forma de comunicação partiu do próprio sujeito e foi aceita pela pesquisadora, tendo em vista que o universo representativo de respondentes foi reduzido e que nem todos se dispuseram a participar. Considerou-se que, sem prejuízo dos outros respondentes, a entrevista via telefone em detrimento ao questionário respondido eletronicamente foi marcada pela espontaneidade, não interferindo negativamente nos seus resultados, além de que, o procedimento permitiu maior esclarecimento em relação aos objetivos da pesquisa. Por outro lado, essa opção pode facilitar a perda de foco e objetividade em relação ao tema, exigindo que o procedimento seja realizado cautelosamente a fim de eliminar os juízos de valor das interpretações.

As possibilidades de contribuição por meio da entrevista via telefone são grandes, mas os riscos relativos a interpretações enfáticas e influências que o pesquisador exerce, mesmo que de forma não declarada, são da mesma proporção.

Para uma aplicação empírica da proposta de categorização por opções metodológicas, foi selecionado um corpus coletado aleatoriamente na base Brapci. A análise de conteúdo desse corpus partindo das categorias propostas buscou ressaltar características da produção da área a partir das opções metodológicas adotadas pelos autores. Quanto à esse objetivo, realizou-se uma análise de conteúdo metodológico no corpus de artigos representados por 10% da publicação da Brapci, ou seja, 689 artigos científicos no período de 39 anos, entre os anos de 1972 e 2010.

A coleta desse corpus foi realizada por meio da tabela de números aleatórios, com o intuito de dotá-la de confiabilidade e imparcialidade. Esse procedimento de coleta consistiu na identificação de artigos aleatoriamente, pelo sorteio de documentos correspondentes aos números da tabela. Para a operacionalização desta etapa foram numerados todos os registros da base em ordem sequencial com o apoio do administrador e desenvolvedor do Sistema tecnológico da Brapci, Rene Faustino Gabriel Júnior<sup>11</sup>.

No caso de indisponibilidade de um dos artigos recuperados, ou de sua não correspondência efetiva com a tipologia de documento artigo, foi selecionado o artigo de número anterior ou posterior ao número aleatório selecionado.

Destaca-se que a identificação de opções metodológicas demandou a leitura dos resumos e do texto completo dos artigos do corpus, especialmente a parte concernente ao percurso metodológico do autor. Respeitou-se, para a inclusão de cada estudo no jogo de categorias, a denominação dada pelo autor para o tipo de pesquisa realizado.

Foram utilizadas técnicas bibliométricas, usando-se como suporte a plataforma da Brapci para a compilação e combinação dos dados obtidos sobre as opções metodológicas encontradas. Desse modo, pôde-se agrupar e visualizar as opções predominantes em cada categoria proposta: pesquisa quanto aos meios,

---

<sup>11</sup> Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

quanto aos fins, quanto aos enfoques, quanto às técnicas e tipos de análises, por períodos delimitados, no *corpus* constituinte de 39 anos. Outras informações extraídas foram as combinações entre essas opções. Analisou-se a predominância do uso de técnicas específicas em determinadas temáticas. O uso de técnicas bibliométricas assim como a análise das respostas dos questionários levou aos resultados parciais descritos na próxima seção.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa constituem-se em dois capítulos. Um relativo às análises e considerações sobre as quatro entrevistas realizadas com os pesquisadores professores que apresentam envolvimento com as disciplinas metodologia da pesquisa, e o segundo é relativo às considerações da análise do corpus extraído da Brapci para a identificação de suas opções metodológicas. Dos 689 estudos presentes no corpus extraído, ou seja, 10% de toda a produção da base, compreendido entre os anos de 1972, quando surgiu a primeira revista da área, ao ano de 2010, apenas foram selecionados os documentos classificados pelas revistas como artigos científicos, excluindo-se os relatos de caso, as revisões de literatura, as comunicações, os pontos de vista, os editoriais e as resenhas. Considerou-se que a classificação dos trabalhos é embasada nos critérios das políticas de seção das revistas, definindo que a seção artigos científicos compreende textos com relatos completos de estudos ou pesquisas já concluídas e trabalhos similares. Mesmo tendo sido respeitada essa categorização, na leitura dos artigos constatou-se a existência de documentos claramente diferenciados por se tratarem de relatórios ou documentos institucionais, incluídos indevidamente na seção de artigos científicos. Assim, optou-se por eliminá-los do *corpus*, substituindo-os por meio da inclusão do artigo correspondente ao número seguinte, fornecido pela tabela dos números aleatórios.

Foram mantidas as tabelas geradas para a análise documental, juntamente com os gráficos sobre incidência e predominância de métodos, técnicas, enfoques e tipos de análise encontrados no corpus. Procurou-se dessa forma, mesmo sob pena de incidir em redundância de informações, proporcionar clareza e objetividade ao

processo de análise das amplas possibilidades ensejadas pelas informações contidas nas tabelas.

#### 4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

A peculiaridade desta pesquisa, devido à ênfase dada ao aspecto qualitativo, exigiu a apreciação detalhada das posições dos pesquisadores relativas à proposta de categorização. A pouca representatividade quantitativa de sujeitos respondentes dificultou o estabelecimento de relações entre a localização geográfica dos programas de Pós Graduação aos quais estão vinculados e suas posições.

Em relação à primeira questão, relativa ao **conhecimento que os entrevistados têm sobre alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica**, a maioria dos sujeitos desconhece a existência de ferramenta com esse objetivo, salvo um deles. Embora um dos sujeitos que participaram do preteste do questionário, relate conhecer as ferramentas tradicionais da biblioteconomia e da arquivologia, reconhece que não se referem à metodologia da pesquisa. O entrevistado SC afirma que também não conhece ferramenta metodológica nesse sentido e acredita que qualquer interface pode estar preparada para recuperar trabalhos que se dedicam à identificação das opções metodológicas.

Um único sujeito, o SD, relatou conhecer ferramenta que recupere nesse sentido, embora, segundo ele “essa recuperação não seja tão afinada, tão filtrada”. SD dá o exemplo da ferramenta Google, pela qual quando se utiliza da pesquisa avançada, por exemplo, “consegue-se obter certo número de trabalhos pela opção metodológica. Como exemplo, pode-se pesquisar por estudos de caso em bibliotecas públicas, ou somente por estudos de caso. Se esta e/ou outras ferramentas, ao mesmo tempo organizam também esses trabalhos científicos, no momento não saberia dizer” (SD).

Pode-se dizer que o impacto causado pelo termo “ferramenta”, utilizado nesta pesquisa como representativo de um dispositivo intelectual utilizado tanto por criadores quanto por usuários de bases de dados para realizar alguma tarefa de modo a facilitar, no caso específico desse questionamento, a organização e busca

de opções metodológicas em pesquisas científicas, é decorrente das diversas apropriações do termo. Dada a definição aceita para este estudo, uma ferramenta pode ser compreendida como um dispositivo que distingue modos de pesquisar para facilitar a compreensão das possibilidades de fazer pesquisa. Entretanto, essa definição nem sempre foi compreendida de modo positivo, pois sugeriu, conforme resposta do sujeito entrevistado SA, um distanciamento do termo “ferramenta” com o contexto de pesquisa descrito. Isso devido à impossibilidade que o sujeito pesquisador vê e discute com seus alunos e orientandos “de se manter uma categorização ampla que satisfaça a todas as áreas e a todos os pesquisadores, e também devido ao tempo que se esvai quando se tenta um enquadramento” (SA).

Já em relação à segunda questão **sobre a existência de algum estudo que organize as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas**, parte dos entrevistados, mais especificamente o SA e o SC, relata estudos que pretendem estabelecer princípios classificatórios. O SA cita as categorizações universais e menciona a categorização do Abramo para os tipos de pesquisa nas ciências humanas, que utiliza como exemplo aos seus alunos. Na mesma resposta é evidenciada a existência de diversidade de categorizações, resultantes de estudos e propostas pelas agências de fomento, incluindo, no caso do Brasil, as categorizações distintas de Capes, CNPq, BNB, BB.

Em outra entrevista, o sujeito SC menciona uma coletânea de trabalhos em relação à metodologia qualitativa em CI, em que, segundo o relato, “apresentam-se abordagens metodológicas distintas da pesquisa qualitativa na área, considerando aqui a abordagem uma forma de apropriar-se de uma proposta e que essas abordagens também podem ser formas de se enquadrar pesquisas em relação às suas opções metodológicas, e que acabam por influenciar o uso de técnicas e métodos que sejam mais compatíveis com tais abordagens” (SC). Em outra entrevista, SD afirma existirem, sim, estudos e que já leu algum com esse objetivo na literatura da área, “mas no momento não saberia dizer qual”.

De modo geral, observa-se que os entrevistados trazem novas possibilidades de categorias que merecem atenção, a fim de se estender o alcance e as possibilidades de ampliação e aperfeiçoamento das cinco categorias sugeridas nessa pesquisa e colocadas em discussão. Entretanto, SB relata que não conhece estudo nem ferramenta com este objetivo.

Quando questionados sobre o que **pensam da proposta de organização de metodologias das pesquisas apresentadas nesse estudo**, o sujeito SB coloca que essa tentativa reforça a acomodação do pesquisador ao racionalismo instrumental. O SA compreende que a “preocupação em evitar as compartimentações leva alguns pesquisadores a desconfiarem das numerosas categorizações das pesquisas que foram desenvolvidas”. Esse mesmo sujeito defende que uma pesquisa “define-se prioritariamente pelo problema a ser resolvido, portanto, a categoria universal: pesquisa fundamental X pesquisa aplicada, parece ser suficiente” (SA).

Por meio dessa questão nota-se que a percepção de alguns entrevistados em relação à proposta de categorias remete ao engessar uma estrutura para então, adequar pesquisas da área de CI em um modelo restrito. Logo, pode-se considerar que o objetivo de categorizar aqui discutido não é aceito unanimemente, pois o viés pósmoderno da atividade de categorização para organização de informação e conhecimento não remete ao entendimento de que esta seja princípio intrínseco da atividade de OC em todos os contextos. Concorde-se que a visão de categorias nunca consegue abarcar a diversidade de tipos de informação hoje existentes, embora em uma base de dados seja necessária a aplicação de princípios classificatórios para que permita a recuperação e análise de dados de um modo privilegiado e que aproveite com maior efetividade o conteúdo indexado. Contudo, o sujeito SC é enfático ao dizer que a ideia de detalhar tais opções metodológicas dos estudos da área é ótima e considera que esse tipo de estudo teórico e empírico quase propositivo é necessário para fortalecer a área. O sujeito SD acha que esse tipo de estudo é uma boa alternativa, “pois poderá facilitar a busca e a recuperação de trabalhos por meio da metodologia da pesquisa. No entanto, a interface de categorização certamente deverá incluir outros enfoques, métodos, técnicas etc”.

Na quarta pergunta, sobre **as contribuições que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover aos processos de organização da informação**, observam-se opiniões divergentes entre os entrevistados. Considerando nesse momento as respostas obtidas no preteste, é válido sumariar que os sujeitos afirmam que tais categorizações do conhecimento podem facilitar a recuperação das informações em bases de dados, facilitando também, a tomada de decisão de pesquisadores da área. Além de contribuir com

opções mais dinâmicas de organização, ainda é mencionado nas respostas obtidas com o preteste, que há a “possibilidade de construção de ontologias a partir de tais categorizações”.

Contudo, dois entrevistados dos quatro representantes do universo de professores pesquisadores que responderam o questionário não parecem convencidos das efetivas contribuições à organização do conhecimento. O sujeito SB diz que poderá ser uma ferramenta que traz “economia, redução de tempo e acomodação intelectual” (SB). Já a resposta do sujeito SA é que seja somente mais uma tentativa como as já mencionadas nesse estudo, que não necessariamente dá conta de adequar todos os tipos de pesquisa.

Entre os sujeitos que acreditam nas contribuições da categorização de opções metodológicas para a organização da informação e do conhecimento está o SD, o qual diz que “além de proporcionar uma busca e recuperação de forma mais rápida, direta e com mais acuidade, oferece também mais qualidade nos processos de organização da informação” (SD).

Afinal, quando se pensa na recuperação e na análise de pesquisas em um repositório de conhecimento sistematizado como a Brapci, ou numa realidade específica, essa contribuição parece efetivamente ser capaz de promover bons resultados do ponto de vista da organização.

Da mesma forma, quando se questionou sobre essa **contribuição aos processos de análise e interpretação da informação e conhecimento**, os participantes do preteste responderam que vêem essa contribuição como a possibilidade de mapear os estudos e apontar as tipologias utilizadas na área, e também de contribuir com a qualidade das pesquisas, pois desse modo é divulgada a existência de certos recursos ainda desconhecidos, como a categorização proposta nesse estudo.

O sujeito SC diz que a principal contribuição que essa proposta de categorização traz do ponto de vista da interpretação e análise da informação e conhecimento é em relação ao desenvolvimento científico das pesquisas empíricas na área de CI, pois a área não avança se não forem desenvolvidas pesquisas empíricas. E estas pesquisas só são desenvolvidas e fomentadas a partir do aperfeiçoamento de técnicas. Por isso, ainda de acordo com esse sujeito, “autores como Saracevic, Lancaster e outros, que concretizaram métodos, abordagens e até

mesmo as leis como as bibliométricas, são sempre usados de fundamento para as pesquisas recentes. Logo, as pesquisas empíricas como essas são a base para a consolidação da CI, para que o domínio deixe de ser frágil pela predominância de estudos de revisão” (SC). Efetivamente, deve-se concordar com SC e considerar que estes autores basilares fazem estudos que contribuem com a consolidação de enfoques e abordagens nesse domínio. “Estas são pesquisas que dependem de estudos sobre metodologias, que tentem discutir possibilidades de consolidação da área” (SC).

Ainda relacionado aos benefícios da categorização à análise e interpretação da informação, SD diz que, “de um modo geral, facilita o acesso a essa produção científica para pesquisadores e demais estudiosos, assim como disponibiliza indicadores metodológicos para aqueles que trabalham com políticas de informação científica, proporciona comparação de estudos e resultados nessa temática, e como já mencionamos anteriormente, de uma forma mais rápida e direta, sem muita perda de tempo”. De acordo com este relato, “a produção científica da CI só tem a ganhar, e muito com essa organização de metodologias de pesquisa, pois tende a dar maior visibilidade a área” (SD)

Entretanto, SA parte do ponto de vista de que a variedade de temáticas passíveis de estudo é que determina uma infinidade de métodos, sempre diferenciados. Observa-se, por meio deste, uma preocupação maior que se deve dar aos assuntos e objetos investigados, ou seja, para SA inexistente uma categorização ideal, visto que o tema e o objeto de estudo são os elementos decisivos na escolha da metodologia.

“A contribuição da pesquisa científica, em CI ou em qualquer outra área, não pode ser avaliada pela metodologia, e, sim, pela adequação ou não dos procedimentos metodológicos, até porque, cada vez mais se tende a recorrer à conjunção de técnicas e instrumentos” (SA). Deve-se considerar, no entanto, que o que se pretende com a categorização dos modos de fazer pesquisa não é somente avaliar a produção científica, mas ensinar aos usuários e pesquisadores a oportunidade de recuperar pesquisas pelo modo como são realizadas, identificando métodos e técnicas por meio de categorias organizadoras.

Outro ponto de vista em relação à contribuição para realização de análise e interpretação da produção de acordo com SB, é que “com a diminuição do desafio

intelectual relativo à identificação de metodologias, poderá acentuar a fragilidade já existente em termos de geração de conhecimento relevante socialmente”, o que contraria pontos de vista relatados acima.

A partir dos relatos interpretados, observa-se que os sujeitos SA e SB são refratários a esse tipo de categorização como modo de organizar o conhecimento.

Verificou-se um impacto dos entrevistados em relação à questão seis sobre **a concordância com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias por opções metodológicas pela Brapci**. Tanto que os professores entrevistados que participaram do preteste consideraram a questão complexa. Já, sobre o universo de sujeitos principais da pesquisa, SB não expressou opinião, SA relatou não ter nenhuma vivência frente à Brapci, o que, conseqüentemente, o impediria de concordar ou não com essa separação com fins de ajudar a aperfeiçoar a categorização da Brapci. Entretanto, SC afirmou uma concordância com tal opção de separação, justificando que a técnica, diferentemente da análise, é somente um instrumento de coleta de dados. Segundo esse sujeito, as análises são subjetivas e dependentes do tipo de abordagem utilizada pelo autor.

A resposta de SD concorda com a anterior, quando diz que “quando nos referimos às metodologias, estamos incluindo nelas as abordagens da pesquisa, o(s) método(s) utilizado(s), o tipo de pesquisa, as técnicas de levantamento dos dados” (SD), enfim, SD afirma “elas abrangem um certo número de itens que, no meu entender, fazem parte, compõem esse todo metodológico. Portanto, não devem ser excludentes, e sim como estão dispostas pela Brapci”, em técnicas e análises.

Em relação à questão sete, **com o objetivo dos respondentes terem a liberdade de sugerir idéias para a categorização**, parte dos sujeitos declarou não ter familiaridade com a base Brapci para fazer qualquer sugestão. O sujeito SC sugeriu uma reflexão a respeito de destacar métodos específicos da área, separando-os dos métodos mais comuns, como algo relacionado às abordagens teórico-metodológicas desenvolvidas na própria área a fim de representar um fortalecimento da CI. SD sugeriu a inclusão de outros enfoques, métodos, tipos de pesquisa e técnicas.

A pergunta oito foi adicionada após o preteste, destinada ao universo principal de entrevistados e questiona **se estes acreditam que a direção e a**

**modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto.** Uma das respostas, mais especificamente a do sujeito SA, considera como característica do desenvolvimento de pesquisas em todas as áreas a heterogeneidade metodológica e a busca por uma escola pluralista, comprometida com o interesse coletivo. A resposta de SB parece concordar com tal colocação, mas deixa claro que há muitos outros fatores co-participantes no processo de produção do conhecimento e que não necessariamente as metodologias. Seguramente pode-se concordar que há muitos outros fatores, embora, esse estudo se limite às opções metodológicas adotadas nas pesquisas em CI.

SC argumenta que o objeto de investigação estará sempre condicionado, principalmente na pesquisa empírica, e justifica que essa relação pode se verificar quando é estabelecido o uso de uma abordagem com uma técnica não usual a tal abordagem, a fim de verificar se o estudo em seu processo, a partir do uso de técnicas diferentes, torna-se contraditório ou não.

Em relação à essa questão SC ainda menciona a ausência de estudos comparativos na CI, e considera que estes fazem falta para o desenvolvimento da área e aproveitamento das pesquisas já realizadas para o desenvolvimento de outras. Desse modo, “outros estudos comparativos podem ser feitos para fortalecer um campo e para identificar essas questões de direção e modalidade da prática de pesquisa, que demandem a verdadeira competência profissional, de experimentar e desenvolver pesquisas em CI” (SC).

SD defende que “a prática da pesquisa não é neutra já que é tencionada pela vida política, econômica e social”. Considerando-se o ponto de vista do sujeito, “quanto a uma maior ou menor aproximação de um domínio epistemológico e político, isso vai depender da linha e grupo de pesquisa que se está trabalhando, do tipo e natureza da pesquisa, sua abrangência, ou seja, há uma série de fatores que podem condicionar o seu desenvolvimento e que se relacionam” (SD).

## 4.2 ANÁLISE DO CORPUS

As opções metodológicas identificadas nos artigos foram analisadas de acordo com as categorias propostas, em relação aos fins aos meios, aos enfoques, às técnicas de pesquisa e às análises realizadas.

Em relação à pesquisa **quanto aos fins**, é comprovada a predominância dos estudos exploratórios (378), representando um total de 54,9% do corpus de 689 artigos analisados. Os estudos descritivos (229) seguem na segunda posição e representam 33,2% do corpus.

A predominância de estudos exploratórios por um lado revela que a pesquisa na área busca investigar temáticas diferenciadas e pouco exploradas que possam contribuir para o fortalecimento da CI, especialmente considerando as contribuições trazidas pelos novos recursos e ferramentas da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), que facilitam a realização de pesquisas inovadoras na área. Por outro lado, esta predominância é compatível com a incipiência característica da produção periódica de uma ciência cujas construções teóricas e empíricas ainda estão em fase de consolidação.

Constatou-se a presença de estudos metodológicos (48), que constituem a terceira posição, bem como de estudos de avaliação (25) e estudos explicativos (9) como mostra a tabela 1.

TABELA 1- Tipos de pesquisa quanto aos fins por períodos em *corpus* da Brapci

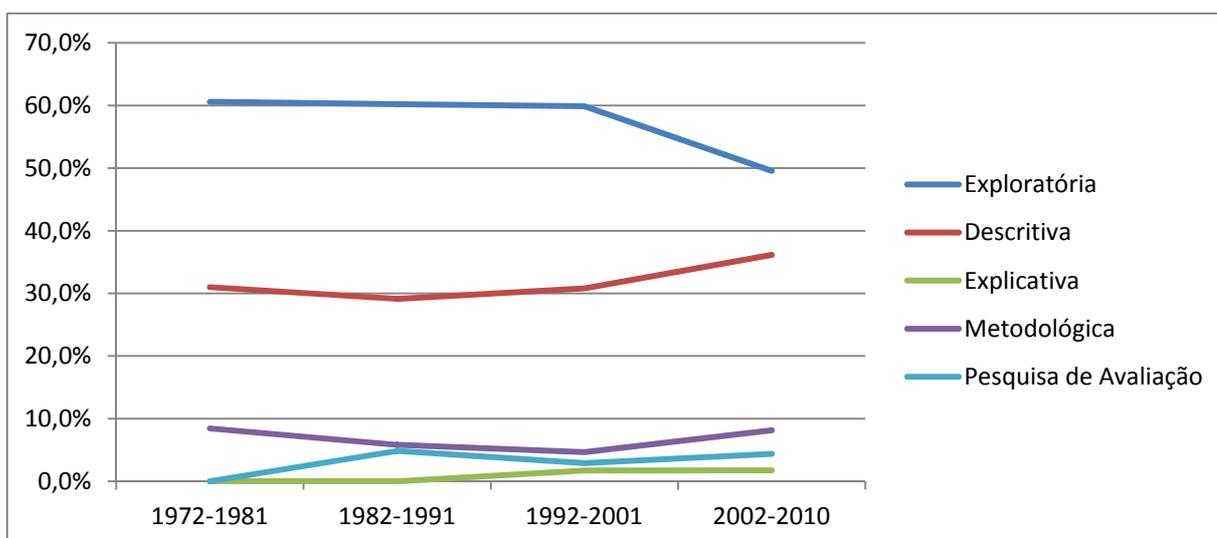
<b>Tipo de pesquisa quanto aos fins</b>	<b>Total</b>	<b>1972-1981</b>	<b>1982-1991</b>	<b>1992-2001</b>	<b>2002-2010</b>
Exploratória	54,9%	60,6%	60,2%	59,9%	49,6%
Descritiva	33,2%	31,0%	29,1%	30,8%	36,2%
Explicativa	1,3%	0,0%	0,0%	1,7%	1,7%
Metodológica	7,0%	8,5%	5,8%	4,7%	8,2%
Pesquisa de Avaliação	3,6%	0,0%	4,9%	2,9%	4,4%

Fonte: A autora (2012)

Os estudos exploratórios que se utilizam especialmente de revisões de literatura, nas publicações das duas primeiras décadas da produção analisada, apresentam-se com características que não lhes concedem a formalidade e linguagem próprias de um artigo científico, embora sejam reconhecidos como tal pelos editores.

No gráfico a seguir, representativo dos dados da tabela 1, pode-se considerar que o aumento de estudos descritivos e a diminuição de estudos exploratórios, proporcionalmente à produção anual, marcam uma fase de transformação na qualidade das pesquisas, considerando-se que os estudos descritivos apresentam maior profundidade no tratamento das temáticas.

GRAFICO 1: Tipos de pesquisa quanto aos fins por períodos em *corpus* da Base Brapci



Fonte: A autora (2012)

A característica da pesquisa descritiva é que procede a exploratória por ir além da constatação, descrevendo como se relacionam as forças e aspectos dentro da estrutura e da conjuntura que envolve o objeto em estudo. Esse nível de observação permite retratar as condições do fenômeno ou objeto, classificá-lo e interpretá-lo.

Os estudos metodológicos ainda são mais comuns que as pesquisas de avaliação e que os explicativos na área da CI, e geralmente, remetem à análise e ao desenvolvimento de novos modos de se utilizar métodos, técnicas ou instrumentos de pesquisa. Alguns, por exemplo, focam-se no desenvolvimento de softwares, sistemas de informação, na proposição de modelos de gestão ou métodos de

análise de perfil de usuários em contextos diferenciados. As palavras chaves mais incidentes nesta modalidade são: internet (5), gestão documental (5), gestão do conhecimento (4), sistemas de informação (4), gestão da informação (4), bibliometria (3), inteligência competitiva (2), bases de dados (2), *Dublin core* (2), modelagem (1), estratificação (1) entre outras.

O período em que se apresentou maior incidência da pesquisa de avaliação foi entre 1982 e 1991. As palavras chaves para esta modalidade remetem a estudos em contextos diferenciados, tais como: avaliação (4), biblioteca universitária (4), Ciência da Informação (4), qualidade da informação (2), *websites* (2), entre outros termos que remetem a estudos de uso de informação em ambientes específicos em que se realiza a prática de avaliação, em especial bibliotecas e unidades e sistemas de informação.

Este tipo de pesquisa teve menor incidência devido ao fato de ser comumente direcionada à avaliação de programas e organizações, sendo de caráter social ou operacional, requerendo assim, cautela em relação aos critérios e variáveis de avaliação. A pesquisa com este objetivo demanda uma organização prévia detalhada.

Nenhum modelo de pesquisa explicativa figurou no corpus nas duas primeiras décadas analisadas. Entretanto, essa modalidade foi encontrada entre 2002 e 2010, com a ocorrência de nove artigos com este fim. Observa-se que algumas pesquisas denominadas como explicativas nem sempre transcendem o aspecto descritivo, entretanto, adotou-se a opção enunciada pelos autores para incluí-los nesta categoria de estudos quanto aos fins.

Os estudos explicativos objetivam elucidar fatores decisivos para a ocorrência de determinados fenômenos e o porquê das relações estabelecidas entre as forças ou aspectos que o envolvem. Pela observação das palavras chave utilizadas, notou-se maior pertinência nos artigos explicativos que buscavam solucionar problemas concernentes aos processos de gestão da informação e do conhecimento, aos fatores organizacionais e às tecnologias da informação, a fim de relacionar e explicar como fluxos e ferramentas influenciam nos modos de disseminação da informação e nos processos de gerenciamento e aprendizado organizacional.

De forma a concordar com as observações relatadas acima, destaca-se que a modalidade de estudo explicativo relacionou-se na maioria dos casos com os

termos: cibernose, gestão da informação, aprendizagem organizacional, normose informacional, tecnologia de reconhecimento óptico de caracteres, *framework*, biotecnologia, controvérsia interpretativa, normoterapia, tecnologias OCR, gerenciamento de projetos, monitoração ambiental, neurose virtual, entre outras.

A título de esclarecimento, a cibernose refere-se de acordo com Weil (2000, p. 3), aos nós de estrangulamento nas comunicações, em especial durante uma situação experimental. Segundo o autor, o termo é usado “para designar situações de perturbação de comunicações, com efeitos patogênicos sobre o sistema nervoso, ou funções mentais, causados na sua maioria pelo uso de aparelhos cibernéticos”, no caso, computadores, celulares entre outros.

As incidências relativas à pesquisa quanto aos fins confirmam o caráter de ciência social da CI, em que os estudos mais aprofundados costumam ficar no nível descritivo. O tipo de pesquisa explicativa é uma característica metodológica das ciências exatas e naturais e não figura no corpus com incidência expressiva.

Quanto **aos meios de pesquisa** dos artigos analisados destaca-se a pesquisa bibliográfica (269) que representa 39,50% do corpus, seguida da pesquisa documental (168) constituinte de 24,67% do mesmo corpus. O estudo de caso (106) aparece na terceira posição, logo a seguir, está a pesquisa de campo (32) e os estudos métricos (30), como é mostrado na tabela 2.

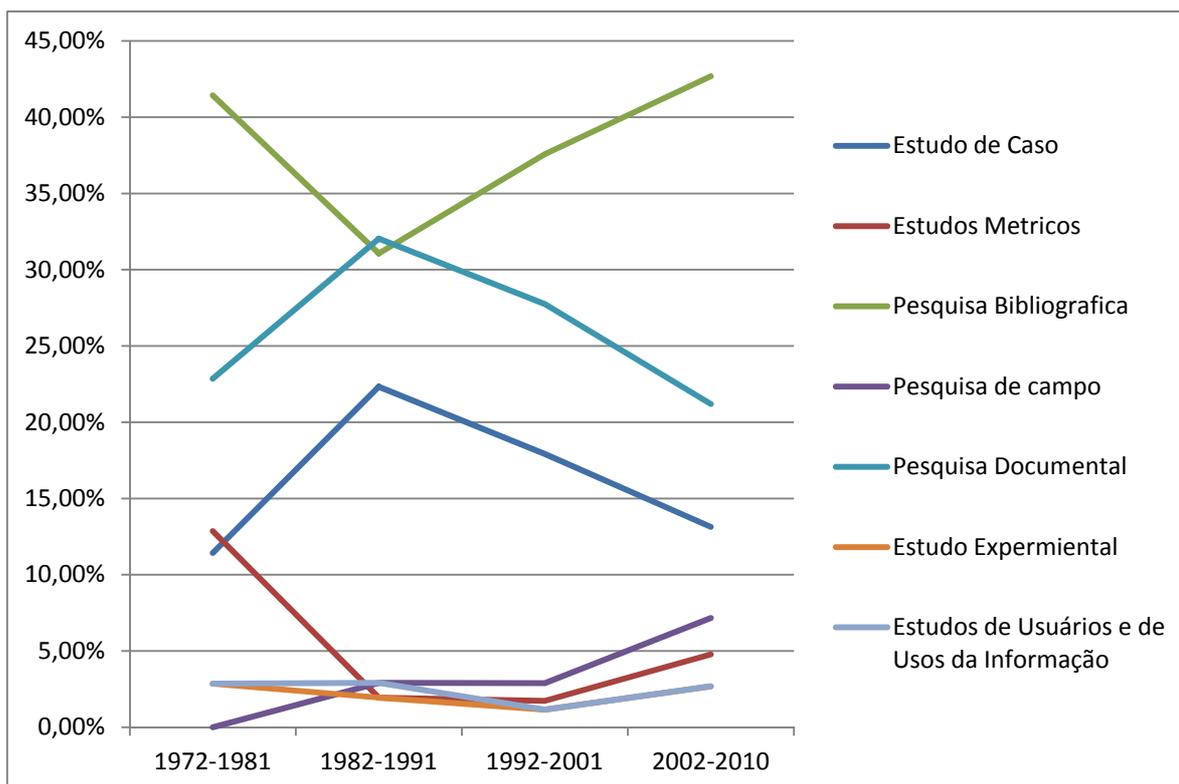
TABELA 2- Tipos predominantes de pesquisa quanto aos meios por períodos em *corpus* da Base Brapci

<b>Tipo de pesquisa quanto aos meios</b>	<b>Total</b>	<b>1972-1981</b>	<b>1982-1991</b>	<b>1992-2001</b>	<b>2002-2010</b>
Pesquisa Bibliográfica	39,50%	41,43%	31,07%	37,57%	42,69%
Pesquisa Documental	24,67%	22,86%	32,04%	27,75%	21,19%
Estudo de Caso	15,57%	11,43%	22,33%	17,92%	13,13%
Pesquisa de Campo	4,70%	0,00%	2,91%	2,89%	7,16%
Estudos Métricos de Informação	4,41%	12,86%	1,94%	1,73%	4,78%
Estudos de Usuários e de Uso da Informação	2,35%	2,86%	2,91%	1,16%	2,69%
Estudo Experimental	2,20%	2,86%	1,94%	1,16%	2,69%

Fonte: A autora (2012)

O gráfico 2, a seguir, representa a pesquisa quanto aos meios predominantes nos períodos delimitados.

GRÁFICO 2- Tipos de pesquisa predominantes quanto aos meios por períodos em *corpus* da Base Brapci



Fonte: A autora (2012)

Percebe-se que a incidência de estudos métricos no período de 1972 a 1981 é expressiva. No período entre 1982 e 1991 há uma queda na produção dessa modalidade devida à expansão das pesquisas sociais e políticas, especialmente representadas por pesquisas de campo e estudos de caso e documentais. Os estudos infométricos começam a surgir em 2002, decorrentes das temáticas voltadas às tecnologias da informação e comunicação e da internet. Alguns dos termos representativos das temáticas dos estudos métricos são: *software social*, *comunidades discursivas*, *comunicação eletrônica*, *social bookmarking systems*, *social tagging motivation*, análise de conteúdo, entre outros.

Os estudos de caso, cuja característica principal é a escolha de um objeto de estudo isolado, são utilizados quando se trata de identificar características

específicas de um objeto de estudo, como também, procuram identificar um padrão científico em relação a um ou poucos casos já reconhecidos. Eles têm sido utilizados frequentemente nas pesquisas em CI, com uma expressividade de 15,57% na produção analisada, em especial nos anos de 1982 a 1991.

As pesquisas de campo caracterizam-se por requererem proximidade do pesquisador com o objeto de estudo em seu próprio ambiente, e destacam-se devido ao seu aumento gradativo nas pesquisas ao longo dos anos analisados. É também muito comum nos estudos de aspectos sociais, às vezes com enfoques etnográficos. Utilizam-se com frequência da técnica de observação sistemática bem como das modalidades de entrevista, técnica de narrativa, grupo de discussão, observação participante.

Não há ocorrência de pesquisas de campo no decanato de 1972 a 1981, conforme explicitado na tabela anterior, visto que nesse período pode-se dizer que a postura epistemológica dos autores decorria do momento histórico vivido tanto na política como na ciência, quando o exercício da crítica à realidade era restringido pelo poder político. Nesse momento histórico marcado por estudos de caráter positivista, também se destacam os estudos visando a solução de problemas operacionais. Por consequência os estudos centravam-se na produção de dados quantitativos, nem sempre contextualizados, como nos casos de estudos bibliométricos, muito incidentes neste período.

Pode-se dizer que logo no início de sua formação, a CI no Brasil, que teve a primeira revista da área em 1972, apoia-se nas modalidades de pesquisa das ciências exatas, como decorrência da sua própria origem.

Os estudos de caso e as pesquisas de campo caracterizam o decanato de 1982 a 1991, período que a corrente fenomenológica está presente nos estudos da área, o que é confirmado pela identificação do uso dos tipos de técnicas. Isso se explica em razão da proposta fenomenológica ao tentar descrever o fenômeno e não explicá-lo e tampouco explicar suas relações causais. Voltando-se às coisas mesmas, aos modos como elas se manifestam, o método orienta-se ao mundo da experiência e, portanto, instrumentaliza-se com a utilização de questionários, entrevistas, observações e outras técnicas que vêm permitindo a triangulação ou combinação delas com vistas à apreensão do fenômeno. Esses estudos também se relacionam com o enfoque hermenêutico, pelo qual a informação passa a ser

considerada como um processo, em que pode ser apreendida e compreendida de variadas formas pelos sujeitos. A informação passa a ser vista sob perspectivas diferentes dos sujeitos, e logo, estes passam a ser considerados nos estudos relacionados à informação. Essa questão parece aclarar a incidência de estudos de uso e usuários da informação, que apresentam uma linha contínua, com leves oscilações no decorrer dos 39 anos analisados, porém com uma tendência a crescimento a partir de 2002.

Os estudos de usuários e uso da informação (15) são importantes para a área de CI e destacam-se por tratarem de analisar de modo diverso os hábitos de informação de usuários, por meio de ferramentas estatísticas e tipos de análises variados. Estes figuram com aproximadamente as mesmas incidências dos estudos experimentais (16).

Bufrem (2011) relata que há estudos de caso caracterizados como de usuários, mas que não necessariamente se identificam com o modelo de estudos de usuários marcado pela conjunção exclusiva ou combinada das técnicas de questionário, entrevista, incidente crítico e observação.

Os estudos de usuários não procedem de “forma idêntica, assim como os modelos para análise de comportamento informacional podem prever outras modalidades que não permitem uma identidade metodológica” (BUFREM, 2011). Isso porque há uma transformação no uso de técnicas decorrentes de novas temáticas e ambientes a serem analisados, cujos procedimentos aplicados visam a superação das possibilidades dadas pelas técnicas tradicionais de questionário, entrevista, observação e outras.

Já os experimentais, menos incidentes no corpus, não figuram no período de 1982 a 2001. Nesse tipo de estudo são selecionadas variáveis que podem provocar variações no padrão do objeto em estudo e logo são eleitos instrumentos para controlar e observar os efeitos do processo a ser provocado.

Pode-se dizer que essa modalidade contribui significativamente para a consolidação e desenvolvimento da CI, visto que, as experimentações costumam originar leis e padrões para a área. Observa-se pelo gráfico 2, com a incidência dos estudos experimentais a partir da década de 1970 que a CI busca se consolidar como campo científico e por isso são comuns esses estudos experimentais no período. Em 2010 essa necessidade parece despontar novamente, porém, em

condições direcionadas ao desenvolvimento da produção da área no contexto tecnológico e da Internet.

Frente à variedade de opções, pode ocorrer que as pesquisas apresentem duas modalidades quanto aos meios, como por exemplo: pesquisa de campo e pesquisa comparativa. Nesses casos, costuma-se adotar o tipo predominante ou o que é definido pelo autor, optando-se por uma delas.

O resultado do estudo de Silva (2010) mencionado no referencial teórico, cujo uso das categorias aqui propostas possibilitou resultados similares aos obtidos nesta pesquisa, mostra a predominância de estudos de caso à pesquisa documental, o que não ocorre aqui, em que as pesquisas documentais têm um percentual de 9% à frente dos estudos de caso. Essa questão se deve ao fato de que o primeiro estudo é somente relativo à Revista Ciência da Informação no período de 2000 a 2009, e aqui se analisa o corpus integral de revistas indexadas na Brapci, em todo o período de existência das revistas da área.

Outras modalidades como a pesquisa operacional (9), a intervencionista (7), a pesquisa ação (3), a participante (2) e a pesquisa de levantamento (4) foram os tipos quanto aos meios menos representativos.

A pesquisa operacional volta-se, de modo geral, ao auxílio no processo de tomada de decisões gerenciais e identificação de soluções adequadas para problemas concretos. A pesquisa ação trata-se de um tipo de pesquisa utilizado para solucionar problemas coletivos e na qual os pesquisadores precisam estar envolvidos de forma participativa e colaborativa. A intervencionista objetiva interferir na realidade analisada a fim de modificá-la.

A pesquisa de levantamento busca informações diretamente do grupo alvo de interesse ao qual se deseja obter dados. De acordo com Santos (1999, p. 28) é desenvolvida em três etapas, a primeira corresponde à seleção de uma amostra significativa, a segunda é a aplicação de questionários ou formulários, ou entrevistam-se diretamente os sujeitos, e por último, os dados são tabulados e analisados quantitativamente com o auxílio da estatística. Os resultados conseguidos são aplicados ao universo gerador da amostra considerando a margem de erro. Um exemplo na produção da CI considerado resultante de pesquisa de levantamento foi o Guia Nacional de Bibliotecas Braille, embora não tenha sido necessariamente realizado de acordo com as etapas acima descritas.

Sobre a categoria **enfoque de pesquisa**, deve-se dizer que esta não pode ser atribuída a todos os artigos, em especial aos estudos exploratórios, em vista de que normalmente não apresentam aprofundamento em determinada temática e tampouco são explicitamente fundamentados por correntes epistemológicas seguidas pelos autores. Verificou-se então, que poucas das pesquisas apresentam ou definem um enfoque. Em relação aos estudos exploratórios, o enfoque predominante é o teórico.

Dentre os 689 estudos somente 287 apresentam enfoque explícito. O enfoque teórico é predominante na análise do corpus, sendo que 176 foram classificados como tal, ou seja, 61,3%. Considera-se também que nos estudos exploratórios muitas vezes a pesquisa teórica é utilizada como complementar, caracterizando-se por discorrer sobre determinados temas utilizando teorias/metodologias filosóficas, matemáticas, lógicas e outras. Na tabela 3 visualiza-se todos os enfoques encontrados no corpus.

TABELA 3 – Enfoques de pesquisa encontrados no *corpus* da Base Brapci (1972- 2010)

Enfoques	Incidência	%
Teórico	176	61,3%
Histórico	51	17,8%
Bibliométrico	37	12,9%
Cientométrico	6	2,1%
Etnográfico	5	1,7%
Infométrico	4	1,4%
Dialético	3	1,0%
Fenomenológico	2	0,7%
linguístico	2	0,7%
Patentométrico	1	0,3%

Fonte: A autora (2012)

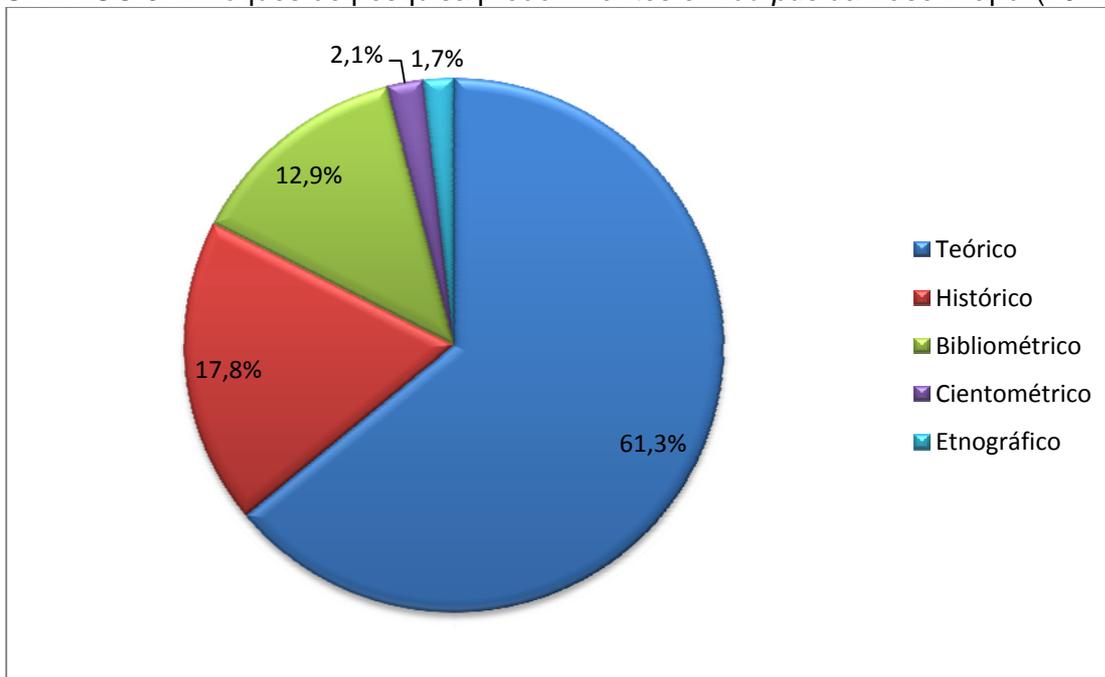
O enfoque histórico é o segundo enfoque predominante, representa 17,8% do corpus. Caracteriza os artigos que tem como objeto de investigação os acontecimentos e fatos do passado. Em geral, são relacionados com o presente e analisados sob a perspectiva de como influenciam a sociedade contemporânea e ou

a ciência. Observou-se nos artigos analisados a presença de pesquisa histórica para investigar a história da própria CI.

O enfoque bibliométrico pauta-se basicamente em modelos matemáticos, como por exemplo, as leis de Zipf, Bradford e Lotka, mas não são considerados estudos métricos como meio de pesquisa porque não aplicam leis e tampouco atividades de mensuração, mas sim, discorrem sobre temáticas específicas sob o enfoque bibliométrico.

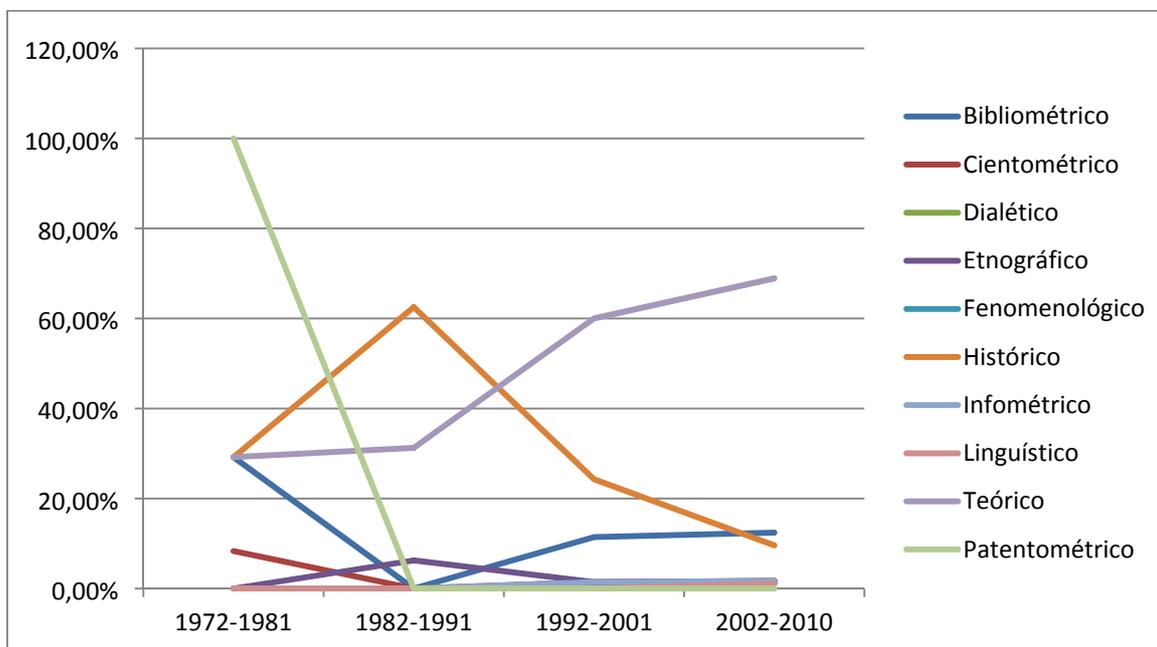
A hermenêutica tem sido vista como método (método hermenêutico, assim como método fenomenológico e método dialético), mas também como enfoque de pesquisa e até como análise. Entretanto, optou-se por considerá-la enfoque, embora não tenha sido registrado nenhum artigo que trouxesse essa modalidade, pois não se pretende um comprometimento com uma abertura de categorização por métodos, como já mencionado anteriormente sobre as concepções do método, uma vez que nesse estudo parte-se da compreensão do método fundamentado em Bufrem (2011), que o considera como “um conceito mais amplo e abrangente e que para alguns autores é considerado como grandes formas para chegar ao conhecimento, dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, redutivo”.

Se ele se refere ao enfoque dialético, inclui-se nessa categoria, se ele define como hermenêutico, também. Há casos em que os autores se dizem dialéticos e hermenêuticos e isso é possível, de acordo com Bufrem (2011) assim como as técnicas podem ser trianguladas e, nesse caso, os estudos quanto aos meios podem ser de dois tipos. A seguir (gráfico 3) são apresentados os enfoques predominantes encontrados no corpus de artigos.

GRÁFICO 3: Enfoques de pesquisa predominantes em *corpus* da Base Brapci (1972-2010)

Fonte: A autora (2012)

Em relação à incidência dos enfoques em determinados períodos, no gráfico a seguir pode-se visualizar que o enfoque teórico é o que mais aumenta no decorrer dos anos.

Gráfico 4- Enfoques de pesquisa por períodos em *corpus* da Base Brapci

Fonte: a Autora (2012)

Os artigos com enfoque histórico destacam-se nos 1982 a 1991 e em meados de 2000 são superados pelo enfoque bibliométrico.

Já o enfoque infométrico destacou-se a partir de 2002, mesmo que ainda em menor quantidade que o bibliométrico e que o cientométrico, relativo às análises da produção científica. Isso se deve à preocupação voltada aos indicadores sobre acesso e uso da internet bem como as ferramentas disponíveis de mensuração de variáveis relativas a esse objeto.

O enfoque dialético somente ocorreu no período de 2002 a 2008, e teve pouca representatividade em relação ao número de artigos publicados anualmente. Já com em relação ao enfoque patentométrico, com uma única incidência entre 1972 e 1981, teve alta representatividade no período especificado se considerada a pequena quantidade de pesquisas produzidas e publicadas na época.

Ainda sobre o enfoque dialético, figura em três estudos no período de 2002 a 2010, e refere-se aos artigos que apresentam em seu conteúdo uma visão da realidade social por meio da perspectiva marxista, em que considera que toda contradição permite uma superação e conseqüentemente uma modificação na mesma realidade. Os artigos com este enfoque tendem a fazer uso de técnicas como observação, entrevistas, questionários não estruturados, histórias de vida, e

de todo conteúdo documental e fontes teóricas que permitam a reflexão sobre processos e interações, visto que se opõem à corrente positivista.

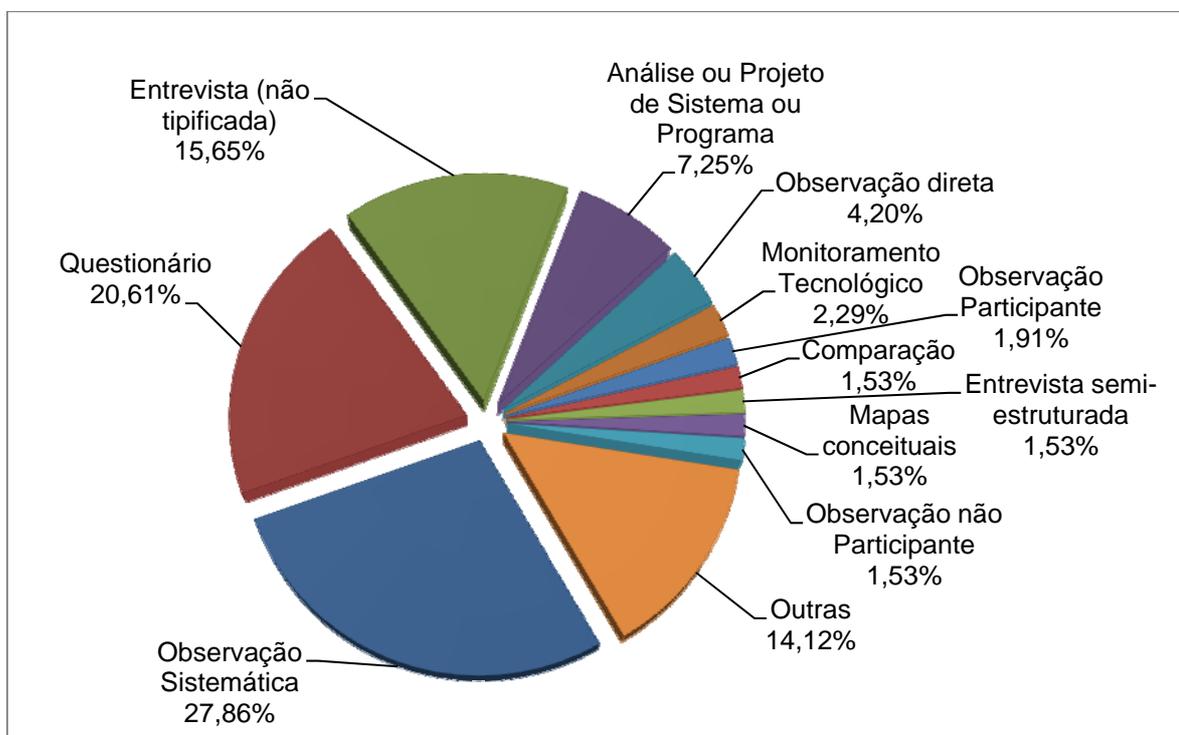
Observou-se que duas das três incidências com esse enfoque são relativas a estudos na área educacional, publicados na Revista Educação Temática Digital, em que constam os termos: práticas escolares, pesquisa educacional, pragmatismo e ontologia marxista. O terceiro estudo com esse enfoque busca analisar a informação mercadoria como nexos constitutivo do ciberespaço, espaço constituído pelo capital em sua fase de cooperação complexa. Os termos apresentados são: capitalismo, trabalho, informação e ciberespaço.

Já o enfoque lingüístico, com duas incidências, relaciona-se à temática da representação e recuperação da informação. Os artigos com esse enfoque foram representados pelos termos: lingüística computacional, indexação sintagmática, recuperação da informação, análise documental, simulação computacional, redes neurais artificiais, semântica, entre outros.

Os **tipos de técnicas** aplicam-se a 262 estudos, considerando-se que nem todas as pesquisas fazem uso das técnicas e que há oportunidade e espaço para identificar mais de uma em um mesmo artigo, visto que estas podem ser combinadas. Os artigos que não aplicam técnicas de coleta de informações constituem-se na maioria dos casos em estudos exploratórios de caráter mais teórico que utilizam como coleta de dados a pesquisa bibliográfica.

A técnica predominante foi a observação sistemática (42), seguida do questionário (32) e da entrevista não tipificada (28). Essa tendência também foi observada em pesquisas anteriores como a de Silva (2010) e vai ao encontro dos resultados deste estudo, assim como à predominância de estudos exploratórios. A seguir (Gráfico 5), visualizam-se as incidências das técnicas predominantes no corpus analisado.

GRÁFICO 5: Tipos de técnicas de pesquisa predominantes em *corpus* da Base Brapci (1972-2010)



Fonte: a Autora (2012)

O questionário foi o segundo instrumento mais utilizado para coleta de informações, em especial, por sua aplicabilidade aos estudos exploratórios e descritivos, além de seu uso poder estar associado à técnica de observação. Outras características como a objetividade e o fato de dispensar a presença do entrevistador tornam o questionário uma das técnicas mais utilizadas nos trabalhos analisados.

As características específicas da técnica de observação sistemática a tornam uma técnica de uso recorrente, que consta como a primeira mais incidente, representando 27,86% dos artigos. Caracteriza-se por ser estruturada e planejada, além de ser passível de controle. A entrevista (28) está em terceira posição, com 15,65% do corpus.

A técnica de análise ou projeto de sistemas ou programa (7) é mais utilizada para a criação e/ou validação de métodos e/ou modalidades de tratamento de situações concretas.

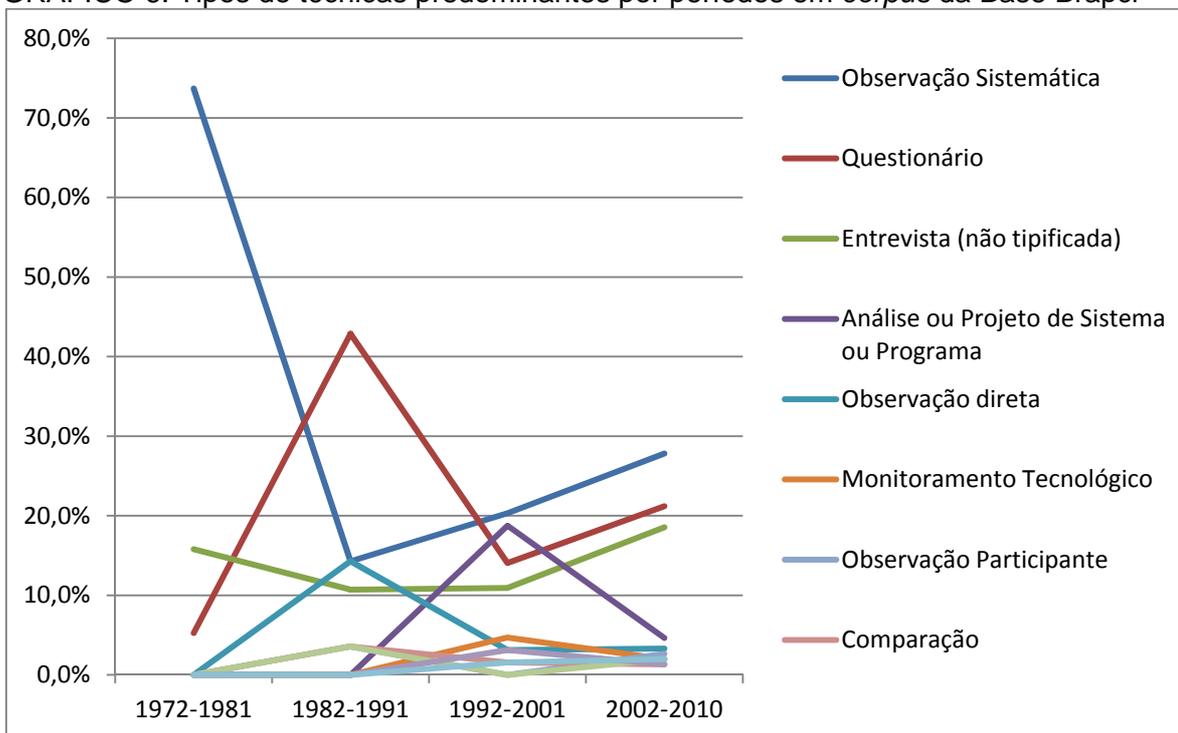
A observação direta, que consta no gráfico com um percentual de 4,2% é muito utilizada em pesquisas de campo, nas quais há proximidade do pesquisador

com seu objeto. A observação participante, embora permita maior proximidade do pesquisador, como sujeito do grupo que está sendo investigado, de modo simulado ou real, é ainda menos expressiva no corpus em relação à primeira.

A técnica do monitoramento tecnológico possibilita o acompanhamento de mudanças tecnológicas como meio para a identificação de oportunidades e ameaças nas organizações. É uma técnica bastante relevante para gestão da informação, sobretudo para as empresas em relação à vigilância tecnológica, pois a tecnologia muda com frequência.

A técnica do incidente crítico foi inexpressiva, com duas incidências. Usada em coletas de observações relacionadas ao comportamento das pessoas, seu foco consiste em identificar e relatar comportamentos relevantes sobre uma situação específica. Apresenta como ponto fraco o fato de o pesquisador confiar totalmente na memória do pesquisado.

O uso da técnica do grupo focal (3), comumente utilizada para avaliar dados obtidos por meio de reuniões de grupos de pessoas, focaliza a interação promovida por meio do contato e debate entre as pessoas participantes. A seguir são apresentadas as tendências do uso das técnicas por período.

GRÁFICO 6: Tipos de técnicas predominantes por períodos em *corpus* da Base Brapci

Fonte: a Autora (2012)

Observa-se que o uso da entrevista é sempre menor se comparado ao do questionário, embora essa técnica venha sendo cada vez mais utilizada em pesquisas de campo e estudos de caso. No período entre 1992 e 2001 o uso do questionário decaiu e a entrevista passa a acompanhar mais proximamente a sua incidência de uso.

A observação sistemática passou a ser descrita como modalidade de pesquisa pelos autores, denotando a intencionalidade como postura epistemológica de alguns estudos, que vem sendo intensificada nos últimos anos, como resultante da corrente fenomenológica que influencia os estudos qualitativos da área.

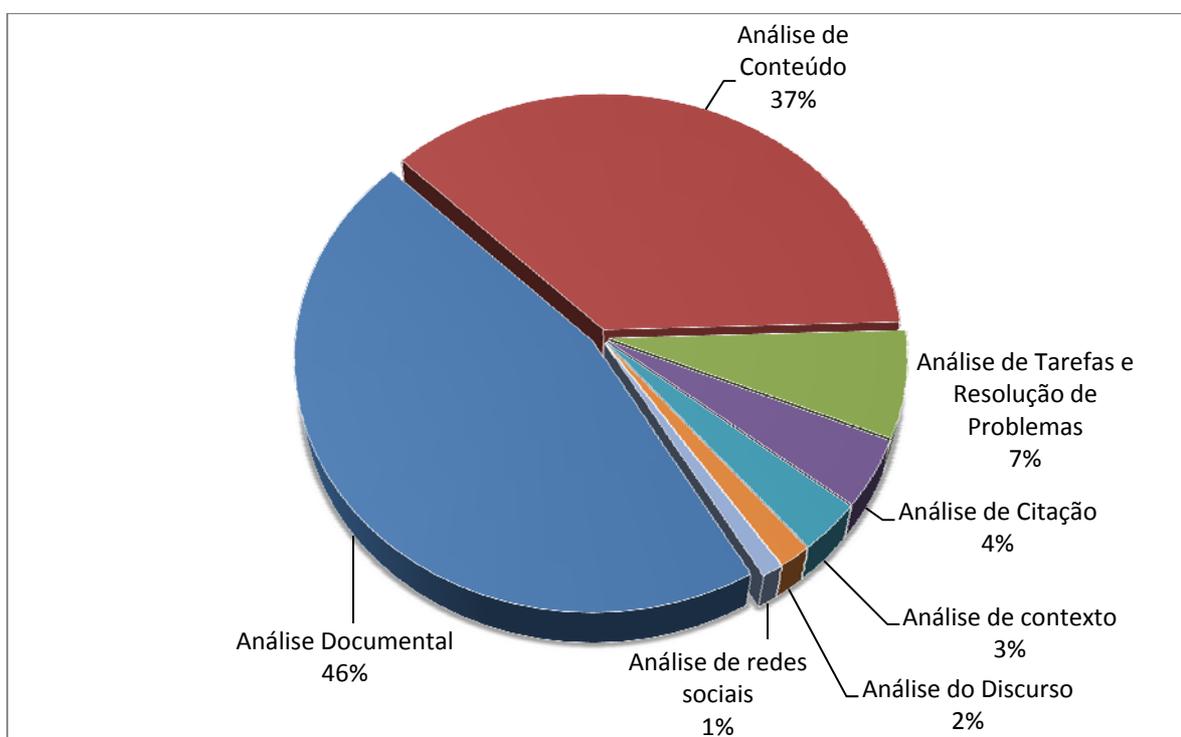
Foram encontradas 367 ocorrências de **tipos de análise**, em que se destacam como mais incidentes a análise documental (168) e a análise de conteúdo (136), seguidas da análise de tarefas e resolução de problemas (25) e da análise de citação (16). Na tabela 4 são apresentados, os percentuais de incidência dos diferentes tipos de análise encontrados no corpus em cada período definido.

TABELA 4: Pesquisas quanto aos tipos de análise por períodos em *corpus* da Base Brapci

<b>Tipos de análise</b>	<b>Total</b>	<b>1972- 1981</b>	<b>1982- 1991</b>	<b>1992- 2001</b>	<b>2002- 2010</b>
Análise documental	45,8%	55,8%	70,0%	40,2%	35,0%
Análise de conteúdo	37,1%	25,6%	24,3%	39,3%	45,3%
Análise de tarefas e resolução de problemas	6,8%	2,3%	5,7%	10,3%	5,8%
Análise de citação	4,4%	16,3%	0,0%	1,7%	5,1%
Análise de contexto	3,3%	0,0%	0,0%	6,0%	3,6%
Análise de discurso	1,6%	0,0%	0,0%	1,7%	2,9%
Análise de redes sociais	1,1%	0,0%	0,0%	0,9%	2,2%

Fonte: a Autora (2012)

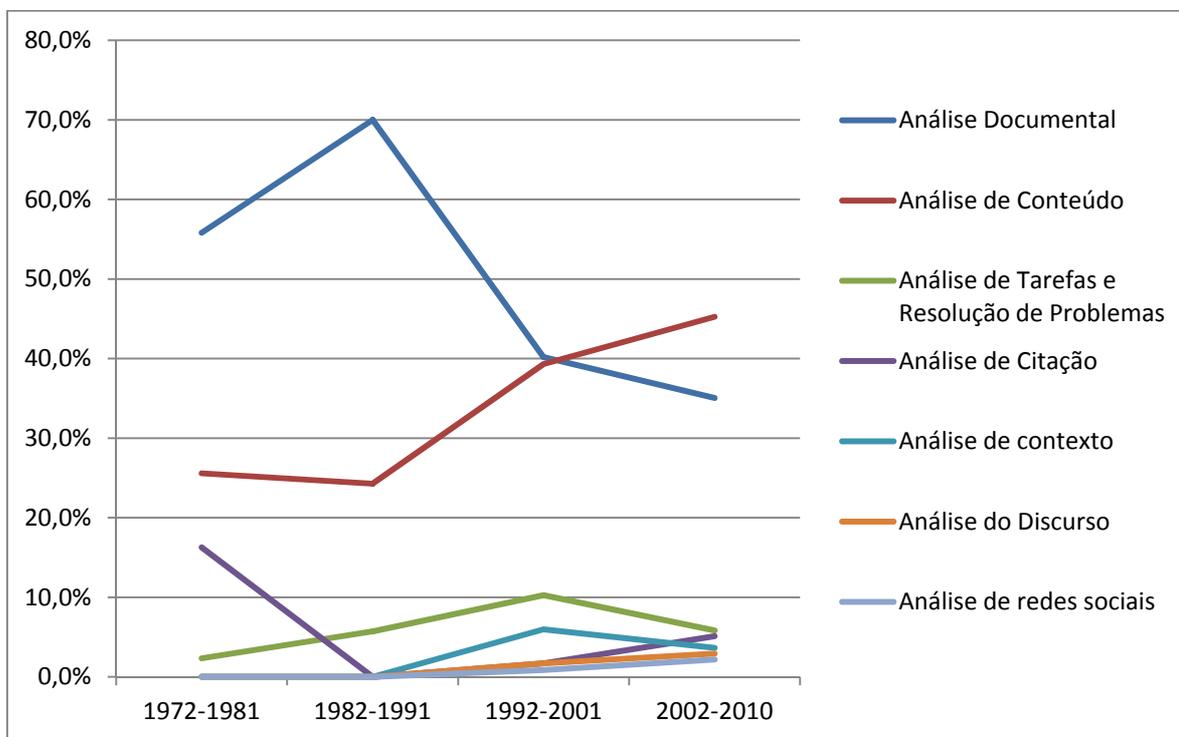
As análises de contexto e de discurso são tipos específicos de análise de conteúdo. A análise de discurso direciona-se predominantemente aos temas de cunho político, social, literário, histórico e relativo ao conteúdo informacional transmitido pelos meios de comunicação. Alguns temas apresentam-se historicamente consolidados, caracterizando-se de modo permanente no cenário analisado, tais como política e sociedade da informação, educação, pesquisa, e produção científica. Por outro lado, recentemente surgem como objetos desse tipo de análise, temáticas relacionadas às redes sociais, nuvem de etiquetas, folksonomia e ontologias de linguagem. Já as análises de contexto dirigem-se a um conjunto específico de informações, constituindo-se em uma nova metodologia para estudo de um “corpus de publicações, a partir da criação de uma base de dados (FALKINGHAM; REEVES, 1998). Os artigos analisados voltam-se mais especificamente a temas como inteligência competitiva e de negócios, telecomunicações, marketing, sistemas de informação, interfaces de sistemas, informação e comunicação. O gráfico 7 permite observar os tipos de análise predominantes.

GRÁFICO 7: Tipos de análises predominantes em *corpus* da Base Brapci (1972-2010)

Fonte: a Autora (2012)

A análise de conteúdo encontrada nos estudos analisados, de modo geral, tem descrito as variáveis relativas aos objetos investigados por meio de procedimentos sistemáticos. Essa modalidade de opção metodológica permite analisar variáveis quantitativas como a incidência de palavras-chave, expressões, entre outras possibilidades e também, especificamente na CI, tem possibilitado a criação de categorias temáticas tanto como modo de organização quanto para análise.

Observa-se no gráfico 8, a seguir, que a análise de conteúdo apresenta um crescimento significativo a partir de 1982.

GRÁFICO 8: Tipos de análise por períodos em *corpus* da Base Brapci

Fonte: a Autora (2012)

Como se pode observar no gráfico acima, o ápice do uso da análise documental é a década de 1980. Logo após iguala-se à análise de conteúdo, a qual também é um tipo de análise documental, não dirigida especificamente à organização e representação de documentos. A partir de 2002, a análise documental decresce 10 pontos percentuais de incidência em relação à análise de conteúdo

A análise de citação, utilizada em 4% do corpus, destaca-se no período de 1972 a 1981. Nesta época foi realizado um grande número de estudos descritivos e documentais que caracterizam os estudos de análise de citação. Esse tipo de análise é comum nos estudos da produtividade de autores, e na análise de fontes formais como periódicos científicos. As palavras chave representativas dos artigos que utilizam esse tipo de análise são principalmente: bibliometria, comunicação científica, ciência da informação, produtividade de autores, periódicos eletrônicos, Lei de Lotka e estudos métricos.

O tipo de análise denominada resolução de tarefas e problemas (7%) destaca-se de 1992 a 2001. É um tipo de análise característica dos estudos de enfoque gerencial e operacional e, pode-se afirmar, remete aos modelos da

administração voltados ao planejamento, ação, controle, e avaliação nas organizações.

A análise de redes sociais começa a ser usada como modalidade de estudo somente a partir da década de 1990, devido à popularidade das redes sociais para estudos de comportamento, de ambientes organizacionais, de acesso e uso da informação. As redes podem ser o objeto de análise, ou cenário em que se encontra o objeto, assim como podem servir de ferramenta tecnológica para o estudo de conjunturas ou contextos específicos.

Considerando-se os resultados obtidos em relação às opções metodológicas dos autores, pôde-se apresentar um panorama das influências epistemológicas dos autores, determinadas historicamente pelas circunstâncias condicionantes da pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforça-se aqui a ideia de que, tanto para o estudo como para o ensino da prática científica, demanda-se uma inserção na epistemologia, visto que ela permite a compreensão dos padrões fundadores da infinidade de modos de investigação teóricos ou práticos.

Para discernir o conhecimento científico do conhecimento do senso comum, para problematizar temáticas e delimitar problemas científicos, para desenvolver e aplicar teorias, para tratar do alcance e das possibilidades do método, questões abarcadas pela metodologia é forçoso retomar a epistemologia de um campo.

Buscou-se evidenciar, pelo caminho de construção do referencial teórico, que formalismos metodológicos levam a situações de estereotipia e a modelos engessados que marcam campos do conhecimento por sua carência de atitude crítica e criatividade. Portanto, considera-se que os variados modos de investigar, quando pautados por critérios metodológicos e epistemológicos, são o modo mais seguro de se chegar ao conhecimento científico e de contribuir com a consolidação de uma área científica. Em vista das reflexões ensejadas aqui, propôs-se a categorização do conhecimento construído sobre opções metodológicas empregadas nos artigos analisados.

Foi evidenciado o fato de algumas metodologias revelarem as opções epistemológicas, políticas e ideológicas dos autores e retratarem até mesmo a conjuntura política e as preocupações da época de publicação das pesquisas. Alguns sujeitos entrevistados acreditam que as opções metodológicas não necessariamente representam uma das variáveis identificadoras destas posições, visto que, há outros fatores coparticipantes no processo de produção do conhecimento. Outros crêem que o desenvolvimento de pesquisas em todas as áreas considera a heterogeneidade metodológica e a busca por uma escola pluralista, comprometida com o interesse coletivo.

Entretanto, nas análises e nas quantificações relativas a cada tipo de opção adotada, percebeu-se a incipiência das pesquisas da área, justamente pela predominância de estudos exploratórios e revisões de literatura, nem sempre vinculadas ao processo analítico dos dados e de estudos de caso, correspondendo à terceira posição de incidências na análise da amostra documental. Estes estudos

muitas vezes voltam-se à resolução de problemas pontuais nas organizações e/ou instituições. Já, a presença de estudos descritivos em uma quantidade expressiva do *corpus* representou um aspecto positivo para a área, pois contrabalança em relação aos estudos exploratórios no que concerne ao grau de aprofundamento nas temáticas estudadas pelos artigos.

Também se enfatizou nesse estudo as diversidades nas nomenclaturas encontradas e a falta de uma linguagem comum em relação às opções metodológicas. Alguns princípios para a atividade de investigação, como a liberdade de opção temática e metodológica e a versatilidade quanto às possíveis combinações entre métodos, técnicas e instrumentos à disposição do investigador, devem ser levados em conta, sem prejuízo, entretanto, da eleição das categorias para a realização da análise de conteúdo. Pode-se dizer que a eleição de categorias fez parte dos procedimentos interpretativos e das técnicas adotadas nesta pesquisa, que para se efetivarem requereram a elaboração prévia de um repertório estruturado de categorias oriundo por sua vez de aprofundamento na literatura sobre o tema.

As contribuições advindas dos pesquisadores entrevistados, como por exemplo, a separação das técnicas genéricas das oriundas de outras áreas e das que efetivamente foram criadas na área visam o desenvolvimento e fortalecimento da CI enquanto campo científico, para que os métodos oriundos da própria CI sejam reconhecidos.

Outra questão observada foi relativa à ênfase que se deu, tanto nas respostas dos questionários como na percepção propiciada pela análise da literatura anterior à elaboração de categorias, à opção de separar a categoria tipos de técnicas de tipos de análise, visto que há uma diferença conceitual na aplicação de ambas. As técnicas são consideradas instrumentos objetivos de coleta de informações, já as análises tem como caráter intrínseco, a subjetividade, visto que, é uma técnica para analisar e interpretar o conteúdo potencialmente obtido na pesquisa.

Em uma tentativa de discussão, notaram-se aproximações nos resultados relatados no referencial teórico com os resultados da análise do *corpus* aqui apresentada. O mesmo ocorre em relação aos estudos de Järvelin e Vakkari (1990) mencionados por Bufrem (1996), cujas análises sobre tipos de pesquisa na área de

informação permitem a identificação de uma predominância por estratégias metodológicas empíricas.

Do mesmo modo, observa-se nesta análise que as estratégias empíricas podem remeter à presença significativa de estudos de caso, pesquisas de campo, bem como da técnica de levantamento de dados e de casos práticos e da predominância de estudos históricos, que aqui se identifica como enfoque de pesquisa e representa 17,8% do corpus que explicitou a predominância por algum enfoque.

É importante enfatizar que o referencial teórico desenvolvido, sobre categorizações de pesquisas realizadas na área de CI, não tem a pretensão de alicerçar de modo integral a proposta de categorização. Pretende ser mais, uma fundamentação voltada ao resgate de intentos e realizações anteriores de organização do conhecimento metodológico construído da área do que um referencial exaustivo instruído e definido para o estabelecimento das categorias propostas.

A análise de conteúdo realizada aqui, alicerçada nas categorias propostas, permitiu a visualização do campo da CI, com o auxílio da bibliometria, sob a ótica metodológica e conseqüentemente epistemológica. Isso significa que os objetivos propostos foram cumpridos de modo a contribuir a uma análise de domínio da CI.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. Pesquisa em Ciências sociais. In: HIRANO, S. (Org). **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Thomson, 2004.

ALLEN, B.; RESER, D. Content analysis in Library and Information Science research. **Library and Information Science Research**, London, v. 12, p. 251-262, 1990.

ALVARENGA, Lídia. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 1-9, set. 1998.

ARAÚJO, E. A. de. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 1-14, 2006.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1971.

\_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BARITÉ, M. Referenciales teóricos vigentes en el área de tratamiento temático de la información y su expresión metodológica. Porto Alegre: ABEBD, 1998. **Relatório técnico do II Encontro de Dirigentes dos cursos superiores de Biblioteconomia dos países do Mercosul**, Buenos Aires, nov. 1997.

\_\_\_\_\_. Aportaciones teórico-conceptuales para la docencia y la investigación en el área de tratamiento temático de la información. In: ENCUESTRO DE EDIBCIC, 5. Granada, 21-25 Feb. 2000. **La formación de profesionales e investigadores de la información para la sociedad del conocimiento**. Granada: Universidad de Granada. Facultad de Biblioteconomía y Documentación, 2000. p. 54-72.

BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008.

BOBINSKI, G. S. Doctoral Programs in Library and Information Science in the United States and Canada. **Library Trends**, Illinois, v. 34, n. 4, p. 687-714, spring, 1986.

BOURDIEU, P. O campo científico. In P. Bourdieu (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia** (Cap. 4, pp. 122-155). São Paulo: Ática, 1983.

BRANDT M., MEDEIROS, M. B. B. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento? **Transinformação**, Campinas, v.22, n.2, p. 111-121, maio/ago., 2010.

BREDA, S. M. **Da educação em pesquisa nos cursos de graduação**: estudante universitário e saber investigativo. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUFREM, L. S. **Linhas e tendências metodológicas na produção acadêmica do Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia** - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972-1995). 1996. Tese (Concurso para Professor Titular Métodos e Técnicas de Pesquisa) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

\_\_\_\_\_. Práticas de organização e divulgação da produção intelectual em Ciência da Informação no Brasil. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., p. 36-53, 1º sem. 2008.

\_\_\_\_\_. **Opções metodológicas em pesquisa**: a contribuição da área da Ciência da Informação para a produção de saberes no ensino superior. Proposta de pesquisa para a obtenção da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2009.

\_\_\_\_\_. **Sobre métodos, técnicas e enfoques de pesquisa**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida de: <santiagobufrem@gmail.com.br>, em: 15/09/2011.

\_\_\_\_\_, GABRIEL JUNIOR, R. F. A apropriação do conceito como objeto na literatura periódica científica em Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. esp., p. 52-91, jan./jun, 2011.

CAMPOS, M. L. A; GOMES, H. E. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, set./dez, 2006.

\_\_\_\_\_. Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008.

CHALMERS, A. F. **¿Qué es esa cosa llamada ciencia?** una valorización de la naturaleza y el estatuto de la ciencia y sus métodos. México: Siglo Veintiuno, 2000.

CUNHA, M. B. Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 247-256, jul./dez. 1983.

DAHLBERG, I. A Referent-oriented analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, v. 5, n. 3, p. 142-150, 1978.

ESTEBAN NAVARRO, M. A. El marco disciplinar de los lenguajes documentales: la organización del conocimiento y las ciencias sociales. **Scire**, Zaragoza, v. 2, n. 1, jan./ jun., 1996, p. 93-107.

FALKINGHAM, L. T.; REEVES, R. Context analysis: a technique for analyzing research in a field, applied to literature on the management of R&D at the section level. **Scientometrics**, v. 42, n. 2, p. 97-120, 1998.

FARIA, J. H. Os fundamentos da teoria crítica: uma introdução. In: FARIA, J. H. de (Org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FEEHAN, P. E. et al. Library and information science research: an analysis of the 1984 journal literature. **Library and Information Science Research**, v. 9, p. 173-185, 1987.

FRANCELIN, M. M. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 101-109, 2005.

FRANCISCONI, K. **Configuração estrutural do campo científico em estudos organizacionais no Brasil: o período 1997-2007**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração Estratégia e Organizações, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, 2008.

FREIRE, I. M. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-31, 2008.

GADAMER, H.G. **Verdad y método II**. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1994.

GIDDENS, A. **Novas regras do método sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, C.. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Ed Nacional:1977.

GOMES, H. E. Tendências da pesquisa em Organização do Conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 60-88, jan./dez. 2009.

GOMES, M. Y. F. S. F. Dissertações defendidas no Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação da UFMG, na década de 1990: um balanço.

**Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 318-334, set./dez. 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, 2000.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n.1. fev. 2010.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción educativa: complementos y estudios previos**. Madrid: Catedra, 1997.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, 422-462, 2002.

\_\_\_\_\_. What is Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 35, n.2/3 2008.

\_\_\_\_\_. **Approaches to knowledge organization** (Theories of KO). 2007. Disponível em: <[http://www.db.dk/bh/lifeboat\\_ko/HISTORY%20&%20THEORY%20approaches\\_to\\_knowledge\\_organiza.htm](http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/HISTORY%20&%20THEORY%20approaches_to_knowledge_organiza.htm)>. Acesso em: ago. de 2010.

\_\_\_\_\_. Epistemology and the socio-cognitive perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n.4, p.257-270, 2002.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

JÄRVELIN, K.; VAKKARI, P. Content analysis of research articles in Library and Information Science. **LISR**, v. 12, p. 395-421, 1990.

\_\_\_\_\_. The evolution of Library and Information Science 1965-1985: a content analysis of journal articles. **Information Processing & Management**, Great Britain, v. 29, n. 1, p. 129-144, 1993.

KAPLAN, A. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. São Paulo: Herder: Ed. Univ. S. Paulo, 1969.

KOBASHI, N. Y.; FRANCELIN, M. M. Conceitos, Categorias e Organização do Conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. esp., p. 1-24, 2011.

KÖCHE, J.C. **Pesquisa científica: critérios epistemológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

LADRIÈRE, J. **Filosofia e práxis científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 193 p.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e científico de filosofia**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LLOYD, C. **As estruturas da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LOPES, I. L. Estratégia de busca na recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, mai./ago. 2002.

MARCHIONINI, G. Information-Seeking Strategies of Novices Using a Full-Text Electronic Encyclopedia. **Journal of the American Society for Information Science**, v.40, n.1, p.54-66. 1989.

MEDEIROS, A. M. S. de; MARQUES, M. A. R. Braga. Habermas e a teoria do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 1-24, dez. 2003.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MUELLER, S. P. M. O estudo do tema comunicação científica e tecnológica no Brasil: tendências e perspectivas na área de Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.1, n.1, 2008.

ODDONE, N. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 108-123, jan./abr. 2007.

\_\_\_\_\_ GOMES, M. Y. F. S. F. Uma nova taxonomia para a ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

OLIVEIRA, P. de S (org). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

OLIVEIRA S. R. de; MEDEIROS M. B. B. Avaliação de sistema recuperação de informação jurídica: uma aplicação do modelo de raciocínio baseado em casos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2009, João Pessoa, Paraíba. **A responsabilidade Social da Ciência da Informação**. João Pessoa: UFPB, 2009. p. 416-435.

OMNÈS, R. **Filosofia da ciência contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1996.

PANDO, D. A.; GUIMARÃES, J. A. C. O Profissional da informação e as atividades de organização da informação/conhecimento. **Interatividade**. Andradina (SP), v. 1, n. 2, 2006. Disponível em:

<[http://www.firb.br/interatividade/edicao2/\\_private2/pando.htm](http://www.firb.br/interatividade/edicao2/_private2/pando.htm)>. Acesso em: 5 de janeiro de, 2012.

PASQUARELLI et al. Controle, organização e divulgação da produção técnico-científica e artística da Universidade de São Paulo: enfoque metodológico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 17, n. 2, jul./dez. 1989.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. Norwood: Ablex, 1985. 188 p. (Libraries and information science series).

RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 26, p. 17-46, 2º sem. 2008.

RANGANATHAN, S. R. **Colon Classification**. Bombay: Asia Publishing House, 1969.

RENDON-ROJAS, M. Á. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008.

SÁNCHEZ-GAMBOA, S. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: SANTOS FILHO, J. C. e SÁNCHEZ-GAMBOA, S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, R. N. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

SCHMIDT, M. A. M. **Momento histórico da construção do capitalismo**. Curso: Metodologia do Ensino Superior, mai. de 2010. Notas de aula.

SILVA, V. **Perfil metodológico da pesquisa em Ciência da Informação**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão da Informação) - Universidade Federal do Paraná.

STRAIOTO, A. C.; GUIMARÃES, J. A. C. A abordagem facetada no contexto da organização do conhecimento: elementos históricos. **Páginas a&b** (Arquivos & Bibliotecas), Lisboa, n. 14, p. 109-136, 2004.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

\_\_\_\_\_ *et al.* Uso dos termos Cienciometria e Cientometria pela comunidade científica brasileira. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (Org.).

**Comunicação e produção científica:** contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 341-369.

TARGINO, M. das G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, Paraíba, v.10, n. 2, 2000.

TENNIS, J. T. Two Axes of Domains for Domain Analysis. **Knowledge Organization**. v. 30, n. 3/4, p. 191-195, 2003.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_ **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005, 287 p.

WEIL, P. A normose informacional. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, mai/ago., 2000.

WHITBECK, G. W. Doctoral programs in Library and Information Science: a descriptive study. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 31, n. 4, p. 314-328, 1991.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE CATEGORIZAÇÃO DE OPÇÕES METODOLÓGICAS

Este questionário é instrumento de pesquisa de dissertação e tem o objetivo de identificar as percepções dos sujeitos produtores de conhecimento e pesquisadores da área de Metodologia da Pesquisa com relação aos métodos de pesquisa utilizados na Ciência da Informação (CI). Esse processo de identificação servirá de ponto de partida para aperfeiçoar e validar uma categorização de opções metodológicas proposta na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), como tentativa de identificar metodologicamente os artigos indexados nesta base. A categorização proposta consiste em organizar os estudos mencionados acima em pesquisa quanto aos  **fins** , quanto aos  **meios** , quanto aos  **enfoques** , quanto às  **técnicas**  de coleta de dados e quanto às  **análises**  utilizadas. A seguir é apresentada a interface de categorização da Brapci:

Interface da Brapci relativa à categorização de metodologias.

The image shows a web browser window displaying a form for methodology categorization. The form consists of several rows, each with a label and a dropdown menu. The labels and their corresponding selected values are: 'Quanto aos fins' (Descritiva), 'Quanto aos meios' (Pesquisa Documental), 'Enfoque' (Bibliometria), 'Técnica' (Entrevista Padronizada), 'Técnica' (Questionário), 'Técnica' (Observação Participante), 'Análise' (Análise de Conteúdo), 'Análise' (Análise de Citação), and 'Status' (Artigo revisado). A 'gravar' button is located at the bottom center of the form. The browser's address bar shows the URL 'www.brapci.ufpr.br/mem/brapci\_int\_ed.php?ed=3217'.

### QUESTIONÁRIO

- 1) Você conhece alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica? Caso afirmativo, identifique-a e descreva sua experiência com essa ferramenta.
- 2) Você conhece algum estudo com o objetivo de organizar as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas? Caso afirmativo, identifique-o e dê seu parecer sobre esse estudo.
- 3) O que você acha da proposta de organização de metodologias da pesquisas por meio da categorização acima apresentada?
- 4) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista dos processos de organização da informação? Justifique.
- 5) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista da análise e interpretação da produção científica da CI? Justifique.

**6)** Considerando que as categorias de uma classificação devem ser mutuamente excludentes, você concorda com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias metodológicas pela Brapci? Justifique sua resposta.

**7)** Você tem sugestões para aperfeiçoamento da categorização proposta?

**8)** Você acredita que a direção e modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto? Do seu ponto de vista, como se pode verificar essa relação?

## APÊNDICE B – RESPOSTAS RECEBIDAS

### QUESTIONÁRIO SA

**1) Você conhece alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica? Caso afirmativo, identifique-a e descreva sua experiência com essa ferramenta.**

**R:** Na verdade, desconheço “ferramentas” que organizem e recuperem trabalhos científicos em domínios específicos de conhecimentos por sua opção metodológica, mas, sim, conheço e enfrento, no cotidiano, a diversidade de categorização de trabalhos científicos tomando como referência a metodologia adotada. Explico: sempre discuti com meus orientandos e alunos a impossibilidade de se manter uma categorização ampla que satisfaça a todas as áreas e a todos os pesquisadores, e o tempo que se esvai quando tentamos um “enquadramento”. Nessas ocasiões, sempre cito o exemplo da classificação relativamente antiga de Perseu Abramo, que identifica 46 tipos de pesquisa a partir de 10 perspectivas:

1. Segundo os campos de atividade humana ou os setores do conhecimento.
2. Segundo a utilização dos resultados.
3. Segundo os processos de estudo.
4. Segundo a natureza dos dados.
5. Segundo a procedência dos dados.
6. Segundo o grau de generalização dos resultados.
7. Segundo a extensão do campo de estudo.
8. Segundo as técnicas e os instrumentos de observação.
9. Segundo os métodos de análise.
10. Segundo o nível de interpretação.

**2) Você conhece algum estudo com o objetivo de organizar as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas? Caso afirmativo, identifique-o e dê seu parecer sobre esse estudo.**

**R:** Não sei se entendi a pergunta, com perfeição. De qualquer forma, salvo engano (repito: salvo engano) os estudiosos de metodologia científica, nas mais diferentes áreas, estão sempre impondo princípios classificatórios, incluindo as categorizações “quase universais”:

Pesquisa básica x pesquisa aplicada

Pesquisa descritiva x pesquisa experimental.

Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

E há, ainda, uma diversidade de categorização – resultante de estudos – proposta pelas próprias agências de fomento, incluindo, no caso do Brasil, as categorizações distintas de Capes, CNPq, BNB, BB, etc.

**3) O que você acha da proposta de organização de metodologias da pesquisas por meio da categorização acima apresentada?**

**R:** Persisto com o pensamento de Laville e Dione quando dizem:

“a preocupação em evitar as compartimentações leva alguns pesquisadores a desconfiar das numerosas categorizações das pesquisas que foram desenvolvidas”: experimental, teórica, fenomenológica [quantitativa, qualitativa] etc.

Se a pesquisa define-se por um problema a ser resolvido, duas categorias parecem suficientes: Pesquisa fundamental, se se trata de preencher no próprio saber;

Pesquisa aplicada, se se trata de resolver um problema prático. (Laville; Dionne, 1999, p. 44)

**4) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista dos processos de organização da informação? Justifique.**

**R:** Vide respostas anteriores.

**5) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista da análise e interpretação da produção científica da CI? Justifique.**

**R:** Penso que devemos nos preocupar muito mais com as temáticas estudadas e com a pertinência ou não dos objetos de estudo... Quer dizer: inexistente uma categorização ideal. O tema / o objeto de estudo é o elemento decisivo na escolha da metodologia. Na minha percepção, por exemplo, um estudo exploratório (tipo de pesquisa quanto à finalidade) pode ser tão valioso (se segue parâmetros metodológicos sistemáticos e coerentes) quanto uma pesquisa de avaliação, uma pesquisa descritiva e assim por diante. A contribuição da pesquisa científica, em CI ou em qualquer outra área, não pode ser avaliada pela metodologia / classificação adotada per se, e, sim, pela adequação (ou não) dos procedimentos metodológicos, até porque, mais e mais, se tende a recorrer à conjunção de técnicas e instrumentos...

**6) Considerando que as categorias de uma classificação devem ser mutuamente excludentes, você concorda com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias metodológicas pela Brapci? Justifique sua resposta.**

**R:** Neste momento, confesso o impacto inicial vivenciado ao analisar seu questionário. Sou sempre muito receptiva a qualquer solicitação para coleta de dados. No entanto, diante da perspectiva do objetivo enunciado ao início de seu protocolo de coleta, quando diz:

Esse processo de identificação servirá de ponto de partida para aperfeiçoar e validar uma categorização de opções metodológicas proposta na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), como tentativa de identificar metodologicamente os artigos indexados nesta base,

Por uma questão ética e de responsabilidade como pesquisadora, relutei se deveria participar da coleta. Conheço o documento disponibilizado na Rede /no site [http://www.brapci.ufpr.br/documentos/opcoes\\_metodologicas\\_v.0.10.37.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/documentos/opcoes_metodologicas_v.0.10.37.pdf), mas não tenho nenhuma prática / vivência frente ao Brapci, o que, conseqüentemente, me impede de lhe ajudar a “aperfeiçoar e validar a categorização da Brapci”.

De qualquer forma, está evidente que não vejo categorizações como “instrumentos de melhoria” para o universo da pesquisa. Para mim, são meras propostas “didáticas” que facilitam a compreensão do pesquisador iniciante.

**7) Você tem sugestões para aperfeiçoamento da categorização proposta?**

**R:** Como disse antes, não tenho familiaridade com a categorização da Brapci.

**8) Você acredita que a direção e modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto? Do seu ponto de vista, como se pode verificar essa relação?**

**R:** Reitero: cada vez mais, as escolas / as equipes / as linhas de pesquisa nas mais distintas áreas do conhecimento tendem a praticar um salutar sincretismo metodológico. Hoje, a tendência é uma escola híbrida, pluralista, comprometida com o interesse público.

## QUESTIONÁRIO SB

**1) Você conhece alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica? Caso afirmativo, identifique-a e descreva sua experiência com essa ferramenta.**

**R:** Não.

**2) Você conhece algum estudo com o objetivo de organizar as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas? Caso afirmativo, identifique-o e dê seu parecer sobre esse estudo.**

**R:** Não.

**3) O que você acha da proposta de organização de metodologias da pesquisas por meio da categorização acima apresentada?**

**R:** Reforça a acomodação do pesquisador ao racionalismo instrumental.

**4) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista dos processos de organização da informação? Justifique.**

**R:** Economia; acomodação intelectual. Justificativa = redução de tempo, no primeiro caso; redução de desafio intelectual, no segundo.

**5) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista da análise e interpretação da produção científica da CI? Justifique.**

**R:** Se tende a reduzir o desafio intelectual, poderá contribuir com a fragilidade atualmente existente em termos de geração de conhecimento relevante socialmente.

**6) Considerando que as categorias de uma classificação devem ser mutuamente excludentes, você concorda com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias metodológicas pela Brapci? Justifique sua resposta.**

**R:** Sem opinião!

**7) Você tem sugestões para aperfeiçoamento da categorização proposta?**

**R:** Não.

**8) Você acredita que a direção e modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto? Do seu ponto de vista, como se pode verificar essa relação?**

**R:** Não, necessariamente! Há muitos outros fatores co-participantes no processo de produção do conhecimento.

## QUESTIONÁRIO SC

**1) Você conhece alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica? Caso afirmativo, identifique-a e descreva sua experiência com essa ferramenta.**

**R:** Não conheço ferramenta metodológica, mas acredito que qualquer interface pode estar preparada para recuperar trabalhos que se dedicam à identificação das opções metodológicas. Menciono o portal da Capes como exemplo, mas não necessariamente para organização de metodologias.

**2) Você conhece algum estudo com o objetivo de organizar as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas? Caso afirmativo, identifique-o e dê seu parecer sobre esse estudo.**

**R:** Conheço um livro da área e outro fora da área de CI. Na CI conheço uma coletânea de trabalhos de pesquisa qualitativa "Metodologia qualitativa em Ciência da Informação", organizado por Marta Lígia Pomim Valentim em que apresentam abordagens metodológicas distintas da pesquisa qualitativa na área. Considerando aqui abordagem uma forma de apropriar-se de uma proposta.

**3) O que você acha da proposta de organização de metodologias da pesquisas por meio da categorização acima apresentada?**

**R:** Ótimo, muito bom. Detalha que tipo de método é usado.

**4) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista dos processos de organização da informação? Justifique.**

**R:** A principal contribuição ao meu ver seria o desenvolvimento científico das nossas pesquisas empíricas na área. Pois a área de CI não avança se não forem desenvolvidas pesquisas empíricas. E as pesquisas empíricas só são desenvolvidas e fomentadas a partir do aperfeiçoamento de técnicas. Por isso autores como Saracevic, e outros autores ( Zipf, Lancaster)... que concretizaram leis bibliométricas, fizeram estudos empíricos que são sempre muito citados até hoje. São a base para a consolidação da CI, para que o domínio deixe de ser frágil, somente com estudos de revisão Pois fazem artigos que contribuem com enfoques e

abordagens da CI. Isso tudo depende de estudos sobre metodologias, que tentem discutir possibilidades de concretização de estudos na área.

**5) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista da análise e interpretação da produção científica da CI? Justifique.**

**R:** Vide resposta 5

**6) Considerando que as categorias de uma classificação devem ser mutuamente excludentes, você concorda com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias metodológicas pela Brapci? Justifique sua resposta.**

**R:** Concordo, porque a técnica diferente da análise é instrumento de coleta de dados somente. Uma vez que a análise é dependente das abordagens utilizadas e o uso de tal abordagem depende muito dos objetivos do estudo. As análises são subjetivas, e as técnicas não tanto quanto as análises.

**7) Você tem sugestões para aperfeiçoamento da categorização proposta?**

**R:** Quem sabe, algo relacionado a abordagens teóricas e metodológicas mais específicas da CI, como separar métodos específicos em CI dos métodos comuns, a fim de representar um fortalecimento da área

**8) Você acredita que a direção e modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto? Do seu ponto de vista, como se pode verificar essa relação?**

**R:** De qualquer forma o objeto vai estar condicionado, principalmente na pesquisa empírica. Exemplo citado: abordagem cognitiva com a técnica do protocolo verbal na pesquisa sobre procedimentos de indexação do indexador. Essa relação poderia ser verificada quando da discussão dessa aplicabilidade de uma abordagem com uma técnica, e de repente de usar outra técnica e verificar se tal abordagem, o estudo em seu processo torna-se contraditório ou não.

Estudos comparativos, por exemplo, não tem muito na CI, e acho que faz muita falta. Como na área de medicina que estudos comparativos e experimentais são feitos, na medicina por evidência. Dessa forma outros estudos comparativos podem ser feitos para fortalecer um campo e para identificar essas questões de direção e modalidade da prática de pesquisa, que demandem a verdadeira competência profissional, de experimentar e desenvolver pesquisas.

## QUESTIONÁRIO SD

**1) Você conhece alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos em domínio específico de conhecimento por sua opção metodológica? Caso afirmativo, identifique-a e descreva sua experiência com essa ferramenta.**

**R:** Que recupere sim, embora essa recuperação não seja tão afinada, tão filtrada. Utilizando-se a ferramenta Google, pesquisa avançada, p. ex., consegue-se obter um certo número de trabalhos pela opção metodológica. Como exemplo, pode-se pesquisar por estudos de caso em bibliotecas pública, ou somente por estudos de caso. Se esta e/ou outras ferramentas, ao mesmo tempo organizam também esses trabalhos científicos, no momento não saberia dizer.

**2) Você conhece algum estudo com o objetivo de organizar as pesquisas sob o princípio classificatório de suas opções metodológicas? Caso afirmativo, identifique-o e dê seu parecer sobre esse estudo.**

**R:** Penso que existe sim e já li algum estudo com esse objetivo na literatura da área, mas no momento não saberia identificá-lo.

**3) O que você acha da proposta de organização de metodologias da pesquisas por meio da categorização acima apresentada?**

**R:** Acho uma boa alternativa, pois poderá facilitar a busca e a recuperação de trabalhos na área de Metodologia da Pesquisa. No entanto, a interface de categorização certamente deverá incluir outros enfoques, métodos, técnicas, etc.

**4) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista dos processos de organização da informação? Justifique.**

**R:** Além de proporcionar uma busca e recuperação de forma mais rápida, direta e com mais acuidade, oferece também mais qualidade nos processos de organização da informação.

**5) Que contribuições você considera que essa organização de metodologias de pesquisas da área pode promover do ponto de vista da análise e interpretação da produção científica da CI? Justifique.**

**R:** De um modo geral, facilita o acesso a essa produção científica para pesquisadores e demais estudiosos, assim como disponibiliza indicadores metodológicos para aqueles que trabalham com políticas de informação científica, proporciona comparação de estudos e resultados nessa temática, e como já mencionamos anteriormente, de uma forma mais rápida e direta, sem muita perda de tempo. A produção científica da CI só tem a ganhar, e muito, com essa organização de metodologias de pesquisa, pois tende a dar maior visibilidade a área.

**6) Considerando que as categorias de uma classificação devem ser mutuamente excludentes, você concorda com a separação entre técnicas e tipos de análises na disposição de categorias metodológicas pela Brapci? Justifique sua resposta.**

**R:** Quando nos referimos às metodologias, estamos incluindo nelas as abordagens da pesquisa, o(s) método(s) utilizado(s), o tipo de pesquisa, as técnicas de levantamento dos dados, enfim, elas abrangem um certo número de itens que, no meu entender, fazem parte, compõem esse todo metodológico. Portanto, não devem ser excludentes, e sim como estão dispostas pela Brapci.

**7) Você tem sugestões para aperfeiçoamento da categorização proposta?**

**R:** Como já foi indicado no item 3, certamente, deverá incluir outros enfoques, métodos, tipos de pesquisa, técnicas etc.

**8) Você acredita que a direção e modalidade da prática de pesquisa decorre de um domínio epistemológico e político que condiciona seu objeto? Do seu ponto de vista, como se pode verificar essa relação?**

**R:** A prática da pesquisa não é neutra porque tencionada pela vida política, econômica e social, o que deve ser levado em consideração. Quanto a uma maior ou menor aproximação de um domínio epistemológico e político, isso vai depender da linha e grupo de pesquisa que se está trabalhando, do tipo e natureza da pesquisa, sua abrangência, enfim, há uma série de fatores que podem condicionar o seu desenvolvimento e que se relacionam.

## APÊNDICE C – QUADRO PARA SISTEMATIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS PESQUISADORES

PERGUNTAS	Respostas dos sujeitos SA, SB, SC, SD	
<p>1) Conhecimento de alguma ferramenta que organize e recupere trabalhos científicos por suas opções metodológicas</p>	<p><b>SIM:</b> SD Qual? Ferramenta de busca avançada do Google</p>	<p><b>NÃO:</b> SA, SC, SB</p>
<p>2) Conhecimento de algum estudo que organize pesquisas sob os princípios classificatórios de suas opções metodológicas</p>	<p><b>SIM:</b> SA, SC, SD <b>SA:</b> categorizações universais; as de Abramo e as agências de fomento do Brasil <b>SC:</b> Coletânea de trabalhos sobre metodologia qualitativa em CI com abordagens metodológicas distintas <b>SD:</b> já leu algo com esse objetivo, mas não saberia dizer qual no momento.</p>	<p><b>NÃO:</b> SB</p>
<p>3) O que pensam sobre a proposta de categorização de opções metodológicas na Brapci?</p>	<p><b>SA:</b> preocupação em evitar compartimentações leva alguns pesquisadores a desconfiarem destas categorias. A pesquisa define-se prioritariamente pelo problema a ser resolvido. <b>SB:</b> a proposta reforça a acomodação do pesquisador ao racionalismo instrumental <b>SC:</b> a idéia é ótima e considera que este estudo teórico empírico é necessário para fortalecer a área <b>SD:</b> é uma boa alternativa, poderá facilitar a busca e a recuperação de estudos sobre a temática.</p>	
<p>4) Que contribuição essa proposta pode trazer a os processos de OC?</p>	<p><b>SIM:</b> SC, SD <b>SC:</b> contribuição em relação à consolidação da área. <b>SD:</b> proporciona uma busca e recuperação de forma mais rápida, direta e com mais acuidade, oferece mais qualidade aos processos de OC.</p>	<p><b>NÃO:</b> SA, SB <b>SA:</b> mais uma tentativa que não necessariamente dá conta de adequar os tipos de pesquisa. <b>SB:</b> ferramenta que traz economia, redução de tempo e acomodação intelectual do pesquisador</p>
<p>5) Que contribuição essa proposta poder trazer à análise e interpretação da informação e conhecimento?</p>	<p><b>SIM:</b> SC, SD <b>SC:</b> contribuição considerada em relação ao desenvolvimento científico das pesquisas empíricas da área. As pesquisas empíricas só são desenvolvidas e fomentadas a partir do aperfeiçoamento de técnicas. <b>SD:</b> de modo geral, facilita o acesso à produção científica, assim como disponibiliza indicadores metodológicos àqueles que trabalham com políticas de informação científica.</p>	<p><b>NÃO:</b> SA, SB <b>SB:</b> com a diminuição do desafio intelectual relativo à identificação de metodologias, poderá acentuar a fragilidade já existente em termos de geração do conhecimento relevante socialmente. <b>SA:</b> ver resposta 4</p>

<p>6) <b>Sobre a concordância com a separação entre técnicas e análises na disposição de categorias</b></p>	<p><b>SIM:</b> SC, SD  <b>SC:</b> a técnica, diferente da análise, é somente um instrumento de coleta de dados, Já as análises são subjetivas e dependentes do tipo de abordagem utilizada pelo autor</p> <p><b>SD:</b> quando nos referimos às metodologias, estamos incluindo nelas as abordagens da pesquisa, os métodos utilizados, o tipo de pesquisa, as técnicas de levantamento dos dados. Enfim, as metodologias abrangem um certo número de itens que, no meu entender, compõem esse todo metodológico. Logo, não devem ser excludentes e sim como estão dispostas na Brapci..</p>	<p><b>NÃO EXPRESSOU OPINIÃO:</b>  SB, SA  <b>SA</b> justifica: não teve vivência frente à Brapci, o que lhe impediria de concordar ou não com essa separação.</p>
<p>7) <b>Sugestões e idéias para a categorização</b></p>	<p><b>SIM:</b> SC, SD</p> <p><b>SC:</b> sugere uma reflexão sobre destacar métodos específicos da área, separando-os dos mais comuns como algo relacionado às abordagens teórico metodológicas desenvolvidas na própria área a fim de representar um fortalecimento da CI.</p> <p><b>SD:</b> sugere a inclusão de outros enfoques, métodos, técnicas e tipos de pesquisa.</p>	<p><b>NÃO:</b> SA, SB</p>
<p>8) <b>Você acredita que a direção e a modalidade da prática de pesquisa decorrem de um domínio epistemológico que condiciona seu objeto?</b></p>	<p><b>SIM:</b> SA, SB, SC, SD</p> <p><b>SA:</b> considera como característica do desenvolvimento de pesquisas em todas as áreas a heterogeneidade metodológica e a busca por uma escola pluralista, comprometida com o interesse coletivo</p> <p><b>SB:</b> Concorda com a colocação enunciada, mas deixa claro que há muitos outros fatores co-participantes no processo de produção do conhecimento e que não necessariamente as metodologias</p> <p><b>SC:</b> o objeto de investigação está sempre condicionado, principalmente na pesquisa empírica. A relação enunciada na pergunta pode ser verificada quando é estabelecido o uso de uma abordagem com uma técnica não usual a tal abordagem a fim de verificar se o estudo em seu processo, a partir da combinação de abordagens e técnicas distintas, torna-se contraditório ou não</p> <p><b>SD:</b> a prática da pesquisa é tencionada pela vida política, econômica e social, quanto a uma maior ou menor aproximação de um domínio epistemológico e político, vai depender da linha e grupo de pesquisa que se está trabalhando, do tipo natureza e abrangência da pesquisa.</p>	

## APÊNDICE D – REFERÊNCIA DO CORPUS DE ARTIGOS ANALISADOS SEGUIDA DE SEU RESPECTIVO NÚMERO ALEATÓRIO

689 referências

1972	1	1973	1	1974	1	1975	1	1976	1	1977	1	1978	1	1979	1	1980	1	1981	1	1982	1
<b>4</b>		<b>7</b>		<b>5</b>		<b>6</b>		<b>5</b>		<b>11</b>		<b>8</b>		<b>8</b>		<b>7</b>		<b>9</b>		<b>9</b>	
1983	1	1984	1	1985	1	1986	1	1987	1	1988	1	1989	1	1990	1	1991	1	1992	1	1993	1
<b>11</b>		<b>8</b>		<b>11</b>		<b>9</b>		<b>11</b>		<b>9</b>		<b>12</b>		<b>14</b>		<b>8</b>		<b>9</b>		<b>9</b>	
1994	1	1995	1	1996	1	1997	1	1998	1	1999	1	2000	2	2001	2	2002	2	2003	2	2004	2
<b>10</b>		<b>13</b>		<b>21</b>		<b>17</b>		<b>18</b>		<b>22</b>		<b>32</b>		<b>23</b>		<b>20</b>		<b>26</b>		<b>27</b>	
2005	2	2006	2	2007	2	2008	2	2009	2	2010	2										
<b>28</b>		<b>49</b>		<b>52</b>		<b>49</b>		<b>48</b>		<b>44</b>											

Artigos científicos

- ADOLFO, Luciane Baratto; SILVA, Rita de Cássia Portela da. A Arquivística e a Arquitetura da Informação: uma análise interdisciplinar. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 34-51, jan./jul. 2006. (2006-0000282)
- AGUIAR, Leonel Azevedo de. Teoria do Jornalismo: instrumento pedagógico para o. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 82-91, 2007. (2007-0000501)
- AGUIRRE ROMERO, Joaquín Maria. Las revistas digitales y la vida académica. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, jun. 2003. (2003-0000142)
- AIRES, Rachel Virgínia Xavier; ALUÍSIO, Sandra Maria. Como incrementar a qualidade dos resultados das máquinas de busca: da análise de logs à interação em português. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 5-16, jan./abr. 2003. (2003-0000110)
- AL, Sofia Galvão BAPTISTA et. Investigação sobre o mercado de trabalho para o bibliotecário na Internet: relato de pesquisa em andamento. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 23-24, n. 4, 1999-2000. (2000-0000213)
- ALBAGLI, Sarita. Informação e desenvolvimento sustentável: novas questões para o século XXI. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 119-125, jan./abr. 1995. (1995-0000126)
- ALBAGLI, Sarita. Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local. *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 17-22, abr./set. 2006. (2006-0000132)
- ALBAGLI, Sarita. Sociedade da Informação e do Conhecimento: desafios teóricos e empíricos. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 9-15, mar. 2007. (2007-0000197)
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2004. (2004-0000214)
- ALBUQUERQUE, Eliana Cristina Paula Tenório de; OLIVEIRA, Abel Dias de. O Pânico na Mídia - A abordagem das Revistas *Veja*, *IstoÉ*, *Galileu* e *Superinteressante* sobre a Síndrome do Pânico. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 53-59, jan./jun. 2005. (2005-0000179)
- ALLEVATO, Sonia Regina. Diagnóstico situacional das unidades de informação de universidades governamentais brasileiras em relação aos produtos e serviços do IBGE. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 1-19, maio/ago. 1995. (1995-0000097)
- ALMEIDA, Cybele Crosseti de. A Ciência da Informação e a sociedade brasileira: algumas representações de pesquisadores da área. *Transinformação*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 169-180, set./dez. 2006. (2006-0000050)

13. ALMEIDA, Julia Maria Costa. FALAS, SILÊNCIOS E IMAGENS: O CINEMA DE KIM KI-DUK. Ponto de Acesso, Salvador, v. 4, n. 1, p. 30-44, jan./jun. 2010. (2010-0000146)
14. ALMEIDA, Maurício Barcellos. Uma introdução ao XML, sua utilização na Internet e alguns conceitos complementares. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 2, p. 5-13, maio/ago. 2002. (2002-0000050)
15. ALMEIDA, Maurício Barcellos; OLIVEIRA, Viviane Nogueira Pinto; COELHO, Kátia Cardoso. Estudo exploratório sobre ontologias aplicadas a modelos de sistemas de informação: perspectivas de pesquisa em ciência da informação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 32-56, 2010. (2010-0000269)
16. ALMEIDA, Wolney Gomes. A televisão e a comunidade surda: um olhar sobre as diferenças. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 2006. (2006-0000299)
17. ALONSO, Marta Dolabela Lima. Publicações oficiais: a proposta da CEPAD. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 17, n. 2, p. 173-186, jul./dez. 1989. (1989-0000107)
18. ALVARADO, Ana Virginia TOVAR. EL SISTEMA DE ARCHIVO Y GESTIÓN DE DOCUMENTOS DE LA UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA. UNA PROPUESTA.. Ponto de Acesso, Salvador, v. 4, n. 3, p. 95-112, jul./dez. 2010. (2010-0000396)
19. ALVARENGA, Lúcia. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, dez. 2001. (2001-0000145)
20. ALVARENGA, Lúcia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, 1º sem. 2003. (2003-0000133)
21. ALVES, Cecília Malizia; SILVA, Paulo Afonso Lopes da. Caracterização de usuários e adequação dos serviços de biblioteca: uma abordagem preliminar das bibliotecas da PUC/RJ. Ciência da Informação, Brasília, v. 7, n. 1, p. 13-24, 1978. (1978-0000046)
22. ALVES, Francisco das Neves. 8 de novembro de 1891: uma "Revolução" esquecida no passado do Rio Grande. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 19, n. 1, p. 135-150, 2006. (2006-0000059)
23. ALVES, Francisco das Neves. A sociedade gaúcha na óptica de um rebelde: breve estudo de caso. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 127-138, 2010. (2010-0000239)
24. ALVES, Francisco das Neves. Silveira Martins X Júlio de Castilhos - a personalização do conflito federalista: um estudo de caso. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 9, n. \$num, p. 35-44, 1997. (1997-0000160)
25. ALVES, Giovanni. Informação e trabalho - notas dialéticas. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 00, jun. 2004. (2004-0000058)
26. ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982. (1982-0000028)
27. ALVES, Marília Amaral Mendes; MENEGAZ, Ronaldo. Depósito Legal; esperança ou realidade. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 15, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 1987. (1987-0000012)
28. AMADEI, José Roberto Plácido; TORKOMIAN, Ana Lúcia Vitale. As patentes nas universidades: análise dos depósitos das universidades públicas paulistas (1995-2006). Ciência da Informação, Brasília, v. 38, n. 2, p. 9-18, maio/ago. 2009. (2009-0000022)
29. AMARAL, Roniberto Morato; GARCIA, Leonardo Guimarães; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de; ALIPRANDINI, Dario Henrique. Modelo para o mapeamento de competências em equipes de inteligência competitiva. Ciência da Informação, Brasília, v. 37, n. 2, p. 7-19, maio/ago. 2008. (2008-0000462)

30. AMARAL, Sueli Angélica do. Marketing da Informação: entre a promoção e a comunicação integrada de marketing. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 31-44, jan./abr. 2008. (2008-0000213)
31. ANDRADE, Diva Carraro de. Bibliotecas universitárias de ciências sociais e humanas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 91-107, mar. 1984. (1984-0000074)
32. ANDRADE, Eduardo Augusto; ALVARENGA NETO, Rivadavia Correa Drummond de. Investigação e análise dos processos de gerenciamento da informação em uma empresa do setor de call centers. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 30-51, maio/ago. 2008. (2009-0000076)
33. ANDRADE, Sonia A Cruz-Riascos de. Processo de inclusão digital em rede empresarial do segmento de suprimentos industriais: utilização de tecnologias de informação e comunicação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2006. (2006-0000016)
34. ANDRADE, Teobaldo de. Relações públicas para bibliotecas e centros de informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 34-37, jan./jun. 1982. (1982-0000058)
35. AQUINO, Léa de. Reorganização de arquivos empresariais: um estudo de caso. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 77-95, jul./dez. 1986. (1986-0000070)
36. AQUINO, Mirian de Albuquerque. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2007. (2007-0000484)
37. AQUINO, Mirian de Albuquerque. Metamorfoses da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambiente de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 7-14, maio/ago. 2004. (2004-0000180)
38. AQUINO, Mirian de Albuquerque. Informação e formação de leitores no cenário de uma educação neoliberal globalizada. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 94-100, 1997. (1997-0000088)
39. ARANALDE, Michel Maya. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009. (2009-0000023)
40. ARAUJO, Ana Carolina Arantes; BUFREM, Leilah Santiago. Informação para negócios: aspectos da literatura científica nacional em revistas da área de ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2008. (2008-0000449)
41. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; SIMA, Aline Michelle; GUEDES, Roger Miranda; RESENDE, Karine Souza. A ciência da informação na visão dos professores da ECI/UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 03-22, maio/ago. 2007. (2007-0000027)
42. ARAÚJO, Eratóstenes E. de. Revocação (recall) e precisão (precision) no SDI/CIN/CNEN. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 47-50, jan./jun., 1979. (1979-0000035)
43. ARAÚJO, Evandro Nicomedes; ROCHA, Elisa Maria Pinto da. Trajetória da sociedade da informação no Brasil: proposta de mensuração por meio de um indicador sintético. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 9-20, set./dez. 2009. (2009-0000167)
44. ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Uso da informação contida em patentes nos países em desenvolvimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 53-56, jan./jun. 1984. (1984-0000013)
45. ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Juliana Lazzarotto. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 18-43, jan./abr. 2010. (2010-0000060)
46. ARCHUBY, Gustavo Gabriel; CELLINI, Julián; GONZÁLEZ, Claudia Marcela; PENÉ, Mónica Gabriela. Interface de recuperación para catálogos en línea con salidas ordenadas por probable relevancia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 5-13, set./dez. 2000. (2000-0000122)
47. ARRUDA FILHO, Emílio José Montero; DHOLAKIA, Ruby Roy. Uso de convergência tecnológica sem regulamentação apropriada: VOIP e competitividade. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2009. (2009-0000327)

48. ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000. (2000-0000142)
49. ASSIS, Sônia; BARRETO, Angela Maria; PARADELLA, Maria Dulce. Bibliotecas públicas e telecentros: ambientes democráticos e alternativos para a inclusão social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2008. (2008-0000411)
50. ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. (2000-0000195)
51. ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Estratégias de acesso ao Ensino Superior entre jovens universitários com experiência de trabalho na infância. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 12, n. esp., p. 01-23, jun.2010. (2010-0000252)
52. AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Contributo para traçar o perfil do público Leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2008. (2008-0000385)
53. BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da informação e a infoexclusão. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, maio/ago. 2000. (2000-0000109)
54. BALANCIERI, Renato; BOVO, Alessandro Botelho; KERN, Vinícius Medina; PACHECO, Roberto Carlos dos Santos; BARCIA, Ricardo Miranda. A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 64-77, jan./abr. 2005. (2005-0000096)
55. BALDOVINOTTI, Janis Aparecida. Planejamento Estratégico de Sistemas de Informação na área de Pesquisa em Instrumentação agro-pecuária. *Transinformação*, Campinas, v. 7, n. 1/2/3, p. 117-148, 1995. (1995-0000099)
56. BAPTIST, Sofia Galvão. Comprometimento organizacional do bibliotecário da região Sul e Sudeste. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 217-238, 2001. (2001-0000008)
57. BAPTISTA, Dulce Maria. A busca da informação por parte de entidades representativas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 16-19, maio/ago. 2001. (2001-0000086)
58. BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Padrão de conformidade para unidades de informação: apresentação do modelo inglês. *Informação & Informação*, Londrina, v. 2, n. 2, p. 47-54, jul./dez. 1997. (1997-0000058)
59. BARBOZA, Elza Maria Ferraz; NUNES, Eny Marcelino de Almeida; SENA, Nathália Kneipp. Web sites governamentais, uma esplanada à parte. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 118-125, jan./abr. 2000. (2000-0000205)
60. BARCELLOS, Sílvia de Oliveira. Problemas de desenvolvimento de software para automação de bibliotecas com pequenos computadores. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 33-40, jan./jun. 1985. (1985-0000083)
61. BARONE, Ana Maria Silveira; PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo. Programa de disseminação seletiva da informação na Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia Universidade de São Paulo. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 256-269, jul./dez. 1978. (1978-0000044)
62. BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 168-173, maio/ago. 1999. (1999-0000153)
63. BARRETO, Juliano Serra. Desafios e avanços na recuperação automática da informação audiovisual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2007. (2007-0000492)
64. BARRETTO, Clara Maria Weber. Problemática da realização de pesquisa pelos professores de Biblioteconomia. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 1983. (1983-0000042)
65. BARROS, Francisco Messias. A comunicação organizacional no gerenciamento de crises empresariais. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 46-53, jan./jun. 2003. (2003-0000031)

66. BATTAGLIA, Maria da Glória Botelho. A inteligência competitiva modelando o Sistema de Informação de Clientes - Finep. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 200-214, maio/ago. 1999. (1999-0000072)
67. BAX, Marcello Peixoto. Introdução às linguagens de marcas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 32-38, jan./abr. 2001. (2001-0000054)
68. BECK, Ingrid. Projeto cooperativo: conservação preventiva em bibliotecas e arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 5-34, 1999. (1999-0000137)
69. BERALDI, Lairce Castanhera; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Impacto da tecnologia de informação na gestão de pequenas empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 46-50, jan./abr. 2000. (2000-0000110)
70. BERAQUET, Vera Silvia Marão; AZEVEDO, Alexander Willian. Formação e competência informacional do bibliotecário médico brasileiro. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 199-218, jan./jun. 2010. (2010-0000263)
71. BERNARDI, Amarildo José. Informação, comunicação, conhecimento: evolução e perspectivas. *Transinformação*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 39-44, jan./abr. 2007. (2007-0000150)
72. BERTACHINI, Maria de Lurdes. O docente de Biblioteconomia: construindo sua auto-imagem. *Informação & Informação*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 41-44, jan./jun. 1996. (1996-0000001)
73. BETTIOL, Eugenia Maranhão. Necessidade de informação na área de biotecnologia agropecuária no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 3-11, jan./jun. 1990. (1990-0000058)
74. BIGLU, Mohammad Hossein. Tendência para a auto-citação entre os periódicos no Irã e Turquia. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 18-26, jul./dez. 2007. (2007-0000371)
75. BIGLU, Mohammad Hossein. Um estudo de caso do MEDLINE. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 6-19, jan./jun. 2008. (2008-0000171)
76. BITTENCOURT, Ezio da Rocha. Apontamentos sobre o movimento teatral em Rio Grande no século XIX. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 8, n. \$num, p. 117-137, 1996. (1996-0000173)
77. BODÊ, Ernesto Carlos. Assinaturas digitais e arquivologia. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 52-69, jan./jul. 2006. (2006-0000298)
78. BOECKEL, Denise Obino. O Bibliotecário e a Cartografia. *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 171-190, 1982. (1982-0000072)
79. BÖHMERWALD, Paula. Uma proposta metodológica para avaliação de bibliotecas digitais: usabilidade e comportamento de busca por informação na Biblioteca Digital da PUC-Minas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 95-103, jan./abr. 2005. (2005-0000182)
80. BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Estudo sobre as condições de preservação dos acervos documentais brasileiros. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 35-74, 1999. (1999-0000110)
81. BOMENY, Regina Helena Diniz. Estudo bibliométrico aplicado ao arquivo privado de Getúlio Vargas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 37-42, 1978. (1978-0000020)
82. BOMFÁ, Claudia Regina Ziliotto; CASTRO, João Ernesto E.. Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital: o caso da Revista Produção Online. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 39-48, maio/ago. 2004. (2004-0000030)
83. BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. (2000-0000118)
84. BORGES, Paulo César Rodrigues. Métodos quantitativos de apoio à bibliometria: a pesquisa operacional pode ser uma alternativa?. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 5-17, set./dez. 2002. (2002-0000054)

85. BOSC, Helene. L'auto-archivage en France: deux exemples de politiques différentes et leurs résultats. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 196-217, set. 2008. (2008-0000312)
86. BOSO, Augisa Karla; GARCIA, Daniela; RODRIGUES, Michele de Britto; MARCONDES, Pollyne. Aspectos cognitivos da leitura: conhecimento prévio e teoria dos esquemas. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 24-39, jul./dez. 2010. (2010-0000366)
87. BOTELHO, Tânia Mara Guedes. Avaliação da recuperação de informações de sistemas on-line: considerações metodológicas. Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Brasília, v. 1, n. 1, p. 191-206, 1982. (1982-0000044)
88. BOTELHO, Tânia Mara Guedes; ALMEIDA, Plínio de. Uma base de dados com referências bibliográficas. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 8, n. 2, p. 230-233, jul./dez. 1980. (1980-0000023)
89. BOTELHO, Tânia Maria; ROBREDO, Jaime. Telecottage: uma necessidade para o desenvolvimento do setor de informações trimestrais nos países em desenvolvimento. Transinformação, Campinas, v. 4, n. 1/2/3, p. 33-44, 1992. (1992-0000047)
90. BOTTINO, Mariza. Arquivos universitários: repertório bibliográfico preliminar. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 57-79, jul./dez. 1998. (1998-0000049)
91. Estrutura Da Produção Editorial De Periódicos Biomédicos Brasileiros (1). Transinformação, Campinas, v. 1, n. 1, p. 91-104, jan./abr. 1989. (1989-0000024)
92. BOUCHE, Richard. Ciência da Informação: ciência da forma. Ciência da Informação, Brasília, v. 17, n. 2, p. 99-104, jul./dez. 1988. (1988-0000024)
93. BOYCE, Bert R.. Literatura crescimento e recuperação do sistema de comunicação acadêmica. Ciência da Informação, Brasília, v. 3, n. 2, p. 147-150, 1974. (1974-0000025)
94. BRACCO, R.; CABRERA, L.; CURBELO, C.; FEMENIAS, J.; FUSCO, N.; LOPEZ, J. M.; MARTINEZ, E.. Investigaciones arqueológicas de rescate en la cuenca de la Laguna Merin. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 4, n. \$num, p. 35-42, 1992. (1992-0000063)
95. BRAGA, Gilda Maria. Semantic theories of information. Ciência da Informação, Brasília, v. 6, n. 2, p. 69-73, 1977. (1977-0000086)
96. BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira; CAREGNATO, Sônia Elisa; STUMPF, Ida Regina C.. Interfaces entre os campos da comunicação e da informação. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 21-33, 2007. (2007-0000506)
97. Brandt, Mariana; MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento?. Transinformação, Campinas, v. 22, n. 2, p. 111-121, maio/ago. 2010. (2010-0000423)
98. BRESCIANI FILHO, Ettore. Processo de criação organizacional e processo de auto-organização. Ciência da Informação, Brasília, v. 28, n. 1, p. 15-19, jan./abr. 1999. (1999-0000113)
99. BRITO, Cláudio J.. Disseminação de informação e a tecnologia do CD- Rom. Ciência da Informação, Brasília, v. 17, n. 1, p. 3-13, jan./jun. 1988. (1988-0000064)
100. BRITO, Cláudio J.. The developing countries and the CD-ROM. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 18, n. 2, p. 59-78, jul./dez. 1990. (1990-0000016)
101. BRUM, Marco Antonio Carvalho; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Comportamento de busca e uso da informação: um estudo com alunos participantes de empresas juniores. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 52-75, maio/ago. 2008. (2009-0000053)
102. BRUSAMOLIN, Valério; MORESI, Eduardo. Narrativas de histórias: um estudo preliminar na gestão de projetos de tecnologia da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 37, n. 1, p. 37-52, jan./abr. 2008. (2008-0000346)
103. BUFREM, Leilah Santiago. Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para reformulação na prática. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 19-39, jan./jun. 1992. (1992-0000026)

104. BUFREM, Leilah Santiago; BREDÁ, Sônia Maria; SORRIBAS, Tidra Viana; FREITAS, Juliana Lazzarotto. Ética e formação profissional: uma leitura da produção científica em Ciência da Informação (1970-2006). *Transinformação*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 225-232, set./dez. 2008. (2008-0000194)
105. BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. (2005-0000166)
106. CABERLON, Vera Isabel. A avaliação curricular como agente medidor de eficácia nos novos currículos de Biblioteconomia. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 4, n. 1, p. 63-70, 1991. (1991-0000042)
107. CAFÉ, Lúgia; SANTOS, Christophe dos; MACEDO, Flávia. Proposta de um método para escolha de software de automação de bibliotecas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 70-79, maio/ago. 2001. (2001-0000013)
108. CALAZANS, Angélica Toffano Seidel. Qualidade da informação: conceitos e aplicações. *Transinformação*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 29-45, jan./abr. 2008. (2008-0000477)
109. CALAZANS, Angélica Toffano Seidel; COSTA, Sely Maria de Souza. Modelo de avaliação da qualidade da informação estratégica bancária. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 21-39, set./dez. 2009. (2009-0000142)
110. CALDEIRA, Paulo da Terra. Processo de crescimento epidemológico aplicado à literatura brasileira de doença de chagas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 5-16, 1975. (1975-0000053)
111. CALDEIRA, Paulo da Terra. O perfil do usuário de uma biblioteca de arte: o caso da Escola de Belas Artes da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 61-95, mar. 1989. (1989-0000001)
112. CALDERA-SERRANO, Jorge. Labor documental para programas de entretenimiento en las televisiones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 16-24, jan./abr. 2006. (2006-0000283)
113. CALDERA-SERRANO, Jorge; POLO-CARRION, Juan-Antonio; POVEDA-LOPEZ, Inés del Carmen. El control documental de películas en los sistemas de información documental en televisión. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 40-47, set./dez. 2009. (2009-0000191)
114. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivo, documentos e informação: velhos e novos suportes. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 15-23, n. 1, p. 34-40, 1994. (1994-0000058)
115. CAMINOTTI, María Laura; STUBBS, Edgardo Alberto; BALPARDA, José L.; MARTÍNEZ, Ana M.. Taxonomías web de clubes de fútbol argentinos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 9-14, set./dez. 2006. (2006-0000028)
116. CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. (2003-0000190)
117. CAMPELLO, Bernadete Santos. Empréstimo entre bibliotecas: situação nas bibliotecas especializadas e universitárias de Belo Horizonte. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 7-36, mar. 1985. (1985-0000047)
118. CAMPELLO, Bernadete Santos. Empréstimo entre bibliotecas: uma revisão de literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 7-34, mar. 1986. (1986-0000004)
119. CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra. Controle de teses no Brasil. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 196-204, set. 1977. (1977-0000071)
120. CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; SILVA, Aparecida Imaculada Bedeti da; MANGUE, Manuel Valente. Recursos informacionais para o ensino fundamental. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 268-278, set./dez. 1998. (1998-0000041)
121. CAMPOS, Ana Maria Varela Cascardo; OLIVEIRA, Eliane Braga de; RESENDE, Maria Esperança de; DUBOC, Selma Braga; CAUVILLE, Verone Gonçalves. Metodologia para diagnóstico de arquivos correntes em organismos da

- administração pública federal. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 14-23, jul./dez. 1986. (1986-0000060)
122. CAMPOS, Carlita Maria; CALDEIRA, Paulo da Terra. Bibliografia especializada corrente no Brasil: três décadas de descontinuidade. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 186-213, set. 1988. (1988-0000046)
123. CAMPOS, Carlita Maria; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Treinamento de usuários da biblioteca universitária: o curso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 123-128, jul./dez. 1982. (1982-0000047)
124. CAMPOS, Célia Maria Camargo; DOMINGUES, Cibele Martins; RODRIGUES, Eunice Mancebo; OLIVEIRA, Nirlei Maria. *SATISFAÇÃO NO TRABALHO: perspectiva de bibliotecários de uma Universidade Estadual*. Transinformação, Campinas, v. 3, n. 1/2/3, p. 76-89, 1991. (1991-0000065)
125. CAMPOS, Estela Moralez. La infodiversidad, los bloques regionales y la cooperacion. *Transinformação*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 135-144, maio/ago. 1999. (1999-0000029)
126. CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-7, maio/ago. 1996. (1996-0000062)
127. CANDIDO, Gesinaldo Ataíde; ARAÚJO, Nadja Macêdo de. As tecnologias de informação como instrumento de viabilização da gestão do conhecimento através da montagem de mapas cognitivos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 38-45, set./dez. 2003. (2003-0000140)
128. CAPPARELLI, Sérgio. Comunicação de classe e de gênero: o caso Eva Perón. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 94-107, 1996. (1996-0000199)
129. CAPUANO, Ethel Airton. Construtos para modelagem de organizações fundamentadas na informação e no conhecimento no serviço público brasileiro. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 18-37, set./dez. 2008. (2008-0000466)
130. CAPUANO, Ethel Airton. O poder cognitivo das redes neurais artificiais modelo Art1 na recuperação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 9-30, jan./abr. 2009. (2009-0000440)
131. CAPUANO, Ethel Airton; MACHADO, Marco Antonio; CASAES, Julio; COSTA, Julio Reis da; JESUS, Magda Sifuentes de. Inteligência competitiva e suas conexões epistemológicas com gestão da informação e do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 19-34, maio/ago. 2009. (2009-0000058)
132. CARDOSO, Julio César. A questão da ordem original em Arquivística: reflexões a partir de Elio Gaspari e Jean Piaget (cinco anos depois). *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 6-18, jul./dez. 2008. (2008-0000148)
133. CAREGNATO, Sônia Elisa; CRESPO, Isabel Merlo. Padrões de comportamento de busca e uso de informação por pesquisadores de biologia molecular e biotecnologia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 30-38, set./dez. 2006. (2006-0000408)
134. CARIDAD SEBASTIÁN, Mercedes; RODRÍGUEZ MATEOS, David; MÉNDEZ RODRÍGUEZ, Eva. La necesidad de políticas de información ante la nueva sociedad globalizada. El caso español. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 22-36, maio/ago. 2000. (2000-0000119)
135. CARNEIRO, Marília Vidigal. Diretrizes para uma política de Indexação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 221-241, set. 1985. (1985-0000002)
136. CARVALHO, Abigail de Oliveira; CARVALHO, Maria Beatriz Pontes de. A Semântica e a Classificação Decimal Universal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 91-102, 1975. (1975-0000034)
137. CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set./dez. 2000. (2000-0000108)

138. CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; PEROTA, Maria Luiza Loures Rocha. A evasão dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v. 19, n. 1, p. 78-93, mar. 1990. (1990-0000029)
139. CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; SILVA, Eduardo Valadares da; ROSEMBERG, Dulcinéia Sarmento; SILVA, Antonio Jorge Rodrigues Pereira da. O perfil dos gestores de informação para a indústria capixaba. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 37, n. 1, p. 73-84, jan./abr. 2008. (2008-0000333)
140. CARVALHO, José Henrique de. Do antimarketing ao marketing político e social: uma proposta para o Brasil. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 15, n. 1, p. 53-58, jan./jun. 1986. (1986-0000075)
141. CARVALHO, Maria Beatriz Pontes de. Planejamento de uma unidade didática em Ciência da Informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v. 5, n. 1, p. 72-92, mar. 1976. (1976-0000008)
142. CARVALHO, Maria da Conceição. Uma política de desenvolvimento de coleção para a biblioteca do Instituto de Educação de Minas Gerais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v. 9, n. 2, p. 195-216, set. 1980. (1980-0000015)
143. CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuário em bibliotecas escolares: considerações gerais. *Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília*, v. 9, n. 1, p. 22-29, jan./jun. 1981. (1981-0000061)
144. CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. Estudo de citações da literatura produzida pelos professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 5, n. 1 e 2, p. 27-42, 1976. (1976-0000003)
145. CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. A pesquisa de graduação: o caso dos TCCs da USP-Ribeirão em relação aos GTs do ENANCIB. InCID: *Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto*, v. 1, n. 2, p. 48-59, 2010. (2010-0000388)
146. CASTRO, José Márcio de; ABREU, Paulo Gustavo Frankilin de. Estaremos cegos pelo ciclo da inteligência tradicional? Uma releitura a partir das abordagens de monitoramento ambiental. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 36, n. 1, p. 7-19, jan./abr. 2007. (2007-0000013)
147. CASTRO, José Márcio de; ABREU, Paulo Gustavo Frankilin de. Influência da inteligência competitiva em processos decisórios no ciclo de vida das organizações. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 35, n. 3, p. 15-29, set./dez. 2006. (2006-0000193)
148. CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. Comunicação e modernidade: o impasse antinômico e as possibilidades da polifonia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v. 22, n. 2, p. 133-167, jul./dez. 1993. (1993-0000062)
149. CASTRO, Murilo Cardoso de; CASTRO, Raquel Cardoso de; CASTRO, Jorge Cardoso. O engenho motor da informatização. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, Campinas*, v. 6, n. 2, p. 45-70, jan./jun. 2009. (2009-0000018)
150. CAUDURO, Flávio Vinicius. Identidade visual e desktop publishing: o caso do Instituto de Informática da UFRGS. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação, Porto Alegre*, v. 5, n. 1, p. 181-193, 1990. (1990-0000126)
151. CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A memória como acervo. *Infociência, São Luís*, v. 4, n. 1, p. 52-67, 2004. (2004-0000001)
152. CENDÓN, Beatriz Valadares. Bases de dados de informação para negócios. *Ciência da Informação, Brasília*, v. 31, n. 2, p. 30-43, maio/ago. 2002. (2002-0000027)
153. CENDÓN, Beatriz Valadares; RIBEIRO, Nádia Ameno; CHAVES, Consuelo Joncew; MOREIRA, Lucília Vilarino. Utilização de Web Surveys para Estudos de Uso. *Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa*, v. 20, n. 3, p. 107-121, set./dez. 2010. (2010-0000335)
154. CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; VIANNA, Márcia Milton. O curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v. 19, n. esp., p. 37-67, mar. 1990. (1990-0000043)

155. CHAGAS, Luciana de Deus; COSTA, Sely Maria de Souza. Efetividade do processo de comunicação com base na abordagem do comportamento informacional: o caso de um organismo internacional da área da saúde pública sediado no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 39-50, set./dez. 2007. (2007-0000186)
156. CHIARA, Ivone Guerreiro Di; PRAZERES, Yara Maria Pereira da Costa; LUZ, Graça Maria S. Luz. Análise do uso da coleção de livros da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (BC/UEL). *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 177-188, jul./dez. 1996. (1996-0000007)
157. COHEN, Max F.. Alguns aspectos do uso da informação na economia da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 26-36, set./dez. 2002. (2002-0000025)
158. CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; AMÂNCIO, Tunico. Análise e representação de filmes em unidades de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 89-94, jan./abr. 2005. (2005-0000139)
159. CORDEIRO, Xênia Lacerda. Da invenção da imprensa ao livro infantil: um enfoque editorial. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 27-35, jan./jun. 1987. (1987-0000047)
160. CORNELSEN, Julce Mary; NELLI, Victor José. Gestão Integrada da Informação Arquivística: o diagnóstico de arquivos. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 70-84, ago./dez. 2006. (2006-0000449)
161. COSTA, Alexandre de Souza. A bibliografia arquivística no Brasil: análise quantitativa e qualitativa. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 8-26, jan./jun. 2007. (2007-0000160)
162. Costa, Celso José da; Pimentel, Nara Maria. O sistema Universidade Aberta do Brasil na consolidação da oferta de cursos superiores a distância no Brasil. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 71-90, jun.2009. (2009-0000109)
163. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, trabalho e tempo livre: políticas de informação para o século XXI. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, maio/ago. 1999. (1999-0000146)
164. COSTA, Josiane Gonçalves; VANZ, Samile Andréa de Souza. A produção intelectual em Ciência da Informação: análise de citações do DCI/UFRGS de 2000 a 2008. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 79-93, 2010. (2010-0000137)
165. COSTA, Maria Neusa de Moraes; VAN DER POEL, Maria Salete; VAN DER POEL, Cornelis Joannes; PANET, Carmem de Farias; BORBA, Dijane de Oliveira; BRITO, Edna Maria Torreão; ARAGÃO, Esmeralda Maria de; RAMALHO, Francisca Arruda; SOUZA, Sebastião de; ARAÚJO, Walkíria Toledo de. Biblioteca pública como centro de informação utilitária: uma experiência no município de Santa Rita - PB: relatório de pesquisa - 1a. etapa. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 179-195, set. 1984. (1984-0000035)
166. COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr. 2009. (2009-0000230)
167. COSTA, Rubenildo O. da. A comunicação eletrônica e a alteração de tempo e espaço na produção do conhecimento científico. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2007. (2007-0000305)
168. COSTA, Sely Maria de Souza. Filosofia aberta, modelos de negócios e agências de fomento: elementos essenciais a uma discussão sobre o acesso aberto à informação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 39-50, maio/ago. 2006. (2006-0000259)
169. COX, Richard J.. A advocacia nos currículos de Graduação em Arquivologia: uma perspectiva norte-americana. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 1998. (1998-0000144)
170. CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Comportamento de busca de informação: uma comparação de dois modelos. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003. (2003-0000169)
171. CRISTOVÃO, Heloísa Tardin. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 3-36, jan./jun., 1979. (1979-0000051)

172. CUARTAS, Enriqueta Graciela Dorfman de. Moacyr Scliar: cavalos e obeliscos - estudo sociológico a partir de Lucien Goldmann. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 17, n. \$num, p. 159-164, 2005. (2005-0000048)
173. CUARTAS, Enriqueta Graciela Dorfman de; CORRÊA, Alba Maria Dourado. Diagnóstico Da Situação Das Bibliotecas Estaduais Pertencentes À Delegacia De Educação. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 2, n. \$num, p. 9-15, 1987. (1987-0000044)
174. CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. Normalização de originais. Ciência da Informação, Brasília, v. 2, n. 1, p. 59-63, 1973. (1973-0000038)
175. CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. Sistemas de redes de informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 6, n. 1, p. 35-43, 1977. (1977-0000078)
176. CUNHA, Leo. Publicações científicas por meio eletrônico: critérios, cuidados, vantagens e desvantagens. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 77-92, jan./jun. 1997. (1997-0000075)
177. CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. (2000-0000120)
178. CUNHA, Murilo Bastos da. Rede de dados bibliográficos no Brasil: uma necessidade real. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 15, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 1987. (1987-0000050)
179. CUNHA, Murilo Bastos da. Uso de bases de dados por países em desenvolvimento, problemas e perspectivas. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 12, n. 1, p. 25-34, jan./jun. 1984. (1984-0000058)
180. CURRÁS, Emília. Las luces y las sombras de la documentación automatizada. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 15, n. 1, p. 13-21, jan./jun. 1987. (1987-0000076)
181. CURVO FILHO, Plácido Flaviano. Informação e documentação agrícola na comunicação rural. Ciência da Informação, Brasília, v. 8, n. 1, p. 37-46, jan./jun., 1979. (1979-0000043)
182. DALLA ZEN, Ana Maria. A Crise de paradigmas e a ressignificação do conhecimento para o século XXI. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 49-63, jul./dez. 2010. (2010-0000357)
183. DANNEMANN, Maria Luiza Stallard. O ensino da arquivística. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 22-22, out. 1972. (1972-0000019)
184. DATTA, Suman. A organização de conceitos para recuperação da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 6, n. 1, p. 17-28, 1977. (1977-0000001)
185. DELAIA, Claudia Regina; FREIRE, Isa Maria. Subsídios para uma política de gestão da informação da Embrapa Solos - à luz do regime de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 107-130, set./dez. 2010. (2010-0000369)
186. DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. (2000-0000121)
187. DEVÍS, José; VILLAMÓN HERRERA, Miguel; ANTOLÍN JIMENO, Luis; VALENCIANO VALCÁRCEL, Javier; MORENO DOÑA, Alberto. Las revistas científico-técnicas españolas de ciencias de la actividad física y el deporte: adecuación a las normas ISO y grado de normalización. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 1, p. 38-47, jan./abr. 2004. (2004-0000039)
188. DIAS, Cláudia Augusto. Portal corporativo: conceitos e características. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 50-60, jan./abr. 2001. (2001-0000044)
189. DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000. (2000-0000133)

190. DIAS, Eduardo José Wense. A abordagem dos papéis gerenciais de Mintzberg e sua aplicação a bibliotecas e centros de informações. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 37-54, mar. 1985. (1985-0000039)
191. DIAS, Fernando Skackauskas. Análise das relações interdisciplinares das pesquisas científicas em sistemas de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 199-215, jan./abr. 2008. (2008-0000247)
192. DIAS, Guilherme Ataíde. Avaliação do acesso a periódicos eletrônicos na web pela análise do arquivo de log de acesso. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 7-12, jan./abr. 2002. (2002-0000003)
193. DIAS, José Heládio Costa; DUARTE, Emeide Nóbrega. MARKETING E ENDOMARKETING NA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB: subsídios para uma ação na Divisão de Serviços ao Usuário. *Biblionline*, João Pessoa, v. 6, n. 1, jan./dez. 2010. (2010-0000230)
194. DIONYSIO, Rosana Cristina Colombo; SANTOS, Fernando César Almada. Evolução da informação apoiadora da gestão ambiental: uma análise centrada em seus estágios evolutivos e nos agentes decisórios. *Informação & Informação*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2007. (2007-0000006)
195. DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos; MATTOS, Erotildes de Lima; PIAZZAROLO, Solange M.. A UNI-RIO e o BIBLIODATA-CALCO: uma experiência. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 29-37, jan./jun. 1989. (1989-0000080)
196. DUMONT, Lúgia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. *Transinformação*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan./jun. 2001. (2001-0000018)
197. DZIEKANIAK, Gisele Vasconcelos. Mapeamento do uso de metadados por comunidades científicas. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 20, n. 1, p. 229-243, 2007. (2007-0000109)
198. D'ANDRÉA, Carlos. Estratégias de produção e organização de informações na web: conceitos para a análise de documentos na Internet. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 39-44, set./dez. 2006. (2006-0000450)
199. EGGERT-STEINDEL, Gisela. Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa). *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 167-188, jul./dez. 1994. (1994-0000024)
200. ELUAN, Andrenizia Aquino; MOMM, Christiane Fabíola; NASCIMENTO, Jucimara Ameida. A sistemática do uso de fontes de informação para a pesquisa científica. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 111-119, maio/ago. 2008. (2008-0000271)
201. EUFRASINO, Cláudio Clécio Vidal. Participação política e debate político-filosófico na era da cultura da virtualidade real: um estudo de caso nos quadrinhos de super-heróis. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 93-100, jan./jun. 2005. (2005-0000180)
202. EVANS, Frank B.. Idéias modernas sobre o gerenciamento de arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-21, dez. 1974. (1974-0000015)
203. FABIO, Carlos Alfredo Linhares; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. MAPA: a memória (esquecida) da administração brasileira. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 15-23, n. 1, p. 51-57, 1994. (1994-0000001)
204. FALSARELLA, Orandi Mina; JANNUZZI, Celeste Aída Sirotheau Corrêa; BERAQUET, Vera Sílvia Marão. Informação empresarial: dos sistemas transacionais à latência zero. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 3 esp., p. 141-156, set./dez. 2003. (2003-0000199)
205. FARIA, Sueli de Fátima; OLIVEIRA, Vanda de Fátima Fulgêncio de; FORNER, Liliâne; D'ASTUTO, Floriana. Competências do profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago. 2005. (2005-0000058)

206. FEITOSA, Paula Andréa Cochrane; AMARAL, Sueli Angélica do. Promoção da informação sobre tecnologias e produtos orgânicos na Embrapa Hortaliças. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 48-63, set./dez. 2009. (2009-0000467)
207. FERNADES, Maria do Carmo Seabra Melo. Pequeno ensaio sobre as possibilidades de aplicação do planejamento estratégico à Administração Pública Brasileira. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-11, maio/ago. 1981. (1981-0000078)
208. FERNANDES, Pedro Onofre. Economia da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 165-168, jul./dez. 1991. (1991-0000056)
209. FERNANDES, Rogério Paulo Müller. XML y registros electrónicos: principales estándares en la descripción archivística. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 45-53, set./dez. 2006. (2006-0000435)
210. FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003. (2003-0000111)
211. FERREIRA, José Rincon. Sistemas e Serviços de Informação para a Ciência e Tecnologia: A Informação Online. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. 1/2, p. 7-37, jan./jun. 1980. (1980-0000018)
212. FERREIRA, Márcia Xavier. Michel Foucault e a ciência da informação: interações. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 38-46, jul./dez. 1999. (1999-0000216)
213. FERREIRA, Meireluce da Silva. Cursos do Arquivo Nacional. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 12-16, abr. 1973. (1973-0000019)
214. FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009. (2009-0000046)
215. FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003. (2003-0000125)
216. FERREIRA, Rubens da Silva. Henry Walter Bates: um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 67-75, maio/ago. 2004. (2004-0000041)
217. FIALHO, Janaina Ferreira. Ações, pensamentos, sentimentos e estratégias no processo de pesquisa acadêmica. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 165-178, jul./dez. 2010. (2010-0000410)
218. FIALHO, Janaina Ferreira; ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr. 2007. (2007-0000431)
219. FIANI, Ronaldo. A crise dos bens culturais como mercadorias. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 231-246, set. 2009. (2009-0000185)
220. FIGUEIREDO, Nice. Metodologia conceitual para prevenção de erros no serviço de referência. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 87-98, 1977. (1977-0000003)
221. FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Recomendações práticas para o aperfeiçoamento serviço de referência/informação nas bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 1983. (1983-0000003)
222. FIGUEIREDO, Nice. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979. (1979-0000060)
223. FIGUEIREDO, Nice; LIMA, Regina Célia Montenegro. Desenvolvimento profissional e inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 47-67, mar. 1986. (1986-0000045)

224. FIUZA, Marysia Malheiros. A catalogação bibliográfica até o advento das novas tecnologias. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 43-53, mar. 1987. (1987-0000087)
225. FIUZA, Marysia Malheiros. Considerações sobre o uso de estudos bibliométricos na formação de coleções básicas. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 59-68, mar. 1978. (1978-0000037)
226. FIUZA, Marysia Malheiros. Tratamento de periódicos na Biblioteca Central da UFMG. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 55-69, mar. 1985. (1985-0000054)
227. FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980. (1980-0000012)
228. FONSECA, Ana Maria Eirôa da. Comunicação e mudança organizacional. Revista de Biblioteconomia & Comunicação, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 59-66, 1988. (1988-0000004)
229. FONSECA, Maria Odila Kahl. Informação, arquivos e instituições arquivísticas. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 1998. (1998-0000039)
230. FOX, Edward A.; YANG, Seungwon; KIM, Seonho. ETDs, NDLTD e acesso aberto: uma perspectiva 5S. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 2, p. 75-90, maio/ago. 2006. (2006-0000273)
231. FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, set./dez. 2004. (2004-0000158)
232. FRANCO, Célina do Amaral Peixoto Moreira; SIMONE, Célia Camargo de. CPDOC: Fontes primárias condicionam formato institucional. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 4-7, jan./abr. 1981. (1981-0000034)
233. FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. (2006-0000387)
234. FREIRE, Isa Maria. Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 1, p. 133-142, jan./abr. 1995. (1995-0000076)
235. FREIRE, Isa Maria. O olhar da consciência possível sobre o campo científico. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2003. (2003-0000172)
236. FREIRE, Isa Maria. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual da inteligência coletiva. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 132-139, jul./dez. 2005. (2005-0000150)
237. FREITAS, Maria Cristina Vieira de. Estudo qualitativo de acervo e fundo de arquivo de instituição cultural, sob o paradigma que insere a arquivologia no contexto de uma Ciência da Informação. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 132-148, jan./jul. 2006. (2006-0000358)
238. FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006. (2006-0000194)
239. FROTA, Maria Guiomar da Cunha. A delimitação das unidades de análise em ciência da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 3, p. 262-267, set./dez. 1998. (1998-0000145)
240. FROTA, Maria Guiomar da Cunha; BARBOSA NETO, Pedro Alves. Mediação institucional e processo socioinformacional de monitoramento dos direitos da criança no sistema mundial. DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, p. 1-8, dez. 2010. (2010-0000291)
241. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Análise e síntese documentárias para compreensão de leitura de textos didáticos: uma proposta de aplicação do sistema de indexação PRECIS. Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 77-99, jan./jun. 1999. (1999-0000003)
242. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura do indexador: estudo de observação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 1999. (1999-0000040)

243. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Sistema de indexação PRECIS. I - PRECIS: Perspectiva histórica e técnica do seu desenvolvimento e aplicação (continua). Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 21-45, jan./jun. 1988. (1988-0000009)
244. FURNIVAL, Ariadne Chloë. A participação dos usuários no desenvolvimento de sistemas de informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 1996. (1996-0000061)
245. FURNIVAL, Ariadne Chloë; ABE, Veridiana. Comportamento de busca na internet: um estudo exploratório em salas comunitárias. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 156-173, 1º sem. 2008. (2008-0000251)
246. GABRIELI, Leandro; CORTIMIGLIA, Marcelo; RIBEIRO, José Luis. Modelagem e avaliação de um sistema modular para gerenciamento de informação na Web. Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 1, p. 35-53, jan./abr. 2007. (2007-0000352)
247. GALDO, Alessandra; VIERA, Angel Freddy Godoy; RODRIGUES, Rosângela Schwarz. Classificação Social da Informação na Web: Tecnologia, Informação e Gente. DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, p. 1-11, dez./09. (2009-0000366)
248. GALVÃO, Alexander Patêz. A informação como commodity: mensurando o setor de informações em uma nova economia. Ciência da Informação, Brasília, v. 28, n. 1, p. 67-71, jan./abr. 1999. (1999-0000167)
249. GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; BORGES, Paulo César Rodrigues. Ciência da informação: ciência recursiva no contexto da sociedade da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 3, p. 40-49, set./dez. 2000. (2000-0000080)
250. GÁLVEZ, Carmen. Aplicación de transductores de estado-finito a los procesos de unificación de términos. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 3, p. 67-74, set./dez. 2006. (2006-0000428)
251. GAMA, Miguel; VANDERKAST, Egbert. Tópicos de políticas de información en el entorno científico y técnico: México 1989 -1994. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 3, p. 75-88, set./dez. 2006. (2006-0000409)
252. GARCEZ, Eliane Maria Stuart; RADOS, Gregório Jean Varvakis. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 2, p. 44-51, maio/ago. 2002. (2002-0000107)
253. GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; TARGINO, Maria das Graças; NASCIMENTO, Josiclei Cruz do. Gestão da informação de alguns programas de pós-graduação. DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 11, n. 5, p. 1-14, out./2010. (2010-0000341)
254. GARCÍA, Maria Dolores Ayuso; PARRA, Antonio. Las tecnologías avanzadas de la información y la comunicación (TIC) y el nuevo paradigma temporal. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 2, p. 76-82, maio/ago. 2004. (2004-0000066)
255. GARCIA, Maria Lúcia Andrade. A Pesquisa em Biblioteconomia. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 7-11, mar. 1972. (1972-0000001)
256. GARCIA, Regis; FADEL, Bárbara. COMPORTAMENTO DECISÓRIO E COMUNICAÇÃO: da informação ao conhecimento. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 100-112, 2010. (2010-0000296)
257. GARCÍA-QUISMONDO, Miguel Ángel Marzal; CERVERÓ, Aurora Cuevas. Biblioteca escolar para la sociedad del conocimiento en España. Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 1, p. 54-68, jan./abr. 2007. (2007-0000383)
258. GARDINI, Marília Júnia de Almeida; FRANÇA, Ricardo Orlandi; LOPES, Sebastião de Oliveira; SOARES, Eduardo Fajardo. O Prédio da Escola de Biblioteconomia da UFMG: do planejamento à execução final. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 16-36, mar. 1990. (1990-0000065)
259. GARGANTINI, Marisa Bueno Mendes; MOREIRA, Sebastião Rogério G.; FORESTI, Sonia M. Silveira. Conceito de pesquisa: opinião de mestrandos e de pesquisadores de diferentes áreas de formação. Transinformação, Campinas, v. 8, n. 2, p. 131-142, maio/ago. 1996. (1996-0000039)

260. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 39, n. 1, p. 21-32, jan./abr. 2010. (2010-0000340)
261. GATO, Rubenise Farias; MATOS, Lucilda Maria Sousa de; KURIHARA, Maria Helena; DUTRA, Rosa Maria Melo; PEREIRA, Celia Maria Lopes; PEREIRA, Isanira Coutinho Vaz; COSTA, Silvio Leopoldo Lima. Gestão da informação na Embrapa Amazônia Oriental: uso relativo versus uso efetivo da literatura técnico-científica agropecuária periódica – 1990-1999. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 83-90, maio/ago. 2004. (2004-0000168)
262. GAVREL, Sue. Normas de tecnologia de informação: ferramentas para o arquivista. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 15-23, n. 1, p. 19-33, 1994. (1994-0000014)
263. GEDOZ, Sirlei Teresinha. República, clientelismo e autonomia local: o caso de Garibaldi. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 7, n. \$num, 1995. (1995-0000122)
264. GENIS, Genis, Andrea Díaz. La filosofía antigua como "terapéutica del alma", ¿antecedente del psicoanálisis?. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. esp., p. 81-100, jun.2010. (2010-0000042)
265. GIORDANI, Liliane Ferrari. Língua escrita: letras (im) prováveis na educação de jovens e adultos surdos. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 88-97, jun. 2006. (2006-0000296)
266. GIORGIS, Paula Caleffi. Indianismo e Etno-História. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 7, n. \$num, p. 89-93, 1995. (1995-0000082)
267. GLINSKI, Wieslaw. Um quase-tesouro inteligente para acessar sistemas de informação. *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 107-118, maio/ago. 1997. (1997-0000036)
268. GOLDHOR, Herbert. Pesquisa em Biblioteconomia "In Loco". *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 14-19, jan./jun. 1980. (1980-0000045)
269. GOLZIO, Derval Gomes. Mídia e preconceito. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 16-29, jan./jun. 2006. (2006-0000341)
270. Gomes Eirão, Thiago. Disseminação seletiva da informação: uma abordagem. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 20-29, jul./dez. 2009. (2009-0000265)
271. GOMES, Eliane Gonçalves; ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion. Índice de produção ponderado para bibliotecas: uma abordagem multicriterial. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 9-18, jan./abr. 2005. (2005-0000045)
272. GOMES, Fátima Rocha. A Bolsa de Valores brasileira como fonte de informações financeiras. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 189-202, jul./dez. 1997. (1997-0000033)
273. GOMES, Henriette Ferreira. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2000. (2000-0000096)
274. GOMES, Themis Ferreira; MARQUES, Alfredo. Seleção de periódicos científicos para a área da Física. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 105-146, 1974. (1974-0000004)
275. GONÇALVES, Marcio; FREIRE, Isa Maria. Processo de comunicação da informação em empresas de uma incubadora tecnológica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 16-26, maio/ago. 2007. (2007-0000324)
276. GONÇALVES, Marcos André; FOX, Edward A.. Technology and Research in a Global Networked University Digital Library (NUDL). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 13-23, set./dez. 2001. (2001-0000046)
277. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 55-67, jan./abr. 2004. (2004-0000052)
278. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. (2002-0000184)

279. GONZÁLEZ, Claudia Marcela. Análisis de citación y de redes sociales para el estudio del uso de revistas en centros de investigación. Un aporte al desarrollo de colecciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 46-55, maio/ago. 2009. (2009-0000071)
280. GONZALEZ, Rodrigo Valio Dominguez; MARTINS, Manoel Fernando; TOLEDO, José Carlos de. Gestão do conhecimento em uma estrutura organizacional em rede. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 57-73, jan./abr. 2009. (2009-0000033)
281. GONZALEZ, Maria Ángeles Cabrera; LOPEZ, Samuel Granados. el periodismo gráfico desde una perspectiva semiótica: información, interpretación y opinión en la representación estadística de la actualidad. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 45-77, jan./jun. 2010. (2010-0000067)
282. GONZÁLEZ-ALBO MANGLANO, Borja; ZULUETA GARCÍA, Maria Ángeles. Normativas sobre patentes en las universidades españolas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 69-78, jan./abr. 2007. (2007-0000403)
283. GOULART, Mauro Sérgio Boppré. Uso da informação empresarial no processo de decisão estratégica em empresas de base tecnológica-EBTS: o caso do Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas - CELTA. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2007. (2007-0000227)
284. GRACIOSO, Luciana de Souza. Disseminação de informações estatísticas no Brasil: práticas e políticas das agências estaduais de estatística. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 69-76, maio/ago. 2003. (2003-0000152)
285. GRANDI, Márcia Elisa Garcia de. Avaliação do Serviço Referência: Revisão. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 7-19, jan./jun. 1982. (1982-0000012)
286. GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos eletrônicos e a visibilidade da ciência na web: estudo de caso na UFRGS. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. (2007-0000248)
287. GUERREIRO, Ivone; ANDRADE, Maria Eugenia A.; PITTELLA, Monica C.; CRUZ, Vilma A. G. da. Utilização de métodos quantitativos na avaliação de coleção.. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 217-224, set. 1980. (1980-0000050)
288. GUIMARÃES, Antonio Cesar Ferreira. Um sistema difuso inteligente para avaliar informações de usuários na Internet. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 37-41, set./dez. 2002. (2002-0000039)
289. GUIMARÃES, Eliane Marina Palhares; ÉVORA, Yolanda Dora Martinez. Sistema de informação: instrumento para tomada de decisão no exercício da gerência. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 72-80, jan./abr. 2004. (2004-0000153)
290. GUIMARÃES, José Augusto Chaves; MILANI, Suellen Oliveira; PINHO, Fábio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (ORC): uma análise preliminar de valores e problemas a partir da literatura internacional da área. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 124-135, 1º sem. 2008. (2008-0000320)
291. GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fábio Assis; MILANI, Suellen Oliveira; FERNÁNDEZ-MOLINA, J. Carlos. Ética nas atividades informativas: aspectos teóricos. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 137-152, jan./jun. 2008. (2008-0000438)
292. GUIMARÃES, Maria Cristina Soares; LINS, Etienne Gonzalez; RODRIGUES, Jeorgina Gentil; LAMARÃO, Camila Clementino; SANTOS, Márcia Jabor; SILVA, Vânia Guerra da; SILVA, Diones Ramos da. Indicadores de desempenho de bibliotecas no campo da saúde: relato de estudo piloto na Fiocruz. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 84-96, jan./abr. 2007. (2007-0000279)
293. GURGEL, Clarisse Toscano de Araújo; MENDES, Alexandre Pinto Pinto. Negri leitor de Marx: trabalho imaterial e multidão. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 22-38, mar. 2010. (2010-0000114)
294. GUSMÃO, Heloisa Rios. Análise da literatura brasileira de siderurgia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 25-35, 1978. (1978-0000012)

295. GUTIÉRREZ MORALES, Luis W.. La gerencia de la informacion desafios y responsabilidades. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 18, n. 2, p. 229-238, jul./dez. 1990. (1990-0000128)
296. HABRAN, Jean. Mistral: Sistema de Recuperação Documentária. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 13, n. 1, p. 67-71, jan./jun. 1985. (1985-0000018)
297. HAGEN, Acácia Maria Maduro. Algumas considerações a partir do processo de padronização da descrição arquivística. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 3, p. 293-299, set./dez. 1998. (1998-0000065)
298. HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2008. (2008-0000358)
299. HEINEN, Juliano. As ações afirmativas como instrumento promotor da educação. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 3, n. \$num, p. 24-34, 1990. (1990-0000134)
300. HERNÁNDEZ SALAZAR, Patricia; IBÁÑEZ MARMOLEJO, Martha; VALDEZ ANGELES, Georgina Yuriko; VILCHES MALAGÓN, Cecilia. Análisis de modelos de comportamiento en la búsqueda de información. Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 1, p. 136-146, jan./abr. 2007. (2007-0000460)
301. HEYNEMAN, Claudia Beatriz; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. O Arquivo Nacional e os 500 anos dos descobrimentos dos portugueses. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 15-23, n. 1, p. 41-50, 1994. (1994-0000060)
302. HEYNEMANN, Cláudia Beatriz. A história e os arquivos: Anotações à margem dos documentos. Ponto de Acesso, Salvador, v. 3, n. 1, p. 60-71, abr. 2009. (2009-0000019)
303. HOFFMANN, Wanda Aparecida Machado; GREGOLIN, José Angelo Rodrigues; OPRIME, Pedro C.. A contribuição da inteligência competitiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: caso Jaú-SP. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 9, n. esp.(del), p. 27-46, 1º sem. 2004. (2004-0000031)
304. HOHFELDT, Antonio. Estética e conteúdo da violência. Revista de Biblioteconomia & Comunicação, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 95-101, 1987. (1987-0000045)
305. INOJOSA, Rose Marie. A memória atuante: instrumento de ação social. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 5-9, maio/ago. 1981. (1981-0000075)
306. JANNUZZI, Anna Haydée Lanzillotti; AMORIM, Rita de Cássia Rocha; SOUZA, Cristina Gomes de. Implicações da categorização e indexação na recuperação da informação tecnológica contida em documentos de patentes. Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 2, p. 27-34, maio/ago. 2007. (2007-0000514)
307. JARDIM, José Maria. Governo eletrônico no Brasil: o Portal Rede Governo. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 28-37, jan./jun. 2007. (2007-0000418)
308. JARDIM, José Maria. Os arquivos nos projetos do Mercosul: estado da questão e perspectivas. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 46-53, jul./dez. 2005. (2005-0000273)
309. JARDIM, José Maria. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 3, p. 1-10, set./dez. 1998. (1998-0000113)
310. JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila Kahl. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 1995. (1995-0000075)
311. JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite; NHARRELUGA, Rafael Simone. Análise de Políticas Públicas: uma abordagem em direção às políticas públicas de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 02-22, jan./abr. 2009. (2009-0000090)
312. KERN, Arno Alvarez. O Povoamento do Rio da Prata Oriental: antecedentes indígenas. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 5, n. \$num, 1993. (1993-0000050)

313. KIELGASTE, Soeren; HUBBARD, Bruce A.. Valor agregado à informação: da teoria à prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 1-6, set./dez. 1997. (1997-0000082)
314. KNYCHALA, Catarina Helena; SANTOS, Denise Curcio dos; HIPÓLITO, Jacqueline Côrtes. Os jornais como fonte alternativa para a bibliografia brasileira corrente: de um exercício acadêmico a uma proposta real. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 39-50, jan./jun. 1989. (1989-0000023)
315. KOFNOVEC, L.. Funções das linguagens de indexação e recuperação da informação nos sistemas nacionais e internacionais de Informação Científica e Técnica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 43-50, 1978. (1978-0000032)
316. KRZYZANOWSKI, Rosaly Favero; KRIEGER, Eduardo Moacyr; DUARTE, Francisco A. de Moura. Programa de apoio às revistas científicas para a Fapesp. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 137-150, jul./dez. 1991. (1991-0000039)
317. KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio/ago. 2006. (2006-0000260)
318. LANCASTER, Frederick Wilfrid. Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 109-117, 1975. (1975-0000022)
319. LANCASTER, Frederick Wilfrid. The information services librarian. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 5, n. 1 e 2, p. 7-15, 1976. (1976-0000026)
320. LANDINI, Sonia Regina. Professor e seu trabalho: cotidiano e conhecimento escolar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 18-34, dez. 2009. (2009-0000401)
321. LANNA, Rosa Maria de Sousa; BADKE, Todêska. Associações de Bibliotecários: Um Estudo Comparativo. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 18, n. 3/4, p. 83-98, jul./dez. 1985. (1985-0000076)
322. LARA, Marilda Lopes Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004. (2004-0000054)
323. LAUNO, Ritva. Perspectivas da informação tecnológica/industrial. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 162-165, maio/ago. 1993. (1993-0000019)
324. LAZARTE, Leonardo. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 43-51, maio/ago. 2000. (2000-0000148)
325. LE COADIC, Yves François. Mathématique et statistique en science de l'information et en science de la communication. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 3, p. 15-22, set./dez. 2005. (2005-0000078)
326. LEAL, João Euripedes Gualandi Franklin. Aspectos fundamentais da escrita gótica. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 15-23, n. 1, p. 58-67, 1994. (1994-0000069)
327. LEHMKUHL, Giuvania Terezinha; VEIGA, Carla Rosana da; RADOS, Gregório Jean Varvakis. A tecnologia de informação como ferramenta de auxílio à gestão da informação e do conhecimento: um estudo de caso do prc - programa de repasse do conhecimento no setor elétrico. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 19-29, 2008. (2008-0000083)
328. LEITÃO, Dorodame Moura. O conhecimento tecnológico e sua importância. Possibilidades de sua transferência internacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 33-44, 1981. (1981-0000013)
329. LEITE, Fernando César Lima. Comunicação científica e gestão do conhecimento: enlaces conceituais para a fundamentação da gestão do conhecimento científico no contexto de universidades. *Transinformação*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 139-151, maio/ago. 2007. (2007-0000250)
330. LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 92-107, jan./abr. 2007. (2007-0000353)

331. LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. A transferência de informação entre o Norte e o Sul: utopia ou realidade?. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 61-74, mar. 1983. (1983-0000031)
332. LEMOS, Cristina Ribeiro. Redes locais de informação para a inovação face a globalização. Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1/2, p. 104-119, 1997. (1997-0000119)
333. LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; ROMAN, Darlan José; RÉGIS, Francine Barcellos; DITTRICH, Maireli. A cultura de colaboração e inovação dos desenvolvedores de software livre. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 101-114, mar. 2010. (2010-0000173)
334. LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2003. (2003-0000097)
335. Lopes, Ana Suely Pinho. A Gestão Documental nas entidades nacionais do Sistema Indústria: desafios e soluções encontradas. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2008. (2008-0000130)
336. LOPES, Elaine Cristina; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Mediação da informação no âmbito do mercado de capitais. Informação & Informação, Londrina, v. 13, n. 0, p. 87-106, 2008. (2008-0000428)
337. LOPES, Ilza Leite. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, maio/ago. 2002. (2002-0000043)
338. LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2003. (2003-0000059)
339. LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 2, p. 97-105, maio/ago. 2004. (2004-0000042)
340. LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Considerações sobre o 'espaço do saber' e a sobrevivência do museu a partir de Pierre Levy. Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 78-86, jul./dez. 1999. (1999-0000196)
341. LUCENA FILHO, Gentil José de; VILLEGAS, Margarita Maria Morales; OLIVEIRA, Sheila da Costa. Histórias de aprendizagem e gestão organizacional: uma abordagem ontológica e hermenêutica. Ciência da Informação, Brasília, v. 37, n. 2, p. 43-57, maio/ago. 2008. (2008-0000455)
342. MACEDO, Neusa Dias de; SIQUEIRA, Idméa Semeghini Próspero. Subsídios para a caracterização da biblioteca escolar. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 67-69, 1987. (1987-0000077)
343. MACEDO-ROUET, Mônica. Legibilidade de revistas eletrônicas de divulgação científica. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 3, p. 103-112, set./dez. 2003. (2003-0000116)
344. MACHADO, Arlindo. Publicações científicas: Da Galáxia de Gutenberg à Aldeia Telemática. Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 70-80, jan./jun. 1996. (1996-0000127)
345. MACHADO, Carlos José Saldanha. A descoberta científica para alguns autores clássicos do século XX. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, fev. 2009. (2009-0000014)
346. MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. (2009-0000128)
347. MACIEL, Marco. O papel da moderna biblioteconomia. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 13, n. 1, p. 9-13, jan./jun. 1985. (1985-0000072)
348. MARCHIORI, Patrícia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI: graduação. Informação & Informação, Londrina, v. 1, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 1996. (1996-0000124)
349. MARCIAL, Noel Angulo. Relación entre competencia en información e innovación educativa. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 4-14, jul./dez. 2008. (2008-0000010)

350. MARCIANO, João Luiz Pereira; LIMA-MARQUES, Mamede. O enfoque social da segurança da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 89-98, set./dez. 2006. (2006-0000458)
351. MARCONDES, Carlos Henrique. Informação arquivística, estrutura e representação computacional. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 17-31, jul./dez. 1998. (1998-0000064)
352. MARCONDES, Carlos Henrique. Linguagem e Documento: fundamentos evolutivos e culturais da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 2-21, maio/ago. 2010. (2010-0000264)
353. MARCONDES, Carlos Henrique; FERNANDES, Carlos Cesar; MEDEIROS, Lígia Polycarpo M.; SAYÃO, Luís Fernando. Avaliação dos processos de automação em bibliotecas universitárias. *Transinformação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 233-254, maio/ago. 1989. (1989-0000044)
354. MARCONDES, Carlos Henrique; SAYÃO, Luís Fernando. Documentos digitais e novas formas de cooperação entre sistemas de informação em c&t. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 42-54, set./dez. 2002. (2002-0000075)
355. MARCONDES, Carlos Henrique; SAYÃO, Luís Fernando. Integração e interoperabilidade no acesso a recursos informacionais eletrônicos em C&T: a proposta da Biblioteca Digital Brasileira. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 24-33, set./dez. 2001. (2001-0000033)
356. MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. Preservação de documentos digitais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 15-27, maio/ago. 2004. (2004-0000094)
357. MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. Serviços de referência virtual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2001. (2001-0000127)
358. MARINHO JÚNIOR, Inaldo Barbosa; SILVA, Junia Guimarães. Arquivos e informação: uma parceria promissora. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15-32, jan./jun. 1998. (1998-0000048)
359. MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. (2001-0000085)
360. MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004. (2004-0000104)
361. MARTI, Yohannis; ALMEIDA, Rosa Lidia Vega. Sociedad de la información: Los mecanismos reguladores en el contexto de una sociedad emergente. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 37-44, jan./abr. 2005. (2005-0000109)
362. MARTIN-LAHERA, Yohannis. ¿Teoría o metateoría? En el dominio usuario. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 50-60, set./dez. 2004. (2004-0000146)
363. MARTINS, Eduardo Vieira. O contexto político e o discurso da ciência da informação no Brasil: uma análise a partir do IBICT. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 91-100, jan./abr. 2004. (2004-0000024)
364. MARTINS, Ives Gandra da Silva; MARTINS, Rogério Vidal Gandra da Silva. Privacidade na comunicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2001. (2001-0000038)
365. MARTINS, Neire do Rossio; OLIVEIRA, Rozineide Aparecida de. Sistema Eletrônico de Gestão Arquivística de Documentos: a experiência da UNICAMP com processos. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 103-119, ago./dez. 2006. (2006-0000191)
366. MARTINS, Rilda Antônia Chacon; PEREIRA, Renata Rocha Leal M.. Recursos hídricos do Vale do Assú e região salinizada de Macau: programa de desenvolvimento da coleção Vale do Assú. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 340-345, 1999. (1999-0000014)
367. MASIERO, Paulo Cesar; BREMER, Carlos Frederico; COLETTA, Teresinha das Graças; LIRANI, Maria de Lourdes Rebucci; KONDO, Rogério Toshiaki; ARAGÃO, Antonio C.; MOSCONI, Elaine Paiva; SALEM, Aziz

- Donizzetti Cavalheiro. A biblioteca digital de teses e dissertações da Universidade de São Paulo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 34-41, set./dez. 2001. (2001-0000217)
368. MASSON, Sílvia Mendes. A Arquivística sob o prisma de uma Ciência da Informação. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 85-103, jan./jul. 2006. (2006-0000272)
369. MATTOS, Ana Maria; DIAS, Eduardo Wense. Periódicos eletrônicos sobre administração disponíveis no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: uma avaliação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 39, n. 1, p. 51-66, jan./abr. 2010. (2010-0000261)
370. MATTOS, Ana Maria; FRAGA, Tânia Marisa de Abreu. Using citation analysis for evaluate books collection in an academic library. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 15, n. 29, 2010. (2010-0000428)
371. MATTOS, Fernando Augusto Mansor de; CHAGAS, Gleison José do Nascimento. Desafios para a inclusão digital no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 67-94, jan./abr. 2008. (2008-0000208)
372. MAYRINK, Paulo Tarcísio; MORANDIN, Rosana Helena; VANALLI, Tereza Raquel. Avaliação de coleções da FDE em bibliotecas de escolas da região de Marília. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p. 49-59, jul./dez. 1992. (1992-0000019)
373. MAZZONI, Alberto Angel; TORRES, Elisabeth Fátima; OLIVEIRA, Rubia de; ELY, Vera Helena Moro Bins; ALVES, João Bosco da Mota. Aspectos que interferem na construção da acessibilidade em bibliotecas universitárias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 29-34, maio/ago. 2001. (2001-0000032)
374. MCCARTHY, Cavan Michael. Direções no ensino de automação em bibliotecas: a definição de estratégias para uma época de mudança. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, v. 10, n. 1, p. 115-133, dez. 1988. (1988-0000044)
375. MEDEIROS, Helena; LIMA, Maria João Pires de; FIDALGO, Maria José; PENTEADO, Pedro; GOMES, Zélia. Gerir documentos em Portugal: como e para quê?. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 81-95, jul./dez. 1998. (1998-0000106)
376. MELO, Maristela Capanema Ferreira e. A informação tecnológica no setor metalúrgico de Minas Gerais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 65-76, jan./jun. 1997. (1997-0000032)
377. MENDES, Raquel Dias. Inteligência artificial: sistemas especialistas no gerenciamento da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 39-45, jan./abr. 1997. (1997-0000067)
378. MENDONÇA, Ercília. O conceito do Círculo de Roqueplo sob a ótica de Japiassu para a interdisciplinaridade da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 2008. (2008-0000436)
379. MENDONÇA, Ercília Severina. A lingüística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez. 2000. (2000-0000093)
380. MENDONÇA, Ercília Severina. Pesquisa disciplinar do corpus documental de teses de doutorado IBICT/UFRJ: princípios e categorias para estudo interdisciplinar da ciência da informação no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, p. 58-69, maio/ago. 2008. (2008-0000361)
381. MERLINO-SANTESTEBAN, Cristian. Análisis de conectividad en la recuperación de información web. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 113-119, set./dez. 2003. (2003-0000129)
382. MIKI, Hiroyuki. Micro- isis: uma ferramenta para o gerenciamento de bases de dados bibliográficas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 1989. (1989-0000120)
383. MIRAGLIA, Simone Georges El Khouri. Arquivos abertos e instrumentos de gestão da qualidade como recursos para a disseminação da informação científica em segurança e saúde no trabalho. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 80-95, set./dez. 2009. (2009-0000141)
384. MIRANDA NETO, Antonio Garcia de. Arquivologia e cibernética. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 8-11, abr. 1973. (1973-0000051)

385. MIRANDA, A. L. C.. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. (2000-0000019)
386. MIRANDA, A. L. C.; SIMEÃO, Elmira; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Autoria coletiva, autoria ontológica e intertextualidade: aspectos conceituais e tecnológicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2007. (2007-0000184)
387. MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. (1996-0000063)
388. MIRANDA, Silvânia Vieira. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. (2006-0000195)
389. MONGE, Fernando. Los usuarios de la información agrícola. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 79-85, 1977. (1977-0000036)
390. MONTE-MÓR, Jannice. Reforma da Biblioteca Nacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 15-23, 1972. (1972-0000013)
391. MONTEIRO, Nabor Alves; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Necessidades informacionais e aprendizagem no ciclo de vida de um projeto. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2007. (2007-0000515)
392. MONTEIRO, Silvana Drumond. A forma eletrônica do hipertexto. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 25-39, jan./abr. 2000. (2000-0000095)
393. MONTEIRO, Silvana Drumond. Aspectos filosóficos do virtual e as obras simbólicas no ciberespaço. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 108-116, jan./abr. 2004. (2004-0000050)
394. MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, p. 00, dez. 2008. (2008-0000416)
395. MORAES, Cássia R. B. de; FADEL, Bárbara. Cultura organizacional em cenários de mudança. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, fev. 2007. (2007-0000225)
396. MORAES, Giseli Diniz de Almeida; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. A gestão da informação diante das especificidades das pequenas empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 124-132, set./dez. 2006. (2006-0000474)
397. MORALES GARCÍA, Ana María; CARIDAD SEBASTIÁN, Mercedes; GARCÍA LÓPEZ, Fátima. Impacto social e idoneidad de los servicios de los telecentros españoles en la Sociedad de la Información: metodología de evaluación a partir de indicadores y método de análisis multivariable. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, p. 70-86, maio/ago. 2008. (2008-0000373)
398. MOREIRA, Luciano Accioly Lemos. A pesquisa em educação no Brasil: uma crítica a fragmentação do conhecimento. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 1-17, dez. 2009. (2009-0000348)
399. MOREIRA, Vivian Lemes; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O funcionamento discursivo das nuvens de tags na rede eletrônica: sentidos sobre Capitolina. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, p. 1-17, dez./09. (2009-0000404)
400. MOREIRA, Wálter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 57-63, jan./abr. 2005. (2005-0000082)
401. MOREIRO-GONZÁLEZ, José Antonio; MELO, Denise Gomes Pereira de; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; DUARTE, Emeide Nóbrega; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MELO, Maria de Lourdes de Arruda; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Avaliação de repertórios brasileiros em agricultura, ciência da informação e direito: uma análise de conteúdo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 284-292, set./dez. 1998. (1998-0000050)

402. MOREL, Regina Lúcia de Moraes; MOREL, Carlos Médicis. Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do Institute for Scientific Information (ISI). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 99-109, 1977. (1977-0000104)
403. MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Delineando o valor do sistema de informação de uma organização. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2000. (2000-0000249)
404. MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Inteligência organizacional: um referencial integrado. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 35-46, maio/ago. 2001. (2001-0000048)
405. MORIGI, Valdir José; PAVAN, Cleusa. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2004. (2004-0000227)
406. MORIGI, Valdir José; VEIGA, Alexandre. Esfera pública informacional: os arquivos na construção da cidadania. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 31-39, maio/ago. 2007. (2007-0000315)
407. MORIN, Marie-France. Gestion de sistemas de información. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 29-34, 1977. (1977-0000014)
408. MOSTAFA, Solange Puntel. Interação dos atores no ambiente aprendiz: o caso da saúde. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 133-140, set./dez. 2006. (2006-0000410)
409. MOSTAFA, Solange Puntel; LIMA, Ademir Benedito Alves de; MURGUIA MARAÑON, Eduardo Ismael. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 216-222, set./dez. 1992. (1992-0000015)
410. MOSTAFA, Solange Puntel; MÁXIMO, Luis Fernando. A produção científica da Anped e da Intercom no GT da Educação e Comunicação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 96-101, jan./abr. 2003. (2003-0000100)
411. MOTA, Teresa Lenice Nogueira da Gama. Interação universidade-empresa na sociedade do conhecimento: reflexões e realidade. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 79-86, jan./abr. 1999. (1999-0000069)
412. MOURA, Maria Aparecida. Informação e conhecimento em redes virtuais de cooperação científica: necessidades, ferramentas e usos. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr. 2009. (2009-0000017)
413. MOURA, Sérgio Arruda de. Machado de Assis: cronista e editorialista. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 126-135, 1990. (1990-0000024)
414. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. (2006-0000246)
415. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métricas para a ciência e tecnologia e o financiamento da pesquisa: algumas reflexões. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 13, n. esp., p. 24-35, 1º sem. 2008. (2008-0000379)
416. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 157-165, jul./dez. 1984. (1984-0000024)
417. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PECEGUEIRO, Cláudia Maria Pinho de Abreu. O periódico *Ciência da Informação* na década de 90: um retrato da área refletido em seus artigos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 47-63, maio/ago. 2001. (2001-0000072)
418. MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 123-131, maio/ago. 2004. (2004-0000067)
419. MÜLLER, Rogério. Biblioteconomia: obsolescência etimológica?. *Informação & Informação*, Londrina, v. 0, n. 0, p. 36-41, jul./dez. 1995. (1995-0000001)

420. NADAES, Adriana Duarte; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Monitoração ambiental no setor de biotecnologia: comportamento de busca e uso de informação em empresas de micro e pequeno portes de Minas Gerais. *Transinformação*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 99-112, jan./abr. 2008. (2008-0000193)
421. NARUKAWA, Cristina Miyuki; GIL LEIVA, Isidoro; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Indexação automatizada de artigos de periódicos científicos: análise da aplicação do software SISA com uso da terminologia DeCS na área de Odontologia. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 99-118, maio/ago. 2008. (2009-0000227)
422. NASCIMENTO, Maiara de Arruda; FLORES, Daniel. A gestão da Informação Arquivística como subsídio ao alcance e à manutenção da Qualidade. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 62-77, jul./dez. 2007. (2007-0000299)
423. NASCIMENTO, Maria de Jesus. Producción científica brasileña en España: documentación de las tesis doctorales. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 3-13, jan./abr. 2000. (2000-0000127)
424. NASCIMENTO, Maria de Jesus; BOSO, Augisa Karla. Presença e visibilidade da literatura hispanófono em quatro revistas brasileiras de biblioteconomia, documentação e ciência da informação: análise de citação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 29-38, set./dez. 2007. (2007-0000213)
425. NASCIMENTO, Raimundo Benedito do; TROMPIERI, Nicolino Filho. Correio eletrônico como recurso didático no ensino superior - o caso da Universidade Federal do Ceará. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 86-97, maio/ago. 2002. (2002-0000030)
426. NAYLOR, Leda de Ticiano Walker. *Arquivo Médico*. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 4-5, out. 1972. (1972-0000031)
427. NEGRÃO, May Brooking. A evolução do Departamento de Bibliotecas Públicas, 1907 - 1978. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 186-209, jul./dez. 1979. (1979-0000072)
428. NEGREIROS, Leandro R.. Uma compreensão dos fundos arquivísticos sob o enfoque da análise de domínio. *Informação & Informação*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 79-95, jul./dez. 2008. (2008-0000034)
429. NEGREIROS, Leandro R.; DIAS, Eduardo José Wense. Automação de arquivos no Brasil: os discursos e seus momentos. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 38-53, jan./jun. 2007. (2007-0000432)
430. NEHMY, Rosa Maria Quadros; ACOSTA, Jarbas Greque; OLIVEIRA, Israel; FALCI, Carlos Henrique Rezende. A ciência da informação como disciplina científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996. (1996-0000072)
431. NEVES, Dulce Amélia de Brito. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 39-44, jan./abr. 2006. (2006-0000270)
432. NEVES, Dulce Amélia de Brito; DIAS, Eduardo José Wense; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 141-152, set./dez. 2006. (2006-0000196)
433. NOCETTI, Milton A.. *Comutação Bibliográfica*. *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 133-147, 1982. (1982-0000076)
434. NOCETTI, Milton A.. Estudo e educação de usuários da informação agrícola: revisão de literatura. *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 93-112, 1983. (1983-0000101)
435. NOCETTI, Milton A.. Recuperação automática da informação: pesquisas bibliográficas retrospectivas para o setor agrícola. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 209-215, jul./dez. 1980. (1980-0000046)
436. NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. A realidade da biblioteca pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 205-212, set. 1983. (1983-0000007)
437. NORONHA, Daisy Pires; CUENCA, Angela Maria Belloni. Disseminação seletiva da informação para alunos de pós-graduação: doze anos de experiência em uma biblioteca acadêmica na área de saúde pública. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p. 29-39, jul./dez. 1992. (1992-0000045)

438. NORONHA, Daisy Pires; QUEIROZ, Fernanda Mendes. Temática das dissertações e teses em ciência da informação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 132-142, maio/ago. 2004. (2004-0000014)
439. NOVA, Vera Casa. Biblioteca: uma leitura semiológica. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 130-137, mar. 1990. (1990-0000041)
440. NOVO, Hildenise Ferreira. A TAXONOMIA ENQUANTO ESTRUTURA CLASSIFICATÓRIA: UMA APLICAÇÃO EM DOMÍNIO DE CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 131-156, ago./set. 2010. (2010-0000208)
441. OASHI, Cristiana Dan. A tecnologia do CD-ROM e suas aplicações em bibliotecas: revisão da literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 25, n. 1/2, p. 80-112, jan./jun. 1992. (1992-0000033)
442. OBERHOFER, Cecília Alves. Conceitos e princípios para avaliação de sistemas de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 45-51, 1983. (1983-0000064)
443. OCTAVIANO, Véra Lúcia de Campos. Avaliação da terminologia utilizada em instrumentação agropecuária. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 1-10, set./dez. 1995. (1995-0000078)
444. ODDONE, Nanci E.. Revisitando a "epistemologia social": esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 108-123, jan./abr. 2007. (2007-0000099)
445. OLETO, Ronaldo Ronan. Percepção da qualidade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 57-62, jan./abr. 2006. (2006-0000313)
446. OLIVA, Terezinha Alves de. Sergipe em tempo de arquivo. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-23, abr. 1973. (1973-0000055)
447. OLIVEIRA, Elvia de Andrade. Automação dos índices das tabelas de Classificação Decimal Universal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 139-168, 1973. (1973-0000028)
448. OLIVEIRA, Érica Beatriz Pinto Moreschi de. Produção científica nacional na área de geociências: análise de critérios de editoração, difusão e indexação em bases de dados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 34-42, maio/ago. 2005. (2005-0000118)
449. OLIVEIRA, Érica Beatriz Pinto Moreschi de. Uso de periódicos científicos eletrônicos por docentes e pós-graduandos do Instituto de Geociências da USP. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 59-66, set./dez. 2007. (2007-0000296)
450. OLIVEIRA, Lisbeth. Fotografia documental e início do fotojornalismo. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 63-77, jan./jun. 1999. (1999-0000152)
451. OLIVEIRA, Maria das Graças Comarú de; ARAÚJO, Rosa Maria Cardoso Soares de. Sistemas de Informações Seletivas Especializadas (INFO-SEL&S). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 49-57, jan./jun. 1985. (1985-0000060)
452. Oliveira, Maria Suzie. Arquivo Público de Alagoas: resgate patrimonial. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 35-61, jan./jun. 2008. (2008-0000117)
453. OLIVEIRA, Marlene de. Canais formais de comunicação do conhecimento antropológico produzido no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 368-374, set./dez. 1996. (1996-0000116)
454. OLIVEIRA, Marlene de; BECKER, Grace Vieira; PEDRON, Cristiane Drebes; DALL'IGNA, Felipe. Espiral do conhecimento em frameworks de gestão do conhecimento: o caso de duas organizações em Portugal. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 155-175, set./dez. 2010. (2010-0000262)
455. OLIVEIRA, Paulo; LACERDA, Juarez Marques. Habilidades e competências desejáveis aos profissionais de inteligência competitiva no atual contexto competitivo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 46-53, maio/ago. 2007. (2007-0000212)

456. OLIVEIRA, Silas Marques de. Análise Bibliométrica de Dispersão de Artigos sobre Macadâmia. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 3/4, p. 70-78, jul./dez. 1982. (1982-0000042)
457. OLIVEIRA, Tereza da Silva Freitas. A Biblioteca Escolar no Regimento Comum das Escolas de 1º e 2º Grau do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 231-238, jul./dez. 1979. (1979-0000016)
458. OLIVEIRA, Walter Clayton de. A dinâmica criativa do conhecimento: palavra, imagem e espaços virtuais. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 6, dez. 2006. (2006-0000006)
459. ORTIZ, Lúcia Cunha; ORTIZ, Wilson Aires; SILVA, Sergio Luis da. Ferramentas alternativas para monitoramento e mapeamento automatizado do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 66-76, set./dez. 2002. (2002-0000038)
460. OTTONI, Heloisa Maria; SILVA, Inez Leite Gonçalves da. O posicionamento para a informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 166-170, maio/ago. 1996. (1996-0000049)
461. PACHECO, Roberto Carlos dos Santos; KERN, Vinícius Medina. Transparência e gestão do conhecimento por meio de um banco de teses e dissertações: a experiência do PPGE/UFSC. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 64-72, set./dez. 2001. (2001-0000087)
462. PAES, Marilena Leite. A formação dos profissionais de arquivo. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 3-5, jan./abr. 1981. (1981-0000066)
463. PAGNOCCA, Ana Maria Penha Mena; BARROS, Celia Baldissera de. Avaliação da produção documental do município de Rio Claro. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 24-46, jul./dez. 1986. (1986-0000080)
464. PAIM, Isis. O ensino da bibliografia especializada. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 233-249, set. 1983. (1983-0000036)
465. PAIM, Isis; NEHMY, Rosa Maria Quadros. Questões sobre a avaliação da informação: uma abordagem inspirada em Giddens. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 81-95, jul./dez. 1998. (1998-0000010)
466. PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo. Estudo de dois métodos de recuperação de material bibliográfico infestado por atividade larval. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 145-155, jul./dez. 1988. (1988-0000037)
467. PAULA, Sonia Nascimento de; CARVALHO, José Oscar Fontanini de. Acessibilidade à informação: proposta de uma disciplina para cursos de graduação na área de biblioteconomia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 64-79, set./dez. 2009. (2009-0000461)
468. PAVANI, Ana M. B.. A model of multilingual digital library. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 73-81, set./dez. 2001. (2001-0000058)
469. PEREIRA, Edmeire Cristina; CONCEICAO, Ronald Jesus da; NUNES, Blas Enrique Caballero. A metodologia do marco lógico e a gestão da informação: um estudo de caso para Tunas-PR. *Transinformação*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 63-75, jan./abr. 2009. (2009-0000074)
470. PEREIRA, Fábio Henrique. A crise política brasileira nas páginas do Humanité: das denúncias de corrupção à traição dos ideais socialistas. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 70-79, jan./jun. 2006. (2006-0000401)
471. PEREIRA, Fernando Moreira da Silva Martins; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Sistema de impressão para bases bibliográficas: características desejáveis. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 127-134, jul./dez. 1990. (1990-0000075)
472. PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 1995. (1995-0000025)

473. PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Projetos de colonização na cidade do Rio Grande (1880-1895). BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 8, n. \$num, p. 109-116, 1996. (1996-0000161)
474. PEREIRA, Roberto Souto. Arquivo de filmes: preparado para a automação e criação de uma base de dados nacional. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 47-61, jul./dez. 1986. (1986-0000052)
475. PIEROZZI JÚNIOR, Ivo; GOMES, Eliane Gonçalves; ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion; CARVALHO, Carlos Alberto de. Análise de dinâmica de uso e de desempenho: o caso do web site da Embrapa Monitoramento por Satélite. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 102-114, jan./abr. 2003. (2003-0000089)
476. PINHEIRO, Marisa Gurjão. Informação para a indústria. Ciência da Informação, Brasília, v. 20, n. 1, p. 16-19, jan./jun. 1991. (1991-0000005)
477. PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Mediações híbridas para uma gestão da informação compartilhada. Informação & Informação, Londrina, v. 13, n. 0, p. 39-51, 2008. (2008-0000377)
478. PINTO, Adilson Luiz; EFRAIN-GARCIA, Preiddy; RODRÍGUEZ BARQUÍN, Beatriz Ainhize; MOREIRO-GONZÁLEZ, José Antonio. INDICADORES CIENTÍFICOS NA LITERATURA EM BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS. Brazilian Journal of Information Science, Marília, v. 1, n. 1, p. 58-76, jan./jun. 2007. (2007-0000342)
479. PINTO, Adilson Luiz; RODRÍGUEZ BARQUÍN, Beatriz Ainhize; MOREIRO-GONZÁLEZ, José Antonio. Análisis de citación de la revista Ciência da Informação del Ibict. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 3, p. 153-165, set./dez. 2006. (2006-0000429)
480. PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. Catálogos & Bibliografias: evolução histórica do trabalho de controle bibliográfico. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 143-158, set. 1987. (1987-0000055)
481. PINTO, Virgínia Bentes. Informação: a chave para a qualidade total. Ciência da Informação, Brasília, v. 22, n. 2, p. 133-137, maio/ago. 1993. (1993-0000084)
482. PITELLA, Mônica Cardoso. Análise de citação dos periódicos Brasileiros de Biblioteconomia 1972-1982. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 191-217, jul./dez. 1991. (1991-0000037)
483. POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Artigos científicos e Transinformação: pré-requisitos para publicação. Transinformação, Campinas, v. 1, n. 1, p. 51-64, jan./abr. 1989. (1989-0000055)
484. POBLACIÓN, Dinah Aguiar; ANDRADE, Diva Carraro de; PIOCHI, Fernanda Imparato; QUEMEL, Maria Angélica Rodrigues; PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo; ANDRADE, Maria Teresinha Dias de; APPY, Rosmarie. Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo: Roteiro para um Diagnóstico. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 10, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 1982. (1982-0000031)
485. PONTES, Cecília Carmen Cunha. Gerenciamento estratégico de informação nas empresas industriais do setor de telecomunicações no Brasil. Ciência da Informação, Brasília, v. 28, n. 1, p. 20-27, jan./abr. 1999. (1999-0000070)
486. PONTUAL, Miraci de Arruda Camara. Inovação e transferência tecnológica na área de informática em institutos governamentais de P&D. Ciência da Informação, Brasília, v. 23, n. 2, p. 206-216, maio/ago. 1994. (1994-0000062)
487. PRICE, Derek de Solla; GÜRSEY, Suha. Studies in Scientometrics I: transience and continuance in scientific authorship. Ciência da Informação, Brasília, v. 4, n. 1, p. 27-40, 1975. (1975-0000011)
488. QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. Os registros paroquiais do Rio Grande: levantamento, exploração e análise: 1737-1850. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 6, n. \$num, p. 133-156, 1994. (1994-0000072)
489. QUEIROZ, Suzy de Souza. Bibliografia brasileira de botânica, 1971-1972: Estudo Bibliométrico. Ciência da Informação, Brasília, v. 4, n. 1, p. 55-66, 1975. (1975-0000025)

490. QUONIAM, Luc; TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de; ALVARES, Lillian. Inteligência obtida pela aplicação de data mining em base de teses francesas sobre o Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 20-28, maio/ago. 2001. (2001-0000056)
491. RAABE, André Luís Alice; POHLMANN FILHO, Omer. Estudo comparativo entre sistemáticas de digitalização de documentos: formatos HTML e PDF. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 300-310, set./dez. 1998. (1998-0000149)
492. RABELLO, Odília Clark Peres. Da biblioteca pública a biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 19-42, mar. 1987. (1987-0000027)
493. RABELLO, Odília Clark Peres. O leitor e o não leitor. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 146-155, set. 1979. (1979-0000044)
494. RAMALHO, Francisca Arruda. O uso das novas tecnologias em bibliotecas e serviços de informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 37-41, 1993. (1993-0000027)
495. RAMOS, Clériston Ribeiro; MUNHOZ, Deise Parula; MUNHOZ, Andreia Parula; WYSE, Thiago Lopes da Silva; PIÑEIRO, Helena Maria da Silva. Educação e informação na sociedade do conhecimento no século XXI: algumas considerações acerca dos mediadores da informação. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 17-22, 2010. (2010-0000240)
496. RAMOS, Hélia de Sousa Chaves; BRÄSCHER, Marisa. Aplicação da descoberta de conhecimento em textos para apoio à construção de indicadores infométricos para a área de C&T. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 56-68, maio/ago. 2009. (2009-0000021)
497. RAMOS, Paulo A. Baltazar. A gestão na organização de unidades de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 15-25, jan./abr. 1996. (1996-0000078)
498. RECH, Carlos Ernesto. Automação de serviços em bibliotecas. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 1, n. \$num, p. 39-68, 1985. (1985-0000082)
499. RECUERO, Raquel. Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de caso dos fotologs brasileiros. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-83, mar. 2008. (2008-0000248)
500. RENDÓN-RÓJAS, Miguel Angel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005. (2005-0000156)
501. REZENDE, Ana Paula de; MACHADO, Valéria Maria. Centro de informação jurídica eletrônico e virtual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2000. (2000-0000158)
502. REZENDE, Yara. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 120-128, maio/ago. 2002. (2002-0000133)
503. RIBEIRO, Ernani Valter; CASTRO, Astréa de Moraes e. A edição de texto histórico. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 11-13, dez. 1974. (1974-0000039)
504. RIBEIRO, Gustavo Lins. Ambientalismo e desenvolvimento sustentado: ideologia e utopia no final do século XX. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 23-31, jan./abr. 1992. (1992-0000065)
505. ROBREDO, Jaime. Indexação automática de textos: uma abordagem otimizada e simples. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 130-136, jul./dez. 1991. (1991-0000029)
506. ROBREDO, Jaime. Considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia da informação no Brasil. II - O perfil dos novos profissionais da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 22, n. 3/4, p. 13-31, jul./dez. 1989. (1989-0000075)
507. ROBREDO, Jaime. Uma experiência de aplicação do computador no ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 1984. (1984-0000010)

508. ROBREDO, Jaime; BOTELHO, Tânia Mara Guedes; CUNHA, Murilo Bastos da. Problemas de implantação de serviços de informação em países em desenvolvimento. *Transinformação*, Campinas, v. 2, n. 2/3, p. 15-32, maio/dez. 1990. (1990-0000121)
509. ROCHA, Elisa Maria Pinto da; FERREIRA, Marta Araújo Tavares. Análise dos indicadores de inovação tecnológica no Brasil: comparação entre um grupo de empresas privatizadas e o grupo geral de empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 64-69, maio/ago. 2001. (2001-0000115)
510. ROCHA, Fábio. Estética contemporânea da periferia no documentário nacional: estudo sobre O Rap do Pequeno Príncipe contra as Almas Sebosas. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 208-215, 2008. (2008-0000016)
511. ROCHA, Marisa Perrone Campos. A questão cidadania na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 40-45, jan./abr. 2000. (2000-0000147)
512. ROCHA, Marisa Perrone Campos. Desenvolvimento de um referencial teórico para um sistema de informações gerenciais (SIG) para parlamentares e assessores na Câmara Legislativa do Distrito Federal: em busca de um modelo conceitual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 80-88, set./dez. 2003. (2003-0000253)
513. RODRIGUES, Ana Vera Finardi; MIRANDA, Celina Leite; CRESPO, Isabel Merlo. Inteligência competitiva em unidades de informação: ética e gestão. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 53-71, jul./dez. 2010. (2010-0000164)
514. RODRIGUES, Anderson. Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 43-51, maio/ago. 2005. (2005-0000184)
515. RODRIGUES, Georgete Medleg; ANDRADE, Patrícia Simas de; SIMÃO, João Batista. Sociedade da Informação no Brasil e em Portugal: um panorama dos livros verdes. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 89-102, set./dez. 2003. (2003-0000171)
516. RODRIGUES, Jorilson; CARICATTI, André. A pragmática no contexto da identificação de autoria de textos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 124-133, jan./abr. 2009. (2009-0000100)
517. RODRIGUES, Ricardo C.. Análise e tematização da imagem fotográfica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. (2007-0000481)
518. RODRIGUEZ CRUZ, Yunier; GALÁN DOMÍNGUEZ, Esther. La inteligencia organizacional: necesario enfoque de gestión de información y del conocimiento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 51-58, set./dez. 2007. (2007-0000325)
519. ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos de Clarice na exposição do Museu da Língua Portuguesa. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, fev. 2009. (2009-0000204)
520. ROSA, Flávia Garcia; GOMES, Maria João. Coordenadores de comunidades de repositórios institucionais: o caso do repositório 10.5007/1518-2924.2010v15nesp2p100. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 15, n. Esp., p. 100-115, Esp./2010. (2010-0000343)
521. ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. (2006-0000451)
522. ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminação Etnico-Raciais na Literatura Infante-Juvenil Brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 155-166, jul./dez. 1979. (1979-0000005)
523. ROSETTO, Márcia. Uso do protocolo z39.50 para recuperação de informação em redes eletrônicas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 136-139, maio/ago. 1997. (1997-0000106)
524. ROSSETTI, Adroaldo; MORALES, Aran Bey. O papel da tecnologia da informação na gestão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 124-135, jan./abr. 2007. (2007-0000390)
525. ROSSETTI, Adroaldo; PACHECO, Ana Paula Reusing; SALLES, Bertholdo; GARCIA, Marcos; SANTOS, Neri. A organização baseada no conhecimento: novas estruturas, estratégias e redes de relacionamento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 61-72, jan./abr. 2008. (2008-0000383)

526. RUMMLER, Guido. A disseminação de conteúdos em periódicos: propriedades bibliométricas, representações e medidas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 51-59, set./dez. 2008. (2008-0000413)
527. RUMMLER, Guido. Modelagem de um indicador bibliométrico para análise da dispersão de conhecimentos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 63-71, jan./abr. 2006. (2006-0000372)
528. SÁ, Elizabeth Schneider de. Participação dos pesquisadores de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia (MIP) na literatura científica internacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 5, n. 1 e 2, p. 43-69, 1976. (1976-0000013)
529. SACCHI JUNIOR, Nério. Serviços de alerta e sua realização nas bibliotecas universitárias brasileiras. *Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*, Bauru, v. 4, n. 1/2, p. 105-129, 1983. (1983-0000047)
530. SALCEDO, Diego A.. Lacunas na Arquivologia Contemporânea: uma perspectiva da Filatelia. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 104-113, jan./jul. 2006. (2006-0000397)
531. SALES, Celecina de Maria Veras. Juventude, espaços de formação e modos de vida. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 12, n. esp., p. 24-41, jun.2010. (2010-0000353)
532. SALES, Rodrigo de; CAFÉ, Lígia. Diferenças entre Tesouros e Ontologias. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 99-116, jan./abr. 2009. (2009-0000147)
533. Sam?a Campana. Três tratamentos marxianos selecionados sobre a nova relação capitalista de produção: trabalho imaterial, subsunção formal-intelectual e general intellect. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 266-285, set. 2009. (2009-0000251)
534. SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Da Biblioteconomia à Informática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 51-60, 1978. (1978-0000055)
535. SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; FONTES, Cybelle de Assumpção; REBELLO, Maria Alice de França Rangel; ZANI, Rosa Maria Fisci; BARREIROS, Adriana de Almeida; PRADO, Ana Mara Marques de Cunha; CORDEIRO, Eliana de Cássia Aquareli; VILLELA, Maria Cristina Olaió. PAQ – Programa de avaliação da qualidade de produtos e serviços de informação: uma experiência no SIBi/USP. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 142-148, jan./abr. 2004. (2004-0000015)
536. SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da Informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, 2010. (2010-0000401)
537. SANTANA, Heloísa Helena. A contribuição da extensão no contexto acadêmico e sua interação com a sociedade. *Informação & Informação*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 14-17, jan./jun. 1996. (1996-0000005)
538. SANTANA, Maria Aparecida Lourenço; DIAS, Eduardo José Wense; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Contribuições da psicologia do pensamento e da cognição para os indexadores relacionais de farradane. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 36-54, 1º sem. 2008. (2008-0000364)
539. SANTANA, Paulo Henrique de Assis; PACKER, Abel Laerte; BARRETTO, Marcia Ymanaka; SORTE, Geraldo. Servidor de enlaces: motivação e metodologia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 48-55, set./dez. 2001. (2001-0000101)
540. SANTOS JIMÉNEZ, Magday; CABRALES HERNÁNDEZ, Guzmán; ROJAS MESA, Yuniet; GREGORIO CHAVIANO, Orlando; RAMÍREZ MIRABAL, Rafael. Análisis de los actuales servicios de información para los centros de investigación. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 52-59, maio/ago. 2002. (2002-0000070)
541. SANTOS JÚNIOR, José Neiva. Planejamento de serviços de ICT. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 47-51, jan./abr. 1996. (1996-0000092)
542. SANTOS, Alaneir de Fátima dos; PAIM, Isis. A informação nos modelos organizacionais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2000. (2000-0000055)

543. SANTOS, Angela R. F. A. dos; FREZA, Elvira Maria; CAUTELA, Lucinda de Jesus T. C.. Estudo das necessidades de informação dos migrantes nordestinos que chegam a São Paulo e Brasília. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 229-259, jul./dez. 1984. (1984-0000008)
544. SANTOS, C. J. O.. Conhecer para conservar: a constituição e dispersão dos fundos arquivísticos da igreja católica na cidade de Goiás (GO). *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 52-69, ago./dez. 2006. (2006-0000083)
545. SANTOS, Rejane Silva Alves dos. A produção científica favorável à humanização dos novos tempos. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 54-67, 1997. (1997-0000003)
546. Santos, Vanderlei Batista dos. Gestão de arquivos pessoais. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 62-80, jan./jun. 2008. (2008-0000104)
547. SANTOS, Vilma Moreira dos. Necessidades de informação e usos de canais de informação nas diferentes etapas de projetos: revisão de literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 214-235, set. 1988. (1988-0000020)
548. SANZ-CASADO, Elías; MARTÍN-MORENO, Carmen; GARCÍA-ZORITA, Carlos; LASCURAIN-SÁNCHEZ, María Luisa. ¿Cómo responden los estudios de bibliotecología de las universidades españolas a las nuevas demandas sociales?. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 21-29, maio/ago. 2002. (2002-0000091)
549. SARACEVIC, Tefko. Educação em ciência da informação na década de 1980. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 3-12, 1978. (1978-0000057)
550. SAYÃO, Luís Fernando. Padrões para bibliotecas digitais abertas e interoperáveis. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 18-47, 1º sem. 2007. (2007-0000259)
551. SCHIRMBACHER, Peter. A nova cultura de publicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 51-57, maio/ago. 2006. (2006-0000327)
552. SCHLIE, Theodore W.. A utilização da informação sobre patentes em países em desenvolvimento: estudo de caso em andamento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 55-58, 1977. (1977-0000028)
553. SCHMIDT, Benito Bisso. Práticas e táticas: Michel de Certau (re) inventa o cotidiano. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 6, n. \$num, p. 79-93, 1994. (1994-0000039)
554. SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set./dez. 2003. (2003-0000153)
555. SENA, Nathália Kneipp. Open archives: caminho alternativo para a comunicação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 71-78, set./dez. 2000. (2000-0000235)
556. SENHORAS, Elói. As redes do desenvolvimento econômico e social no sistema de ensino superior brasileiro. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 138-153, mar. 2008. (2008-0000349)
557. SENRA, Nelson de Castro. Informação estatística: política, regulação, coordenação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, maio/ago. 1999. (1999-0000135)
558. SENRA, Nelson de Castro. Um olhar sobre os anuários estatísticos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 7-11, jan./abr. 1997. (1997-0000040)
559. SENSO, José A.; PIÑERO, Antonio de la Rosa. El concepto de metadato. Algo más que descripción de recursos electrónicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 95-106, maio/ago. 2003. (2003-0000128)
560. SEVERAL, Rejane da Silveira. A guerra guaraníca: um estudo de caso. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 7, n. \$num, p. 103-109, 1995. (1995-0000112)
561. SHERA, Jesse H.. Toward a theory of Librarianship and information science. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 87-98, 1973. (1973-0000018)

562. SILVA, Alzira Karla Araújo da; LIMA, Izabel França de; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Desvelando a interdisciplinaridade da ciência da informação: o enfoque dos alunos do PPGCI/UFMG. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 31-44, jan./abr. 2009. (2009-0000199)
563. SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. O sistema de informações estatísticas no Brasil e as relações entre seus produtores e usuários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 62-69, maio/ago. 2005. (2005-0000130)
564. SILVA, Armando B. Malheiro da. Documento e informação: as questões ontológicas e epistemológica. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 327-355, jul./dez. 2005. (2005-0000272)
565. SILVA, Edna Lúcia da. Conceitos de marketing e a gerência de bibliotecas universitárias. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 17-28, 1994. (1994-0000027)
566. SILVA, Edna Lúcia da; HOBOLD, Vera Ingrid. Projeto para implantação de um banco de dados manual sobre Santa Catarina. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 103-110, jul./dez. 1981. (1981-0000060)
567. SILVA, Edna Lúcia da; PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas na ciência da informação brasileira: um estudo nos artigos científicos publicados nos periódicos da área. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 38-50, set./dez. 2008. (2008-0000374)
568. SILVA, Esperdito Pedro. A abordagem informacional dos arquivos. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 82-101, jan./jun. 2008. (2008-0000186)
569. SILVA, Fábio Mascarenhas e. A informação científica e tecnológica brasileira no âmbito da sociedade da informação: uma análise das iniciativas governamentais. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 18-30, jan./jun. 2005. (2005-0000095)
570. SILVA, Fábio Rodrigo Pinheiro da; MARTINS, Neire do Rossio. Estudos sobre o sistema de arquivos da Universidade Estadual de Campinas. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 72-78, jan./jun. 2007. (2007-0000405)
571. SILVA, Helena Pereira da; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara Borges de; BRANDÃO, Marco Antônio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 28-36, jan./abr. 2005. (2005-0000068)
572. Silva, Hugo Oliveira Pinto e; Silva, Lucas Carlos de Oliveira; BARBOSA, Josué Sales. A recuperação de informação em trabalhos apresentados em encontros nacionais e regionais de estudantes de biblioteconomia, documentação, ciência e gestão da informação: uma proposta de utilização do programa open conference systems. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 59-75, jan./jun. 2010. (2010-0000113)
573. SILVA, Ivani Pires; VIANA, Maria Cecília Monteiro; FELIPE, Maria Cristina; CARVALHAL, Maria Olívia de Almeida; SIGOLO, Ricardo. Guia Nacional de Bibliotecas para Deficientes Visuais. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 3/4, p. 139-152, jul./dez. 1981. (1981-0000016)
574. SILVA, Janete Fernandes; FERREIRA, Marta Araújo Tavares; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Análise metodológica dos estudos de necessidades de informação sobre setores industriais brasileiros: proposições. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 129-141, maio/ago. 2002. (2002-0000053)
575. SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Segurança em arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 33-46, jul./dez. 1998. (1998-0000026)
576. SILVA, Maria Leonilda R. da. A imagem na Arquivologia e na História. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 47-55, jul./dez. 1998. (1998-0000040)
577. SILVA, Ralph Santos da. A documentação técnica em um centro de processamento de dados. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 45-56, jan./jun. 1983. (1983-0000107)
578. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 194-200, set./dez. 2006. (2006-0000197)

579. SILVA, Sérgio Conde de Albite. Em busca da consciência do que somos: a identidade nacional através da cultura. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 71-79, jan./jun. 1998. (1998-0000078)
580. SILVA, Sergio Luis da. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 143-151, maio/ago. 2004. (2004-0000064)
581. SILVA, Sergio Luis da. Informação e competitividade: a contextualização da gestão do conhecimento nos processos organizacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 142-151, maio/ago. 2002. (2002-0000122)
582. SILVA, Sergio Luis da; ROZENFELD, Henrique. Proposição de um modelo para avaliar a gestão do conhecimento no processo de desenvolvimento de produtos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 147-157, jan./abr. 2007. (2007-0000472)
583. SILVA, Welder Antônio; SANTOS, Patrícia Kelly dos. Gestão de Documentos: uma política arquivística capaz de contribuir com um programa de Inteligência Competitiva. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 78-102, jul./dez. 2007. (2007-0000358)
584. SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez. 2010. (2010-0000287)
585. SILVEIRA, Henrique Flávio Rodrigues da. Gestão da informação em organizações virtuais: uma nova questão para a coordenação interorganizacional no setor público. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 70-80, maio/ago. 2005. (2005-0000120)
586. SILVEIRA, Henrique Flávio Rodrigues da. Internet, governo e cidadania. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 80-90, maio/ago. 2001. (2001-0000030)
587. SILVEIRA, Henrique Flávio Rodrigues da. Motivações e fatores críticos de sucesso para o planejamento de sistemas interorganizacionais na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 107-124, maio/ago. 2003. (2003-0000115)
588. SILVEIRA, Henrique Flávio Rodrigues da. Um estudo do poder na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, set./dez. 2000. (2000-0000159)
589. SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; PRYTHON, Cecília Maria Freire; SCHMIDT, Susana; SILVA, Fábio Mascarenhas e. Estudo bibliométrico de fontes sobre Pernambuco. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 43-56, 2009. (2009-0000081)
590. SIMÃO, João Batista; RODRIGUES, Georgete Medleg. Acessibilidade às informações públicas: uma avaliação do portal de serviços e informações do governo federal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 81-92, maio/ago. 2005. (2005-0000145)
591. SINAY, Clara Budnik; MICHELSON, María Luisa de la Maza. Política de equidade no acesso á informação: avançando rumo a um Chile digital. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 68-74, maio/ago. 2006. (2006-0000247)
592. SMIT, Johanna W.. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 marias. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, jan./jun. 1993. (1993-0000005)
593. SOBRADOS LEÓN, Maritza. La inmigración en los medios de comunicación Españoles. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 42-52, jan./jun. 2006. (2006-0000264)
594. SORDI, José Osvaldo De; MEIRELES, Manuel. Melhoria da qualidade da informação organizacional pela agregação de resumo: análise de softwares geradores de resumo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 109-123, jan./abr. 2009. (2009-0000234)
595. SOUSA, Ana Paula de Moura; RODRIGUES, Alécia Silva; OLIVEIRA, Ângela Aparecida de. Princípios da descrição arquivística: do suporte convencional ao eletrônico. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 38-51, ago./dez. 2006. (2006-0000427)

596. SOUSA, Beatriz Alves de; PERUCCHI, Valmira. Busca de informações pelos alunos dos cursos superiores do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba - CEFET/PB. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 169-183, 1º sem. 2010. (2010-0000174)
597. SOUSA, R. T. B.. Classificação de Documentos Arquivísticos: trajetória de um conceito. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 120-142, ago./dez. 2006. (2006-0000084)
598. SOUTHWICK, Sílvia Barcellos. The Brazilian electronic theses and dissertations digital library: providing open access for scholarly information. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2006. (2006-0000314)
599. SOUTO, Patricia Cristina Nascimento. Gestão do conhecimento: revelação das lacunas perigosas que servem de base para a crítica e levam a outra perspectiva. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 64-73, maio/ago. 2007. (2007-0000485)
600. SOUTO, Patricia Nascimento. O Desenvolvimento das publicações eletrônicas e as mudanças no sistema de comunicação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 158-166, jan./abr. 2007. (2007-0000404)
601. SOUZA, Daniel Maurício Viana de. Informação e construção de conhecimento no horizonte museológico. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, p. 1-11, dez./09. (2009-0000001)
602. SOUZA, Edivanio Duarte de; OLIVEIRA, Débora Alves de. A análise documentária no grupo Temma: dos indícios às evidências da formação de unidades discursivas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 74-84, maio/ago. 2007. (2007-0000185)
603. SOUZA, Francisco das Chagas de. Lineamento geral para o estudo da Publicação Oficial no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 183-195, jul./dez. 1984. (1984-0000068)
604. SOUZA, Francisco das Chagas de; STUMPF, Katiusa. O tema "ética" na literatura periódica brasileira de *Ciência da Informação e Biblioteconomia*. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 77-85, set./dez. 2009. (2009-0000363)
605. SOUZA, Gláucia Helena Barbosa Pereira de. Indexação: economizando na entrada e na saída. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 225-231, set. 1976. (1976-0000019)
606. SOUZA, Juliana Lopes de Almeida. Revistas eletrônicas com uso de software livre. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 00-00, ago/2010. (2010-0000151)
607. SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa; VENDRUSCULO, Laurimar Gonçalves; MELO, Geane Cristina. Metadados para a descrição de recursos de informação eletrônica: utilização do padrão Dublin Core. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 93-102, jan./abr. 2000. (2000-0000111)
608. SOUZA, Renato Rocha; ALVARENGA, Lídia. A Web Semântica e suas contribuições para a ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 132-141, jan./abr. 2004. (2004-0000239)
609. SOUZA, Terezinha Batista de; CATARINO, Maria Elisabete; SANTOS, Paulo César dos. Metadados: catalogando dados na Internet. *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 93-105, maio/ago. 1997. (1997-0000105)
610. SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Fontes de informação financeira no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 1, jan./abr. 1999. (1999-0000185)
611. SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. O campo da ciência da informação e o patrimônio cultural: reflexões iniciais para novas discussões sobre os limites da área. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 1-23, 1º sem. 2010. (2010-0000089)
612. SPERANDIO, Liliana. Histórico da Biblioteca Pública do Paraná. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 199-202, jul./dez. 1974. (1974-0000027)
613. STENZEL, Norma. Bibliotecas e usuários na área de planejamento. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, v. 6, n. 1, p. 181-193, jun. 1983. (1983-0000069)

614. STREHL, Letícia. O fator de impacto do ISI e a avaliação da produção científica: aspectos conceituais e metodológicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2005. (2005-0000168)
615. SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. (2000-0000174)
616. SUGAHARA, Cibele Roberta; JANNUZZI, Paulo de Martino. Estudo do uso de fontes de informação para inovação tecnológica na indústria brasileira. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005. (2005-0000060)
617. TARAPANOFF, Kira. O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 103-119, jul./dez. 1989. (1989-0000105)
618. TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de; CORMIER, Patrícia Marie Jeanne. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000. (2000-0000200)
619. TARGINO, Maria das Graças. Uma política de dinamização do carro-biblioteca como instrumento de ação cultural no Estado da Paraíba. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 65-75, jan./jun. 1983. (1983-0000004)
620. TARGINO, Maria das Graças; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Ciência brasileira na base de dados do Institute for Scientific Information (ISI). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 103-117, jan./abr. 2000. (2000-0000175)
621. TAVARES, Carla; FREIRE, Isa Maria. "Lugar do lixo é no lixo": estudo de assimilação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 125-135, maio/ago. 2003. (2003-0000104)
622. TAVARES, Margarete Rosa; VALIM, Glória Maria Moreira. Arquivos privados: bibliografia. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 96-103, jul./dez. 1986. (1986-0000085)
623. TAYLOR, Mitsi Westphal. Serviços Bibliotecários nas Áreas Rurais no Estado de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 18, n. 3/4, p. 27-38, jul./dez. 1985. (1985-0000091)
624. TESTA, Antônio Flávio. Cidadania digital e competitividade. *Inclusão Social*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 67-72, out. 2006/mar. 2007. (2007-0000172)
625. THOMAZ, Katia P.. Gestão e preservação de documentos eletrônicos de arquivo: revisão de literatura parte 2. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 114-131, jan./jul. 2006. (2006-0000274)
626. THOMAZ, Katia P.. Repositórios digitais confiáveis e certificação. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-89, jan./jun. 2007. (2007-0000512)
627. THOMAZ, Katia P.; SANTOS, Vilma Moreira dos. Metadados para o gerenciamento eletrônico de documentos de caráter arquivístico - GED/A: estudo comparativo de modelos e formulação de uma proposta preliminar. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, ago. 2003. (2003-0000155)
628. TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; CHIARA, Ivone Guerreiro Di. Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. (2005-0000171)
629. TORRES PONJUAN, Deborah; PONJUÁN DANTE, Gloria. Influencias ergonómicas en la Visualización de Información. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 17-36, jan./jun. 2010. (2010-0000221)
630. TORRES, Luiz Henrique. O conceito de história e historiografia. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 8, n. \$num, p. 53-59, 1996. (1996-0000162)
631. TORRES, Luiz Henrique. O Rio Grande do Sul e a identidade nacional: os congressos de história e geografia (1935-40). *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 7, n. \$num, 1995. (1995-0000101)
632. TORRES, Luiz Henrique. Política indigenista e o processo histórico brasileiro.. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 5, n. \$num, 1993. (1993-0000075)

633. TORRES, Oscar Duarte; VELHO, Lea. La bioprospección como un mecanismo de cooperación internacional para fortalecimiento de capacidades en ciencia y tecnología en Colombia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 96-110, set./dez. 2009. (2009-0000166)
634. TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistemas de classificação facetados e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2004. (2004-0000043)
635. TSUPAL, Rodolfo. Bibliotecas públicas portuguesas e o livre acesso. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 80-102, jan./jun. 1988. (1988-0000032)
636. URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. A Lei de Lotka na bibliometria brasileira. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002. (2002-0000042)
637. URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. A produtividade dos autores sobre a lei de Lotka. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, p. 87-102, maio/ago. 2008. (2008-0000399)
638. URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. Crescimento da literatura e dos autores sobre a Lei de Lotka. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 111-129, set./dez. 2009. (2009-0000411)
639. URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 69-79, maio/ago. 2009. (2009-0000034)
640. URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén; OLIVEIRA, Marlene de. A COMUNIDADE CIENTÍFICA DA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 13-29, jan./abr. 2008. (2008-0000100)
641. VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Informação em ciência e tecnologia: políticas, programas e ações governamentais – uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 92-102, set./dez. 2002. (2002-0000161)
642. VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Assumindo um novo paradigma na Biblioteconomia. *Informação & Informação*, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-6, jul./dez. 1995. (1995-0000027)
643. VALENTIM, Marta Lígia Pomim; LENZI, Livia Aparecida Ferreira; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; CARVALHO, Elizabeth Leão de; GARCIA, Heliéte Dominguez; CATARINO, Maria Elisabete; TOMAÉL, Maria Inês. O processo de inteligência competitiva em organizações. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, jun. 2003. (2003-0000131)
644. VÁLIO, Else Benetti Marques. *Ciência da Informação na Pós-graduação: nas trilhas do desafio*. Transinformação, Campinas, v. 5, n. 1/2/3, p. 23-28, 1993. (1993-0000012)
645. VÁLIO, Else Benetti Marques; MENEZES, Estera Muszkat; PELOSO, Ana Lúcia Vieira. Avaliação nos planos de disciplina da Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCAMP (1977-1987). *Transinformação*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 85-98, jan./abr. 1990. (1990-0000090)
646. VANTI, Nadia. Os links e os estudos webométricos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 78-88, jan./abr. 2005. (2005-0000069)
647. VARELA, Aida; CASTRO, Maura Iclea; GUIMARÃES, Igor Barauna. *Ciência da Informação: atuação profissional e as contribuições para o desenvolvimento do campo científico por parte dos egressos do PPGCI (ICI/UFBA)*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 76-87, set./dez. 2008. (2008-0000427)
648. VARGAS-QUESADA, Benjamín; MOYA-ANEGÓN, Félix de; LOBO, Dolores Olvera. Enfoques en torno al modelo cognitivo para la recuperación de información: análisis crítico. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 107-119, maio/ago. 2002. (2002-0000049)
649. VASCONCELOS, Rosa Maria Araújo de Godoy. Avaliação de Desempenho do Sistema de Bibliotecas. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, v. 11, n. 1, p. 145-154, dez. 1989. (1989-0000003)
650. VEIGA FILHO, João Pimenta da. A universalização da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 7-12, jan./abr. 2001. (2001-0000047)

651. VELLOSO, Ricardo Viana. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008. (2008-0000386)
652. VENÂNCIO, Ludmila Salomão; NASSIF, Mônica Erichsen. O comportamento de busca de informação sob o enfoque da cognição situada: um estudo empírico qualitativo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 1, p. 95-106, jan./abr. 2008. (2008-0000357)
653. VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Estabelecimentos de políticas para o desenvolvimento de coleções. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 193-202, jul./dez. 1987. (1987-0000081)
654. VERGUEIRO, Waldomiro. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervecência. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 1997. (1997-0000110)
655. VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, jul./dez. 1986. (1986-0000040)
656. VIEIRA, Anna da Soledade. Como escolher os campos para um banco de dados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 41-53, 1975. (1975-0000021)
657. VIEIRA, Anna da Soledade. Meio ambiente e desenvolvimento sustentável: fontes para compreensão do discurso político-ambiental do governo brasileiro. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 7-13, jan./abr. 1992. (1992-0000048)
658. VIEIRA, Anna da Soledade. Monitoração da competitividade científica e tecnológica dos estados brasileiros. Um instrumento de macropolítica de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 174-189, maio/ago. 1999. (1999-0000088)
659. VIEIRA, Anna da Soledade. Política brasileira de informação ambiental. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 3-7, 1981. (1981-0000049)
660. VIEIRA, Anna da Soledade; LIMA, Etelvina. A pós-graduação em Biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 125-135, set. 1977. (1977-0000061)
661. VIEIRA, Antonio Euclides da Rocha. Aspectos algébricos da segurança da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 59-68, 1977. (1977-0000002)
662. VIEIRA, Carlos Alberto de Souza. A coleta de amostras representativas de um acervo documental: o caso do poder judiciário do Estado do Rio de Janeiro. *Arquivística.net*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 31-42, jul./dez. 2005. (2005-0000200)
663. VILAN FILHO, Jayme Leiro; BURNIER, Sonia. Aspectos relevantes para a construção e uso de bases de dados bibliográficos. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 167-176, jul./dez. 1990. (1990-0000034)
664. VITAL, Luciane Paula; FLORIANI, Vivian Mengarda. Metodologia para planejamento estratégico e gestão de serviços em unidades de informação. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 24-44, jan./jun. 2009. (2009-0000044)
665. VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. (2009-0000190)
666. VITRO, Robert A.. Para uma economia de desenvolvimento baseado em conhecimento. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 09-37, jan./jun. 1993. (1993-0000037)
667. WANDERLEY, Ana Valéria Medeiros. Um instrumento de macropolítica de informação. Concepção de um sistema de inteligência de negócios para gestão de investimentos de engenharia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 190-199, maio/ago. 1999. (1999-0000125)

668. WANDERLEY, Manoel Adolpho. Linguagem documentária: acesso á informação. Aspectos do problema. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 175-217, 1973. (1973-0000044)
669. WEIL, Pierre. A normose informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, maio/ago. 2000. (2000-0000134)
670. WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. (2000-0000218)
671. WITTER, Geraldina Porto. O formato das referências e aprendizagem acidental durante a leitura: um estudo com docentes universitários. *Transinformação*, Campinas, v. 3, n. 1/2/3, p. 115-129, 1991. (1991-0000001)
672. WITTER, Geraldina Porto. Títulos de dissertações e teses em Biblioteconomia e Ciência da Informação (1972-1992). *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 3, p. 104-119, set./dez. 1997. (1997-0000093)
673. WITTER, Geraldina Porto; SOUZA, Jamili Rasoul Salem. British psychophysiology society annual meeting (2005): análise da produção. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 85-91, maio/ago. 2007. (2007-0000354)
674. YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo a letra e de volta ao mundo. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 6-29, jan./jun. 1999. (1999-0000154)
675. ZANAGA, Mariângela Pisoni. Educação contínua: atitudes e experiências dos bibliotecários do Sistema de bibliotecas da UNICAMP. *Transinformação*, Campinas, v. 1, n. 3, p. 55-74, set./dez. 1989. (1989-0000043)
676. ZANAGA, Mariângela Pisoni; LIESENBERG, Hans Kurt Edmund. Autoria e compartilhamento social: a criação de conteúdos na internet. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, fev. 2008. (2008-0000089)
677. ZANGISKI, Marlene Aparecida da Silva Gonçalves; LIMA, Edson Pinheiro de; COSTA, Sérgio Eduardo Gouvêa da. Uma discussão acerca do papel da aprendizagem organizacional na formação de competências. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 142-159, set./dez. 2009. (2009-0000140)
678. ZANI, Rosa Maria Fischi; RUIZ, Alexandre Merlos; CAMPOS, Élyde Maurício de; CARVALHO, Maria José de Jesus; SANTOS, Regiane Pereira dos; FARIA, Ricardo Amaral de; FRANCO, Solange Alves Otto. SIA - Sistema de Inventário Automatizado para as bibliotecas do SIBI/USP. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 97-103, jan./abr. 2007. (2007-0000269)
679. CARDOSO, Marison Simões. Na dúvida!? Ligue-se na rádio peão. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 15-32, maio/ago. 1996. (1996-0000126)
680. CINTRA, Anna Maria Marques. Subjetividade e interdisciplinaridade na Biblioteconomia. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 32-43, set./dez. 1996. (1996-0000099)
681. FREIRE, Isa Maria; ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. A responsabilidade social da Ciência da Informação. *Transinformação*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 1999. (1999-0000080)
682. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Comentários ao Artigo "Hacia un nuevo paradigma en Bibliotecologia". *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996. (1996-0000015)
683. LEROUX, Liliane. Informação e autoformação nas narrativas de si: o compromisso com a verdade e o desvio ficcional. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 260-272, 2010. (2010-0000266)
684. LUKINBEAL, Christopher. Mobilizing the cartographic paradox: tracing the aspect of cartography and prospect of cinema. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 1-32, 2010. (2010-0000134)
685. MARCHIORI, Patrícia Zeni; BETTONI, Eduardo Michelotti; APPEL, Andre Luiz; TABORDA, Carlos Alexandre Lourenço. Aspectos estruturais e motivacionais e possíveis zoneamentos discursivos em software social acadêmico. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 355-369, 2010. (2010-0000186)
686. MOREIRA, Wálter; MOSTAFA, Solange Puntel. As garantias no texto de Froehlich. *Transinformação*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 38-48, maio/ago. 1998. (1998-0000143)

687. MOSTAFA, Solange Puntel; OLIVEIRA, Rosa Maria Vivona Bertolini. O PROIN da PUCCAMP. *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 27-34, maio/ago. 1997. (1997-0000052)
688. PONTES, Rute Batista de; VÁLIO, Else Benetti Marques. Leitura do bibliotecário acadêmico: formação e atuação. *Transinformação*, Campinas, v. 10, n. 3, p. 45-72, set./dez. 1998. (1998-0000013)
689. QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 33-53, 2010. (2010-0000420)

## APÊNDICE E – OPÇÕES METODOLÓGICAS IDENTIFICADAS NA BRAPCI PARA AS CATEGORIAS PROPOSTAS

<b>QUANTO AOS FINS DA PESQUISA</b>
Exploratória
Descritiva
Explicativa
Metodológica
Pesquisa de avaliação

<b>QUANTO AOS MEIOS DA PESQUISA</b>
Estudo Comparativo
Estudo de Caso
Estudos Métricos da Informação
Estudo Experimental
Estudo Bibliográfico
Intervencionista
Levantamento
Pesquisa de Campo
Pesquisa de Custo
Pesquisa de Laboratório
Pesquisa de Mercado
Pesquisa Documental
Pesquisa Operacional
Pesquisa Participante
Pesquisa Ex-Post-Facto
Pesquisa Ação

<b>QUANTO AOS ENFOQUES</b>
Histórico
Teórico
Dialético
Etnográfico
Fenomenológico
Reflexivo (metodologia reflexiva)
Hermenêutico
Bibliométrico
Cientométrico
Infométrico
Patentométrico
Webométrico

<b>QUANTO ÀS TÉCNICAS</b>	
Análise ou projeto de Sistema ou Programa	Observação Indireta
Biografia Institucional	Observação em equipe
<i>Casework</i>	Observação Individual
<i>Dashboard</i>	Observação Participante
Entrevista Não Tipificada	Observação Não Participante
Entrevista Focalizada	Questionário
Entrevista Não dirigida	Survey (Enquete)
Entrevista Não estruturada	Técnica de Cenários
Entrevista Padronizada	Técnica Delphi
Entrevista Semi-estruturada	Triangulação de técnicas
Foco em grupo (Ver Grupo Focal)	
Formulário	
Grupo Focal	
História de Vida	
Incidente Crítico	
Mapas conceituais	
Metodologia de Sistemas Flexíveis	
Mineração de Dados	
Mineração de Textos	
Monitoramento Tecnológico	
Observação não tipificada	
Observação Sistemática	
Observação Assistemática	
Observação Direta	

<b>QUANTO AOS TIPOS DE ANÁLISES</b>
Análise de Citação
Análise de Conteúdo
Análise de Contexto
Análise de Redes Sociais
Análise de Tarefas e Resolução de Problemas
Análise de Discurso
Análise Documental
Análise de Conjuntura

## ANEXO A – PRODUTIVIDADE ANUAL DE PESQUISAS DA BRAPCI

Relatório Bibliométrico da produtividade anual de pesquisas da Brapci, do qual deriva o corpus documental da pesquisa.

